

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA**

**PUC-SP**

**DENISE MIRANDA DE FIGUEIREDO**

**DIÁLOGOS INTERCULTURAIS  
DENTRO DE UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**SÃO PAULO**

**2013**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA**

**PUC-SP**

**DENISE MIRANDA DE FIGUEIREDO**

**DIÁLOGOS INTERCULTURAIS**

**DENTRO DE UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA**

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutora em Psicologia Clínica, sob a orientação da PROF. DOUTORA ROSA MARIA STEFANINI DE MACEDO.

**SÃO PAULO**

**2013**

São Paulo, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



*A minha profunda admiração a todos os estudantes que corajosamente deixaram suas terras e vieram em busca da realização de um sonho, que em suas narrativas contaram um pedaço de sua história...  
minha eterna gratidão!!!*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo, por toda sua generosidade em ceder tantos ensinamentos, minha eterna gratidão.

Ao CNPq, pela confiança depositada em mim, pela bolsa concedida.

A todos os professores que me acompanharam nestes quatro anos de pesquisa, em especial aos Doutores que compõem essa banca examinadora, minha profunda admiração.

Ao Júnior, meu amor, grande companheiro, que muitas vezes cedeu o seu lugar ao computador e a horas de pesquisa intermináveis, conseguindo acessar em mim o que eu tenho de melhor.

À minha mãe, a primeira pessoa que me falou da África, me despertando curiosidade suficiente para viver esse projeto.

Às minhas queridas amigas, especiais, fiéis em todos os momentos, que me acompanharam nessa trajetória. A vida se torna mais divertida com vocês.

## RESUMO

Esta tese de doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo tem como objetivo compreender experiências singulares de deslocamento de estudantes universitários para a cidade de São Paulo, capital, provenientes de diferentes regiões do Continente Africano, matriculados em instituições de Ensino Superior. Nesta pesquisa optamos pela abordagem qualitativa por esta se apresentar como a mais adequada, visto que está baseada num paradigma que contempla a subjetividade humana, possibilitando construir relações com os participantes, que permitem maior acessibilidade aos significados das experiências vividas por eles. Como instrumento, utilizamos a entrevista semiestruturada, a qual permite a criação de um campo conversacional em que os participantes poderão trazer suas experiências pessoais, narrando-as de forma natural e tranquila. Para dar conta deste desafio, entrevistamos seis jovens que vivem essa experiência. Dois destes jovens são provenientes de Angola, dois, da Guiné-Bissau, uma estudante é nigeriana e outra, proveniente de Cabo Verde. Na realização da transcrição das entrevistas nos atentamos às falas recorrentes entre as narrativas dos jovens e para os temas centrais que delas surgiram, norteando assim a construção das nossas categorias e subcategorias que foram analisadas. A saber: **I Categoria:** Minha rede na África; De onde venho? **II Categoria:** Onde estou? Com quem conto hoje? De quem me lembrarei? **III Categoria:** O Brasil noticiado e o Brasil experimentado. **IV Categoria:** O preconceito e suas diferentes tonalidades. **E como subcategorias:** A difícil arte de identificar o preconceito velado, a ignorância reforçando o preconceito, a negritude no Brasil e seu impacto na migração dos jovens, o preconceito entre os próprios Africanos e as diferentes nuances de sentir-se só. **V Categoria:** Marcas impressas pela experiência de migração.

Palavras-chave: Diversidade, diálogo intercultural, migração internacional temporária, identidade.

## ABSTRACT

This doctoral thesis submitted to the Program of Postgraduate Studies in Clinical Psychology at the Catholic University of São Paulo aims to understand the unique experiences of displacement of college students to the capital city of São Paulo, from different regions of the African continent, enrolled in institutions of Higher Education. In this research we opted for a qualitative approach to present this as the most appropriate, since it is based on a paradigm that involves the human subjectivity, enabling participants to build relationships that allow greater access to the meanings of experiences for them. As a tool, we use the semi-structured interview, which allows the creation of a field in which conversational participants can bring their personal experiences, narrating them in a natural and peaceful form. To cope with this challenge, we interviewed six young men who live this experience. Two of these young people are from Angola, two from Guinea-Bissau, one student is Nigerian and another, from Cape Verde. In conducting the interview transcript we look at the recurring lines between the narratives of young people and the central themes that emerged them, thus guiding the construction of our categories and subcategories that were analyzed. Namely: **Category I:** My network in Africa; Where did I come from? **Category II:** Where am I? Who can I count on? Who do I think about? **Category III:** The Brazil experienced and the Brazil reported. **Category IV:** Prejudice and its different shades. **And as subcategories:** The difficult art of identifying veiled prejudice, ignorance reinforcing prejudice, blackness in Brazil and its impact on migration of young people, prejudice among Africans themselves and the different nuances of feeling alone. **Category V:** Marks imprinted by the migration experience.

Keywords: diversity, intercultural dialogue, temporary migration, identity.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – OBJETIVOS DO ESTUDO	13
1. Objetivo Geral	13
2. Objetivo Específico	13
CAPÍTULO II – FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	14
1. Método	14
2. Instrumento	14
3. Participantes	15
4. Procedimento	15
5. Considerações Éticas	16
CAPÍTULO III – GLOBALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	17
CAPÍTULO IV – DIVERSIDADE CULTURAL / DIÁLOGO INTERCULTURAL	20
CAPÍTULO V – DIÁLOGOS BRASIL / ÁFRICA	25
1. MIGRAÇÃO / MIGRAÇÃO INTERNACIONAL TEMPORÁRIA	27
CAPÍTULO VI – IDENTIDADE AFRICANA, SERÁ POSSÍVEL?	31
CAPÍTULO VII – ESTUDANTES AFRICANOS EM UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA	35
CAPÍTULO VIII – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXO I: GRÁFICOS	69
ANEXO II: ROTEIRO PARA ENTREVISTA	71
ANEXO III: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	73
ANEXO IV: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	75
ANEXO V: SELEÇÃO DAS FALAS DOS JOVENS PARA CATEGORIZAR	147



## INTRODUÇÃO

À medida que o mundo se transforma numa aldeia global, o aumento das migrações e o crescimento das cidades contribuem para intensificar a visibilidade da diversidade cultural, e as experiências são marcadas por fronteiras menos delineadas no contexto da globalização, no qual se prolifera o contato entre diferentes culturas.

As novas tecnologias revolucionam os meios de comunicação, difundem a informação e interferem no mercado de trabalho e nas relações sociais, tornando-se, no plano econômico e político, cada vez mais transnacionais e, no plano cultural, enfrentando o desafio da hibridação e diversidade.

Anthony Giddens (2000), em seu livro *Mundo em descontrole – o que a globalização está fazendo de nós*, aborda o fenômeno da globalização como uma revolução global da vida cotidiana, cujas consequências estão sendo sentidas no mundo todo, em esferas que vão do trabalho à política. A globalização é constituída por um universo no qual as fronteiras geográficas, a distância e o tempo são redefinidos de tal forma que um acontecimento em um país tem impacto direto em outros.

Sem dúvida, esse novo contexto facilita o acesso à diversidade cultural, multiplicando as oportunidades de pessoas e/ou comunidades estabelecerem diálogos interculturais, expressando suas diferentes vozes. Paradoxalmente, esta multiplicidade de opções pode constituir diversas formas de isolamento cultural e certas dificuldades de pessoas e/ou comunidades se comunicarem e se entenderem.

Este é um dos grandes paradoxos vividos por nós na contemporaneidade: lidar com a preservação da identidade cultural de pessoas e/ou comunidades ao mesmo tempo em que a promoção do diálogo entre as culturas adquirem diferentes perspectivas. Neste contexto, faz-se necessário desenvolver novas visões sobre o diálogo intercultural.

O Relatório Mundial da Unesco (2009) baseia-se na convicção de que a educação é essencial para combater a ignorância e a desconfiança que provocam os conflitos humanos, dado que os preconceitos são também originados por aquilo que não sabemos, não conhecemos. Favorecer a abertura cultural é a chave para promover o diálogo intercultural.

Morin (2002) pontua que a unidade está na diversidade, e a mesma diversidade encontra-se na unidade. Esse binômio, unidade e diversidade, tão essencial para a nossa

sociedade, dependendo da forma como é experimentado, pode separar ou unir culturas, pessoas e/ou comunidades.

Acreditamos que a construção da identidade individual e coletiva de pessoas e/ou comunidades passa pela tolerância à diversidade humana, através da qual se desenvolvem crenças, valores e novos jeitos de se perceber a possibilidade de construir a singularidade das pessoas, favorecendo o alcance de uma sociedade mais pacífica, na qual se possa também desenvolver uma cultura de paz.

Macedo (1991) destaca o quão relevante é aceitarmos a nossa identidade cultural, contribuindo para que nos sintamos confortáveis frente à identidade cultural dos outros.

A relevância desta pesquisa se dá ao buscar compreender, por meio das histórias de vida, como é ser um estudante estrangeiro, proveniente do Continente Africano, dentro de uma Universidade Brasileira, como também, entender os cruzamentos interculturais entre esses estudantes e como esse fenômeno constitui a diversidade na Universidade.

A emigração estudantil africana não é recente. Anjos (2002) destaca em sua pesquisa que já nas décadas de 1930 a 1950 alguns jovens se beneficiavam de bolsas de estudos para frequentar cursos superiores, principalmente no Continente Europeu. Essa geração era composta por uma minoria que falava fluentemente português e /ou francês e que, de alguma maneira, ocupavam lugar de destaque em suas metrópoles.

A partir da década de 1990, essas migrações começam a ter lugar de destaque nas universidades brasileiras que registram uma presença expressiva de estudantes provenientes de diferentes países do Continente Africano para frequentarem diversos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil.

A vinda desses estudantes ao Brasil acontece por meio de Programas de Cooperação existentes entre o Brasil e os Países Africanos. É a partir destes Programas que cidadãos africanos ingressam em instituições de ensino superior brasileiras, e pretendemos, aqui, compreender quais significados tais alunos dão para essa experiência, fenômeno que tem constituído a diversidade cultural de algumas universidades brasileiras, em especial a Pontifícia Universidade Católica.

Dados da Pontifícia Universidade Católica contam que a adesão da PUC ao PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação) ocorre desde 1978. Este programa tem tradição desde a década de 1960, quando o Grão Chanceler Dom Paulo Evaristo Arns e o Reitor Oswaldo Aranha Bandeira de Mello decidiram acolher

estudantes latino-americanos, refugiados políticos e perseguidos pelas ditaduras militares, instalados no Brasil e nos seus respectivos países.

Hoje temos o total de 45 estudantes matriculados na PUC por intermédio do PEC-G, sendo 38 provenientes do Continente Africano, os quais pertencem à população que estudamos. O gráfico explicativo apresentado no Anexo I mostra a distribuição desses alunos entre os anos de 2006 e 2011.

Compreendemos a migração não apenas como um deslocamento geográfico, mas também como eventos que constituem as escolhas de cada um desses estudantes provenientes de diferentes países do Continente Africano, os quais foram ouvidos durante essa pesquisa.

No período contemporâneo, as causas do fenômeno de emigração estudantil africana são múltiplas, destacando-se, entre outras, a inexistência e/ou insuficiência de cursos de ensino naqueles países. A maior parte dos países africanos possui um sistema de educação básica deficiente e enfrenta graves problemas sociais que se refletem diretamente no baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de seus habitantes, como nos pontua Dulce (2006).

Uma grande preocupação do Relatório Mundial da Unesco diz respeito ao diálogo intercultural constituído em grande parte pelas competências interculturais, definidas como o conjunto de capacidades necessárias para um relacionamento adequado com os que são diferentes de nós. Essas capacidades são de natureza fundamentalmente comunicativa, mas também compreendem a reconfiguração de pontos de vista e concepções de mundo, pois, menos que as culturas, são as pessoas (indivíduos e grupos com sua complexidade e múltiplas expressões) que participam no processo deste diálogo.

O êxito do diálogo intercultural não depende tanto do conhecimento dos outros como da capacidade básica de ouvir, da flexibilidade cognitiva, da empatia, da humildade e da hospitalidade. E é nesse sentido, e com o propósito de escutar diferentes histórias, dando voz para alguns estudantes estrangeiros provenientes de diferentes países do Continente Africano, que nos propomos a trilhar esse caminho, acreditando que essa compreensão nos ajudará a construir, dentro da universidade, espaços que contemplem o maior número de culturas, desenvolvendo o diálogo intercultural entre a comunidade estudantil.

Este trabalho de pesquisa, ao se debruçar sobre o tema do diálogo intercultural

dentro de uma Universidade Brasileira, se propõe a discutir o tema em oito capítulos, como segue.

No primeiro capítulo apresentaremos os objetivos da pesquisa e, no segundo capítulo, os fundamentos metodológicos. No terceiro capítulo abordaremos as questões da globalização e da educação intercultural com o intuito de contextualizar o nosso trabalho de pesquisa. No quarto capítulo, ideias sobre a diversidade cultural e o diálogo intercultural constituem o foco. O quinto capítulo percorrerá os caminhos estabelecidos pelo diálogo Brasil/África em uma linha do tempo para a compreensão do nosso objetivo final, junto com uma breve explanação sobre migração e, mais especificamente, migração internacional temporária. No sexto capítulo falaremos da construção da identidade com foco na identidade africana. No sétimo capítulo enfocaremos a população que será ouvida – os estudantes africanos em uma Universidade Brasileira. Para finalizar, no capítulo oitavo, apresentaremos a análise das entrevistas dos estudantes seguida das considerações finais.

# CAPÍTULO I

## OS OBJETIVOS DO ESTUDO

### *1. Objetivo Geral*

Compreender experiências singulares de deslocamento de estudantes universitários para a cidade de São Paulo, capital, provenientes de diferentes regiões do Continente Africano matriculados em instituições de Ensino Superior.

### *2. Objetivo Específico*

Compreender, por meio das histórias de vida, como é ser um estudante estrangeiro dentro de uma Universidade Brasileira.

Compreender como acontecem os cruzamentos interculturais e como esse fenômeno constitui a diversidade na Universidade.

## **CAPÍTULO II**

### **FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS**

#### ***1. Método***

Segundo Gil (1996), definir método é traçar um caminho a ser percorrido para chegar a um determinado fim. Portanto, é preciso adotar um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para atingir esse conhecimento. Para este estudo, o delineamento adotado é o da pesquisa qualitativa. A abordagem qualitativa se apresenta como a mais adequada para a realização desta pesquisa, pois, como pontua Macedo (2008), ela está baseada num paradigma que contempla a subjetividade humana, possibilitando construir relações com os participantes que permitem maior acessibilidade aos significados das experiências vividas por eles.

Na opinião de Grandesso (2000), compreender implica vivenciar a subjetividade do outro. É uma fusão entre o mundo do pesquisador e o mundo do pesquisado, desvendando um horizonte que aponta para algo diferente do que já foi encontrado. Assim, a pesquisa qualitativa possibilita tal articulação, entre a subjetividade do pesquisador e a do pesquisado, promovendo a produção de conhecimento e a análise profunda do objeto de estudo a ser pesquisado. Nesta perspectiva, a metodologia da pesquisa qualitativa é considerada uma bricolagem, uma construção através da articulação de diferentes falas que surgem do discurso e dos significados atribuídos pelos sujeitos pesquisados. Tal articulação constitui uma construção histórica e social através da qual buscamos compreender os significados atribuídos por cada sujeito à experiência vivida. Neste sentido, nosso objetivo não foi buscar uma verdade absoluta e universal, mas, ao contrário, ampliar o olhar frente ao fenômeno da migração internacional temporária, co-construindo os significados atribuídos a esta experiência pelas pessoas que foram entrevistadas.

#### ***2. Instrumento***

Sendo a entrevista semiestruturada um método de pesquisa qualitativo, optamos por fazer, neste estudo, o uso deste instrumento. A entrevista semiestruturada permite a

criação de um campo conversacional em que os participantes poderão trazer suas experiências pessoais, narrando-as de forma natural e tranquila. Para isso, elaboramos um roteiro prévio, com algumas questões que ajudarão a alcançar o objetivo da pesquisa. (As questões se encontram no Anexo II).

### ***3. Participantes***

Para dar conta deste desafio, entrevistamos seis jovens que vivem essa experiência. Dois destes jovens são provenientes de Angola, os quais, na pesquisa, chamarei de Muniz e Juca; dois são da Guiné-Bissau, que denominamos Lorival e Antônia; uma estudante veio da Nigéria, que chamaremos Glória; e Maria Felícia, proveniente de Cabo Verde. Os participantes da pesquisa foram escolhidos a partir de uma amostra de conveniência, envolvendo jovens que estejam vivendo a migração internacional temporária, vindos de diferentes países do Continente Africano e cursando a graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (Ver Anexo IV).

### ***4. Procedimento***

A princípio, procuramos saber qual é o setor responsável por receber os estudantes do Continente Africano nesta instituição de ensino. Entramos em contato, então, com os responsáveis pelo PEC-G. Tivemos duas reuniões nas quais pudemos entender melhor o Programa, como estes estudantes eram acolhidos, qual o papel do setor frente a estes jovens e, a partir destas conversações, escolhemos a melhor estratégia para entrar em contato com os estudantes. Uma das responsáveis sugeriu que, em primeiro lugar, ela entrasse em contato com os estudantes, apresentando-lhes um breve histórico sobre a pesquisa que estava sendo realizada, e perguntando se alguns destes teriam interesse em participar. À medida que eles tivessem interesse em participar, ela me passaria o contato e eu agendaria os encontros com cada estudante, definindo o local e a data para a realização das entrevistas com cada um deles, dependendo de suas disponibilidades. A partir do momento em que colocamos a estratégia em prática, comecei a entrar em contato com os estudantes, privilegiando o maior número de países representados pelos jovens africanos. As entrevistas aconteceram na própria Universidade. Marcávamos um ponto de encontro, geralmente na biblioteca ou em frente ao Programa, e buscávamos uma sala onde pudessemos ter privacidade, para que os participantes se sentissem confortáveis para narrar suas histórias. Todas as entrevistas foram gravadas com prévia autorização dos

participantes. Os dados foram colhidos a partir da transcrição das fitas, sendo os nomes alterados para a preservação das identidades dos mesmos.

## ***5. Considerações Éticas***

Durante o processo de escolha dos participantes do estudo, foram seguidos todos os pré-requisitos necessários para a pesquisa envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução n. 196/96 (Ministério da Saúde, 1996). O projeto teve a aprovação do Comitê de Ética da PUC-SP, sob o número 252/2011, aprovado em 26/09/2011.

Para o desenvolvimento da pesquisa, os participantes concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentado no Anexo III. Nele é garantido total sigilo sobre suas identidades, bem como são preservados de qualquer forma de prejuízo à sua saúde, no decorrer do estudo; caso houvesse alguma situação que necessitasse de apoio psicológico, o pesquisador se colocou à disposição para atendê-los.

Foi garantida aos sujeitos da pesquisa a liberdade de interromper sua participação quando desejassem e foi permitido o acesso a todos os dados e resultados obtidos com essa pesquisa.



## CAPÍTULO III

# GLOBALIZAÇÃO, EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

*As pessoas se educam em relação, mediatizados pelo mundo, ao mesmo tempo em que seus respectivos mundos culturais e sociais se transformam, mediatizados pelas próprias pessoas em relação.*

(Paulo Freire, 1981)

Com a globalização da economia mundial, as novas tecnologias revolucionam os meios de comunicação, difundem a informação e interferem no mercado de trabalho e nas relações sociais, tornando-se, no plano econômico e político, cada vez mais transnacionais e, no plano cultural, enfrentando o desafio da hibridação e diversidade.

Pomer (1997) analisa o fenômeno da globalização na ótica sistêmica. Para ele, os fenômenos sociais que acompanham esse processo, se forem vistos como aspectos de uma totalidade em que todos os pontos se articulam e interinfluem, indicam que o processo de mudança em uma esfera da realidade social afeta de maneira diferenciada a todas as outras esferas. Diferenças e similaridades convivem, conectam-se, constituem um universo que requer uma compreensão sistêmica do fenômeno.

E é em tal panorama que centramos o nosso olhar nesses estudantes provenientes do Continente Africano, que convivem em uma nova cultura, constituindo novas relações sociais.

Brzozowski (2012), em seu artigo “Migração internacional e desenvolvimento econômico”, destaca o Brasil como um país de longa tradição imigratória; porém, a emigração internacional é um fenômeno recente. Ressalta a globalização como incentivadora da diversificação cultural das sociedades contemporâneas, sendo fenômeno decisivo nesta constituição a extraordinária movimentação de pessoas por todo o planeta e sua permanência em áreas economicamente privilegiadas. Na fala dos estudantes que pesquisamos, migrar para o Brasil significa uma oportunidade de estudar em uma Universidade de muito renome e poder, para, então, voltar ao seu país com recursos diferenciados.

Este quadro de complexidade das relações sociais no mundo contemporâneo requer novas orientações epistemológicas no campo da pesquisa e da educação. É o que

emerge no debate entre o monoculturalismo e o multiculturalismo. De um lado, a visão essencialista, universalista, igualitária do monoculturalismo se arriscando a legitimizar a dominação de um povo, de uma cultura, frente às minorias culturais, já descritas por Fleuri (2003).

Do outro lado, a multiculturalidade, que, ao enfatizar a historicidade e uma visão relacional inerente à construção das identidades culturais, permite pensar alternativas para os diversos grupos sociais; mas também pode justificar a fragmentação ou os guetos que reproduzem desigualdades e preconceitos. Para além da visão monocultural e multicultural, começa a se delinear uma perspectiva da educação intercultural.

Como observa Fleuri (2003), a educação intercultural vai além do multiculturalismo na medida em que busca caminhos para a superação das discriminações existentes nas sociedades. A intercultural reconhece que as sociedades são multiétnicas e culturalmente plurais, e vê na diferença a possibilidade de crescimento, quando trabalhada de forma crítica e pedagogicamente numa perspectiva sistêmica.

A educação intercultural pressupõe o reconhecimento da diversidade sociocultural e rompe com a visão linear de tempo. Trabalha na perspectiva de fortalecer as identidades constituídas pessoal e socialmente, contribuindo na construção de processos de cooperação, respeito, solidariedade. Ela é desafiada a analisar as formações socioculturais envolvendo diferentes grupos étnicos e culturais, e as relações que ocorrem historicamente e que os constitui. Acredita que todas as culturas podem contribuir para o crescimento individual e coletivo a partir dos significados que produz.

Laird sugere que:

... cultura (quer estejamos falando de gênero, idade, raça ou outras categorias culturais) é uma construção individual e social, um conjunto de significados em constante evolução e mutação, que só pode ser entendida no contexto de um passado narrativo, um presente cointerpretado e um futuro desejado. É sempre contextual, emergente, transformada e política; acima de tudo, é uma questão de linguística e de linguagem, de discurso. É definida pelo significado e definidora e constitutiva em si mesma. (2003, p. 33)

É sob essa perspectiva que a Educação Intercultural se preocupa com as relações entre os seres humanos culturalmente diferentes uns dos outros. A possibilidade de experimentar o estranho aos nossos olhos, o que parece ser desconhecido, pode contribuir com o aperfeiçoamento de quem somos num mundo em relação.

Marra (2005) destaca que a convivência entre culturas implica em um exercício

contínuo de considerar a unidade e a diversidade fundamentais na sociedade humana, embora, muitas vezes, o que une é também o que separa, por exemplo, somos semelhantes por construir nossa própria cultura e somos também separados por ela.

Portanto, como afirma Morin (2002), a unidade está na diversidade, da mesma forma que a diversidade está na unidade. E negligenciar qualquer uma, seria encolher o ser humano a condições muito menos favoráveis à sua capacidade de existir.

Macedo (1991) pontua que compreender e aceitar nossa identidade cultural é fundamental para nos sentirmos confortáveis frente à identidade cultural dos outros.

Com esta preocupação, vamos estudar mais profundamente, no capítulo seguinte, questões referentes à diversidade cultural e aos processos de diálogos, e discutiremos a intercultura e sua relação com a identidade.

## **CAPÍTULO IV**

### **DIVERSIDADE CULTURAL E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS**

A diversidade cultural vem suscitando um interesse notável desde o começo do novo século. Nas décadas de 1960/1970, observávamos que o foco das pesquisas estava voltado para famílias de classe média, branca e heterossexual. Já nas décadas de 1970/1980, os estudos traziam à tona a desigualdade dos papéis de gênero, e as perspectivas culturais surgiram nas décadas de 1980/1990, incluindo nos estudos as dimensões da etnia e da cultura, como pontua Mc Goldrick (1996).

Diversidade cultural é, antes de tudo, um fato. Se observarmos os nossos grupos, comunidades, cidades, países, podemos rapidamente perceber a variedade de culturas que compõem os cenários dos quais participamos, mesmo que os contornos que delimitam uma determinada cultura se revelem mais difíceis de identificar do que à primeira vista poderia parecer. Como menciona Barbosa (2010) em seu artigo: “Educação e desafios da multiculturalização: uma pedagogia da sociedade civil”, a diversidade cultural e étnica é tão antiga quanto a vida do ser humano em sociedade. Tal diversidade se constitui de maneira plural, dinâmica, sistêmica, histórica e contextual, compondo, assim, as diferenças e as semelhanças que caracterizam a vida no planeta.

Geraldes e Roggero (2011) destacam a diversidade cultural como um dos mais preciosos tesouros da humanidade, ressaltando que o que há de específico na construção da identidade humana é mantido pela cultura, sendo sua assimilação considerada enriquecimento e sua desintegração, uma perda. Porém, sabemos que na história da humanidade a assimilação de uma cultura pode, por vezes, servir de dominação social sobre um povo.

Neste trabalho de pesquisa voltado aos estudantes do Continente Africano, nos deparamos com dois importantes fenômenos: no primeiro fenômeno percebemos contornos bem definidos entre estudantes africanos e estudantes brasileiros; no segundo fenômeno, estes contornos se mostram menos definidos entre os estudantes do Continente Africano até o momento em que suas histórias são contadas, quando se pode observar a diversidade cultural dentro do próprio grupo de africanos aqui estudado. A observância da expressão dos códigos sociais operando no interior destes grupos e entre estes nos faz compreender a diversidade cultural compondo os cenários de uma

Universidade Brasileira.

Para alcançar nosso objetivo, buscamos compreender como a Unesco categoriza cultura. Alves (2010), em seu artigo “Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultural popular: A Unesco e a construção de um universalismo global”, traz um levantamento das conferências realizadas pela Unesco ao longo das décadas de 1970 e 1980, as quais possibilitaram a ampliação do conceito de cultura e sua relação com o desenvolvimento. Alguns exemplos de resultado deste processo são: a EUROCULT, realizada em Helsinque em 1972; a ASIACULT, realizada em Jacarta, em 1973; a AFRICACULT, realizada em Accra; a AMERICACULT, realizada em Bogotá, em 1978; e ARABIACULT, realizada na cidade do México em 1982, e atualizada na Conferência Mundial sobre Políticas Culturais (MUNDIALCULT), realizada na cidade do México em 1982, e atualizada na Conferência de Estocolmo sobre Políticas Culturais para o desenvolvimento em 1988. Em 2001, a Unesco lançou uma Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, a qual escolhemos para uma reflexão:

A condição universal da existência humana, e a riqueza da experiência humana se funda em grande parte na interação, na intercomunicação e no intercâmbio entre as culturas específicas.

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam grupos e sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade a diversidade cultural é para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza.

Essa declaração da Unesco nos leva a ter um olhar positivo sobre a diversidade cultural, na qual o intercâmbio, a troca entre as culturas constituem riqueza para a humanidade, contribuindo para a construção de processos de diálogo. Ao mesmo tempo e paradoxalmente sabemos que a maneira como algumas sociedades lidam com as diferenças culturais originam pontos de tensão, e, por vezes, rupturas, constituindo dificuldades no diálogo, raízes de numerosos conflitos.

Um dos desafios deste trabalho de pesquisa foi justamente compreender como acontecem os diálogos interculturais ampliando o nosso olhar sobre esse fenômeno que constitui a diversidade em uma Universidade Brasileira.

Como destacam Geraldine e Roggero (2011), o modelo intercultural pressupõe o encontro entre culturas e uma transformação de ambas a partir da verdadeira tolerância e do acolhimento do outro. Diferentes grupos fazem parte da comunidade estudantil, a qual é constituída por valores, princípios, liberdade de expressão, diferentes atividades

humanas que se traduzem na diversidade cultural. Uma compreensão total da diversidade cultural em parceria com o diálogo intercultural fortalece o consenso sobre os fundamentos universais dos direitos humanos rumo a uma paz fundada na unidade da diversidade.

Acreditamos ser fundamental o papel desempenhado pelo diálogo intercultural compondo as redes que constituem essas relações a favor do desenvolvimento de uma comunidade, de uma universidade, agregando valor às políticas de cooperação firmadas entre países rumo à paz e ao desenvolvimento de uma sociedade baseada nos direitos humanos.

Cancilini (2006), quando descreve culturas híbridas, apresenta os espaços sociais como arenas de pluralismo cultural onde coexistem múltiplos sistemas e práticas culturais. É o que observamos no espaço da Universidade, onde a intensificação da interculturalidade favorece intercâmbios, misturas diversificadas, e o estudo dos processos culturais se torna fundamental para conhecermos formas de nos posicionar frente à diversidade, já que, muitas vezes, o diferente é considerado não somente diferente, mas é também visto como desigual. Nesse sentido, o pesquisador argentino argumenta que hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições, mas pode ajudar a dar conta de formas particulares de conflito geradas na interculturalidade.

Para compor nossa reflexão, escolhemos as definições de Sluzki (1997) sobre rede pessoal social, acreditando que elas constituem o conceito de interculturalidade. Esta pode ser definida como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas, ou define como massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para a construção de sua autoimagem. Constitui uma das chaves centrais da experiência individual da identidade. Sob essa visão, é na relação com vizinhos, amigos, profissionais que nos atendem, ou seja, pessoas do nosso convívio que exercem funções como companhia, apoio, regulação social e fonte de recursos materiais, que construímos nossa identidade.

Toda essa rede vai sendo composta por costumes, imagens e símbolos que expressam a nossa identidade cultural e a de um povo. A forma como vamos experimentar nossa existência é que nos diferencia e nos torna singulares, únicos, e essa singularidade, paradoxalmente, é comum a todos os humanos. E é nesse cenário constituído de singularidades que o diálogo intercultural acontece, enfatizando a

“unidade na diversidade”, ou seja, na humanidade comum, inerentes às nossas diferenças.

Portanto, faz-se urgente investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural, refinando a nossa compreensão sobre eles e nos libertando de ideias preconcebidas. Essa parceria contribui para o exercício dos direitos humanos universalmente proclamados em prol da paz mundial e da prevenção de futuros conflitos.

A Unesco pontua que o centro desta questão está baseado na ideia de que as culturas são trajetórias dirigidas ao futuro, sendo a cultura compreendida, desde 1982, como um conjunto dos traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social que abarca, para além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.

Sob essa perspectiva, a cultura vai moldar a forma como viveremos e expressaremos nossas experiências como seres humanos, como cidadãos do mundo, únicos e ao mesmo tempo pertencentes a uma mesma espécie. Essa ideia implica posicionar o futuro no centro da nossa reflexão sobre cultura, onde indivíduos e grupos são protagonistas do seu desenvolvimento e de processos que provocam mudanças. Introduzir a cultura, a história, permite redimensionar os sujeitos em suas famílias, localizando-os em um tempo e em um espaço, ampliando suas possibilidades de compreensão das experiências vividas. A complexidade da cultura contemporânea nos desafia: se, por um lado, somos constantemente convocados a viver submersos em um imaginário onde as diferenças são silenciadas, por outro lado, o mundo globalizado nos convida a conhecer essa diversidade sociocultural entre pessoas, famílias, comunidades e povos, embora nos deparemos, muitas vezes, com a dificuldade de nos percebermos como parte desta diversidade.

A ausência de alteridade e de reconhecimento das diferenças pode gerar sofrimento social e intolerância aos que não cabem nos modelos prontos e preconcebidos, onde o espaço para o diferente e o imprevisível é escasso.

A capacidade para aceitar as diferenças culturais e as valorizar implica no desenvolvimento de competências culturais que certas sociedades aprenderam a desenvolver em contextos específicos, mas que podem, por vezes, faltar aos indivíduos, fato que foi tão bem descrito por Pinderhughes (1989).

A autora descreve a competência cultural como a habilidade para respeitar

valores, crenças e costumes de todas as pessoas, procurando vê-los através de suas lentes culturais, o que requer buscar conhecimento ou referências gerais das características dos grupos diversos que se comunicam; habilidade para mudar falsas crenças, estereótipos e pressuposições; habilidade para pensar com flexibilidade e aceitar que se pode ver as coisas de muitas maneiras, não sendo a sua a única, nem a melhor; habilidade para agir com flexibilidade, para utilizar e se apropriar das maneiras como os outros agem sem se chocar ou agir com estranheza e, por fim, ter consciência crítica de suas posições, abertura de pensamento e flexibilidade, enfocando as diferenças como diversidade e não como desigualdade.

Como indica Barbosa (2010), desenvolver uma nova forma de ver os outros, não só como iguais, nem apenas como diferentes, mas simultaneamente iguais e diferentes, abre a oportunidade para humanizar as relações sociais em sociedades multiculturais. Neste sentido, abordaremos no capítulo seguinte os diálogos entre Brasil e África, ou seja, a experiência intercultural vivida por jovens africanos, constituída pelo diálogo entre as duas culturas em questão.



## **CAPÍTULO V**

### **DIÁLOGOS BRASIL/ÁFRICA**

Compreender este diálogo a partir de acontecimentos históricos enriquece sobremaneira o nosso olhar, e tal trajeto se faz necessário neste trabalho de pesquisa. A história entre o Brasil e os países do Continente Africano é constituída por diferentes acontecimentos que compõem uma história de avanços, retrocessos e ambiguidades. A escravidão é, sem dúvida, um dos eventos mais relevantes desse “diálogo”. A condição de escravo marca a primeira presença africana no Brasil. A partir do século XVI até o final do século XIX, pessoas do Continente Africano eram trazidas ao país como mão de obra e inseridas no sistema de agricultura colonial, compondo o projeto colonizador do governo português.

Hoje, século XXI, passado mais de um século após a abolição da escravatura, os estudantes africanos trilham os mesmos caminhos dos seus ancestrais de uma maneira diferente, agora como estudantes integrados em programas de cooperação governamental e interinstitucional motivados por sonhos, desejos e expectativas que impulsionam suas vindas. São escolhas realizadas por jovens africanos e concretizadas com o seu ingresso nesta Universidade Brasileira e com a realização de seus cursos, contexto este que nos motiva a pesquisar.

Na década de 1960, houve a instalação das primeiras embaixadas do Continente Africano no Brasil, permitindo que o Brasil estabelecesse acordos de cooperação cultural e técnica com alguns países da África Subsaariana. Sabemos que muito antes, mais especificamente na década de 1940, estudantes de origem latino-americana, por iniciativas individuais e esporádicas, começaram a cursar suas graduações nas Universidades Brasileiras. Faziam parte do Programa Estudante Convênio-Graduação (PEC-G), que teve sua origem na década de 1920, sendo criado pelo governo brasileiro com o objetivo de garantir a formação superior de estudantes provenientes dos países em vias de desenvolvimento.

Foi a partir de 1974 que estudantes africanos começaram a ser contemplados pelo PEC-G com a possibilidade de virem estudar no Brasil. O primeiro grupo de estudantes veio do Senegal, de Gana, Camarões e Cabo Verde. O PEC-G é gerido simultaneamente pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), Ministério da Educação e Desporto,

MEC, através da Secretaria de Educação Superior (SESU), de diferentes setores e da Pró-reitoria da graduação (PROGRAD). Sua implementação no Brasil aconteceu nos finais dos anos 1970, se tornando significativa nas relações Brasil/África a presença dos estudantes provenientes do Continente Africano, para quem era garantido o acesso a uma vaga em diferentes Instituições de Ensino Superior – IES espalhadas por todo o país, de forma gratuita.

O PEC-G tem como objetivo desenvolver uma proposta de inclusão sociocomunitária e educacional dos alunos estrangeiros, que propicie a troca intercultural, a fim de enriquecer este acordo firmado pelo governo brasileiro com alguns países em desenvolvimento. Como descrito no seu manual, é uma atividade de caráter cultural, integrativo e de inclusão dos estudantes estrangeiros, pertencentes ao Programa Estudante Convênio Graduação – PEC-G.

Temos uma comunidade estudantil na Pontifícia Universidade Católica que gira em torno de 16.000 alunos inscritos na graduação. Atualmente, participam do PEC-G 43 países, dos quais oito países fazem parte do Continente Africano, sendo quatro países contemplados nesta pesquisa, já que quando esta foi realizada não tínhamos na Universidade nenhum aluno representando Moçambique, São Tomé, Congo e Quênia.

Saraiva (1998) destaca quatro períodos históricos que compõem a trajetória dos diálogos firmados em diferentes momentos entre o Brasil e os países do Continente Africano. São eles:

- 1930-1946: “*África sem importância*”: esquecimento e afastamento deliberado deste país.
- 1946-1961: “*O Brasil e o renascimento africano*”.
- 1961-1969: “*Avanços e recuos nas relações Brasil-África*”.
- 1969-1990: “*Reafirmação da política africana*”.

Esses períodos refletem a relação estabelecida entre Brasil-África, com suas aproximações e afastamentos. Decisões importantes foram tomadas neste cenário, o qual constituía as migrações destes estudantes assim como a criação das Comunidades dos Países de Língua Portuguesa – CPLP. Além disso, o Brasil, através da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e outras instituições governamentais, participou da instalação da primeira Universidade Pública de Cabo

Verde, celebrando um Acordo de Cooperação com este país africano. O governo brasileiro, com o intuito de contribuir para a mudança de uma história marcada por desigualdades, estabelece convênios de cooperação bilateral no setor da educação, com vários países africanos, através do Programa de Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G) e do Programa de Estudante Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG). Esse é o cenário que constitui as migrações desses jovens e, mais especificamente, as migrações internacionais temporárias.

### ***1. Migração / migração internacional temporária***

*...se o destino dos mortais é ocupar toda a terra, não devem permanecer unidos em uma única cidade, nem é conveniente que usem uma única língua.*

(Larrosa e Skliar, 2001, p. 35)

A experiência de migração é complexa e está no cerne das transformações mundiais contemporâneas, envolvendo mudanças radicais através da articulação de planos macro e micropolíticos e constituindo-se na história como fenômeno cultural, social, econômico, geográfico e político. Diferentes modos de habitar os territórios afetam as noções de tempo e espaço e imprimem articulações entre saberes e redes sociais, e é nesta perspectiva que trazemos o tema a ser refletido.

O fenômeno da migração no contexto da África remete historicamente a processos antigos e complexos que envolvem uma série de conflitos étnicos. A África é o continente onde se dá a maior mobilidade populacional, e é também onde existe a maior proporção de estados pobres do mundo. (Cf. Curtin apud Castels e Miller, 2004) Para Castels e Miller (2004), os movimentos migratórios no Continente Africano, apesar da diversidade, apresentam tendências globais com especificidades de fluxos migratórios africanos, motivados por conflitos étnicos e, sobretudo, políticos.

As motivações para desenvolver um determinado tipo de migração são múltiplas e de diversas ordens, destacando-se neste presente estudo as razões educativas. As tendências recentes de migração internacional, em nível mundial, não podem ser entendidas sem se fazer referência ao caráter global que tem o fenômeno nos momentos atuais. Os novos movimentos migratórios de estudantes estrangeiros inserem-se em um

processo amplo, caracterizado pela globalização, pela internacionalização da educação superior, bem como pela institucionalização dos sistemas educativos que incorporam os Acordos de Cooperação como perspectiva de desenvolvimento humano, social e econômico. Os aspectos distintos espelham, não só o contexto de políticas sociais pertinentes, mas também as políticas de imigração aplicadas pelos países de destino, dando lugar então a uma migração seletiva e com características diferenciadas, como apresentado pela Unesco (2003).

O migrante do qual falamos nesta pesquisa é constituído por vários dramas que vão moldando esta experiência numa certa ordem através de seus discursos.

Fluidez, fragmentação e transitoriedade, como modos de subjetivação das experiências migratórias contemporâneas, apontam para a impossibilidade de simplificar, reduzir ou integrar em uma definição única a multiplicidade das experiências vividas por esses jovens. A proposta de migrar para o Brasil com a expectativa de garantir uma melhor qualificação é atravessada por experimentações no seu cotidiano, na relação que estabelecem com as pessoas, com o tempo, o espaço, a língua, o clima, a alimentação, e com a própria comunidade estudantil. Percebemos nas narrativas destes jovens que muitas vezes o migrante tende a construir sua rede preferencialmente com pessoas que são do mesmo país de origem que o seu, da mesma cultura e que falam o mesmo idioma.

Neste sentido, torna-se fundamental colocar em análise os modos de subjetivação engendrados pela migração internacional temporária de estudantes de graduação provenientes do Continente Africano, os quais são o foco de nossa pesquisa.

As narrativas destes jovens nos aproximam de uma ambivalência que constitui o fenômeno da migração: o de estar sempre situado na fronteira, no interstício entre dois espaços – da fuga e da acolhida.

E é nesse contexto que se dá o processo de desterritorialização destes jovens, permeado por incertezas, angústias, esperanças, planos, como também levando-os a inventar novos modos de viver. A abertura para desvendar o novo território se mostra nas narrativas destes jovens como uma experiência extremamente rica, onde os processos de ruptura, perplexidade, desorientação, estranheza e diferença podem propiciar uma invenção de si e do outro, que pode ser ao mesmo tempo dolorosa e potencialmente criativa, como eles mesmos descrevem.

Neste trabalho, o foco está na migração internacional temporária, na qual o migrante reside apenas por um período pré-determinado no lugar para o qual migrou, como é o caso dos estudantes que fazem parte desta pesquisa. E o ato de migrar é entendido como um ato criativo do sujeito em direção a outro lugar, constituindo subjetivações que lhes permitam mais escolhas, na busca de novos caminhos, diferentes trajetos como sujeitos de sua própria história. Entendemos que não somente vivem as consequências da migração aqueles que o fazem, mas também as suas famílias, os locais de origem e as comunidades que os recebem, co-construindo novos cenários nessa realidade social.

Alguns estudiosos têm se dedicado a pesquisas relacionadas à migração da população jovem do Continente Africano para o Brasil, como por exemplo, Tannuri (2001), que foca sua pesquisa na migração de jovens angolanos para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida para sua família, fenômeno chamado pelo autor de migração forçada.

Um outro estudo relevante é o de Pool (2001), que realiza uma pesquisa etnográfica fazendo uma exploração sobre o significado da religião Kimbanguista no contexto carioca. A questão central da pesquisa são as relações que se estabelecem em torno da vida social e religiosa dessa comunidade, formada por pessoas provenientes de Angola, onde se encontram de um lado os luandeses, que falam o português, e do outro os nascidos no norte de Angola, falantes de dialetos como kikongo, lingala e um pouco de francês. Em 2005, Subuhana pesquisa também a população Moçambicana tendo como foco o projeto de vida destes estudantes que envolvia o ato de migrar.

Vários estudos sobre migração demonstram que essa experiência gera choque cultural ou estresse de aculturação. Segundo Silva (2004), este choque cultural se expressa por uma espécie de saudosismo, estresse e pressões, frustração, fadiga mental, dificuldade de se relacionar, tédio, perda da motivação, hipersonia ou insônia, dores musculares. Esses sintomas podem ser intensificados devido a dificuldades com língua, devido ao clima, à alimentação, entre outros, e acontecem tanto no momento da partida como no retorno, quando deve se dar a reterritorialização. Este fato pode ser observado na pesquisa realizada por Figueiredo (2005) com intercambistas brasileiros, na qual os jovens descrevem o processo de retornar para suas casas, para seu país de origem, como um momento de difícil adaptação, muitas vezes.

O fenômeno migratório está relacionado com outros temas como a diversidade

étnica, o racismo, o multiculturalismo, e estes aspectos relevantes devem ser tratados de forma conjunta na migração internacional, enquanto forma de distinção entre os indivíduos que compõem a população receptora e as outras procedências de diferentes tipos de sociedades, com diferentes línguas e diferentes práticas culturais.

De acordo com Corsini (2007), no século XXI, cerca de 200 milhões de pessoas vivem em migração. Este fenômeno coloca o mundo em movimento, e está atrelado à própria história da humanidade. As noções de permanência e residência dão espaço para a movimentação de pessoas, constituindo um processo em que as fronteiras entre países, cidades, comunidades, um povo se tornam porosas. Somos convidados a pensar possibilidades de ser e habitar a contemporaneidade, onde surgem novas articulações transnacionais, transculturais, e os fluxos migratórios se tornam cada vez mais intensos, necessários, velozes e complexos.

## CAPÍTULO VI

### IDENTIDADE AFRICANA, SERÁ POSSÍVEL?

Esta pesquisa busca compreender como estudantes africanos provenientes de diferentes países, especificamente Angola, Nigéria, Guiné-Bissau e Cabo Verde, se configuram e como acontece a sua interação com a população e a comunidade estudantil local. Ao ser discutido este tema, alguns questionamentos vão surgindo, como por exemplo: Existirá, para esses estudantes africanos, uma identidade africana? Como ela é vivenciada por eles no cotidiano de uma Universidade Brasileira? Existem diferentes grupos que compõem a identidade africana? Quem são eles? Eles se apresentam com base em uma identidade nacional, ou seja, angolanos, cabo-verdianos, nigerianos, guineenses? Como acreditam serem vistos pelos brasileiros?

Neste processo de contato com o novo ambiente social, os valores e as narrativas identitárias destes jovens são reconstruídos em função das experiências vividas neste novo cotidiano, neste novo país.

Uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro por Hirsch (2009) com estudantes cabo-verdianos ressalta a híbrida e plástica identidade cabo-verdiana; à medida que constroem um olhar crítico sobre a mestiçagem e a identidade cabo-verdiana, esses jovens estão, por outro lado, reafirmando a plasticidade que lhes é constitutiva.

No mundo pós-moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, às vezes dizemos: somos brasileiros, ou africanos etc. Essas identidades não estão impressas nos nossos genes, mas pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

Stuart Hall (2006), em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, distingue três concepções muito diferentes em relação à identidade. Este autor, ao trazer a discussão sobre identidade, introduz a questão relacionando-a com o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Hall destaca que o sujeito do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno, no qual nos ateremos neste capítulo, com o foco na constituição da identidade.

O conceito de identidade tem suscitado vários debates no mundo acadêmico. No

presente trabalho, faz-se uma abordagem das identidades étnica e africana sem se pretender aprofundar a discussão. É com base nas narrativas destes jovens africanos que compomos uma análise em busca de uma reflexão sobre a subjetividade, como veremos no capítulo VIII. Subjetividade é entendida aqui como um sistema complexo de significações na vida das pessoas, e constitutiva da cultura. Um processo contraditório, que ocupa um lugar especial nas diferentes escolhas do sujeito, e que se encontra diretamente relacionado às experiências pessoais de todo ser humano. Portanto, falamos de uma singularidade subjetivamente construída, ou seja, um sujeito individual que vai se configurando e se constituindo nas relações sociais que se formam ao longo de sua história, que assume identidades diferentes e contraditórias em momentos distintos, indicando diferentes direções neste processo de construção da identidade.

Callil (2001) destaca que cada sujeito concreto constitui e expressa sua subjetividade de maneira particular e diferenciada, sendo sua subjetividade permanentemente constituída pelo reconhecimento do eu e do outro. Nesse processo, o sujeito inserido em um mundo cultural e social vai se apropriando de sua humanidade. Assim, em um movimento permanente, os sujeitos vão se constituindo e construindo a sua humanidade, objetivando o mundo material, na construção de significados a partir de suas ações e de sua interação com o mundo, como aponta Figueiredo (2005).

Kublikowski (2001) pontua que relatos são parte da vida antes de serem escritos, e voltam à vida pelo caminho da apropriação, modificando o sentido dado à experiência vivida. A autora destaca que o processo de constituição do si mesmo como identidade, considerado através do círculo narrativo – narrativa construída por diferentes vozes, em diferentes contextos, com diferentes experiências –, evidencia ser a autocompreensão um ato cultural, e a cultura um ato pessoal, no qual as narrativas que mediam a descrição e a prescrição podem ser consideradas como o espaço entre a experiência e os ideais culturais.

A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado. Segundo Hall (1990), à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, reafirmando a ideia da construção da identidade deste sujeito na pós-modernidade como não tendo uma identidade fixa, permanente, acabada e essencial, coerente e unificada, e sim como uma construção, um processo em andamento, dinâmico e complexo. Nas palavras deste autor: uma



“celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Ainda nessa perspectiva, as identidades que se baseiam numa unidade e coerência representam fantasias e imaginações produzidas pelos sujeitos.

Nesse contexto, os estudantes africanos são constituídos por identidades híbridas, identidades complexas que compreendem em suas narrativas a sua origem étnica, suas condições socioeconômicas, seus projetos de futuro, suas memórias e a assimilação de novos valores culturais. Nesse sentido, a perspectiva desta pesquisa parte da ideia de que os jovens vão compondo suas narrativas com outros coautores de suas histórias desprovidos de pureza cultural, étnica, e suas identidades não são fixas nem essencializadas, o que quer dizer que são identidades construídas de forma dinâmica em um grande movimento dialético. Embora a hibridização seja uma constante nas análises desse grupo, as referências e valores de suas culturas de origem se fazem presentes nas suas narrativas demarcando lugares por onde se movimentam dentro da universidade, na sua experiência de migração internacional temporária e que poderemos nos atentar com maior aprofundamento na análise que compõe o capítulo VIII.

Nessa perspectiva, ao pensarmos pela questão sobre o que é ser africano, uma complexa diversidade vai compondo este cenário no qual as visões essencialistas dão lugar a uma visão dinâmica e complexa contribuindo para a construção de uma análise mais apurada referente às narrativas que esses jovens trazem em relação a suas histórias de vida.

Kublikowski (2001) destaca que a experiência do mundo transformada em narrativa leva à ideia de identidade de si. Ainda em seu texto, cita Ricouer (1996), que explicita esse processo, através do qual a constituição do si mesmo em identidade narrativa faz emergir o espaço da autonomia, através da linguagem da ação, da narrativa e da ética que permitem articular uma concepção complexa de identidade e sua expressão narrativa. A hermenêutica do si descrita por Ricouer (1996), citado por Kublikowski (2001), permite o acesso à subjetividade. O si mesmo, constituindo-se em uma tensão entre o igual e o diferente, é uma resposta ativa e polissêmica aos paradoxos da identidade pessoal.

É no processo de interação grupal, da tensão entre o igual e o diferente, e a partir de suas narrativas, que as identificações vão se constituindo e aparecem em função de suas nacionalidades. Uns são distinguidos porque falam o português com um sotaque

diferente, outros porque falam a língua materna quando estão em grupo e outros porque cortam e trançam seus cabelos de diferentes maneiras, porque têm costumes diferentes ou usam roupas diferentes. As nacionalidades são evocadas em função destas manifestações que tendem a variar de grupo para grupo, de indivíduo para indivíduo.

Constata-se que é, sobretudo, com base nesses elementos que os estudantes se identificam e são identificados como africanos. Apesar dessas diferenciações tão marcantes, ainda assim, na relação com brasileiros, se identificam como africanos e não como cabo-verdianos, guineenses, angolanos e ou nigerianos, como poderemos observar mais precisamente na análise das narrativas.

Appiah (1997), quando nos chama a atenção para questões relacionadas com o continente Africano e sua identidade, observa que para ele não existe uma identidade africana final, visto que a mesma está em processo de formação e envolve um certo sentido de contexto. É uma identidade que é atribuída e reconhecida pelos africanos, mas que deve ser reconstruída continuamente de forma não substancializada, de modo a evitar a reificação destes grupos. Ao analisar a identidade africana no contexto das relações dos estudantes africanos, constata-se que o termo “africanos” é utilizado numa perspectiva relacional como um idioma que marca diferenças entre um nós “africanos” ou estrangeiros, e eles “brasileiros”, no jogo das relações sociais, o que leva a crer que, de certa forma, os estudantes, mesmo não organizados politicamente, se percebem como uma coletividade cujas identidades são concebidas em torno da africanidade.

Fonseca (2009), em um artigo que trata do papel que as universidades paulistas e paranaenses desempenham no processo de formação acadêmica dos estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), em particular os angolanos, destaca que a formação na instituição de ensino superior experimentada por esses jovens angolanos, assim como o contato com outras práticas culturais apreendidas no encontro com alunos, docentes, funcionários, propicia novos diálogos e novas sínteses identitárias. É nesse contexto dinâmico que se constroem identidades e representações sociais diversas.

Por essa complexidade, um olhar dinâmico – que não se finaliza no objeto em si, que enfatiza a singularidade dos sujeitos e prioriza a relatividade, substituindo critérios universais por múltiplos universos de discurso –, é um dos principais arcabouços que se faz presente todo o tempo nesta pesquisa.

## CAPÍTULO VII

### ESTUDANTES AFRICANOS EM UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

O Continente Africano conta atualmente com cerca de 750 milhões de habitantes, os quais compõem cerca de 3 mil grupos étnicos e mil línguas nacionais. Possui uma extensão territorial de 30.277.497 km<sup>2</sup>, composta por 54 países independentes, caracterizada por uma complexa diversidade físico-natural, econômica, cultural e social, como expõe Moreira (1998).

As décadas de 1950 e 1960 são consideradas marcos históricos para a maior parte dos países africanos, pois estes conquistaram sua independência, sendo as colônias francesas e britânicas as primeiras a se tornarem independentes. Já os países africanos de Língua Oficial Portuguesa, conhecidos como PALOP, só conquistaram sua independência na década de 1970, na maioria dos casos depois de longos anos de luta armada pela libertação nacional, como relata Dulce (2006).

O Continente pode ser dividido geograficamente em cinco macrorregiões:



África do Norte (Atlântico ao Mar Vermelho); África Ocidental (região oeste do continente abaixo do Saara e do Deserto da Líbia); África Central (abaixo da linha imaginária que vai de Duala, nos Camarões, até a região dos grandes lagos); África Oriental (leste e abaixo do planalto da Etiópia e África Austral), segundo explica Lopes (1992) e como ilustra o mapa acima.

Há muitos autores que ainda dividem a África em Branca e Negra. África Branca, também conhecida por Sahariana, compreende a região Norte do continente, e é habitada majoritariamente pela população de origem árabe. Por outro lado, a denominada África Negra ou Subsahariana, é composta pelo vasto território situado ao sul do Sahara, cuja população é formada por uma maioria negra. Os estudantes pesquisados neste trabalho provêm desta região do Continente Africano, como se pode ver a partir do mapa, mais especificamente Moçambique, Angola, Nigéria, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Cada um destes países possui uma gama de especificidades que constituem a diversidade cultural e os diálogos interculturais que estamos pesquisando.

Acreditando que a unidade está na diversidade, da mesma forma que a diversidade está na unidade, como já destacado anteriormente, privilegiamos introduzir cada um destes países representados pelas narrativas trazidas por esses estudantes quando decidiram participar desta pesquisa.

## REPÚBLICA DE ANGOLA



### Angola Avante

Ó Pátria, nunca mais esqueceremos  
Os heróis do quatro de Fevereiro.  
Ó Pátria, nós saudamos os teus filhos  
Tombados pela nossa Independência.  
Honramos o passado e a nossa História,  
Construindo no Trabalho o Homem novo,  
Angola, avante!  
Revolução, pelo Poder Popular!  
Pátria Unida, Liberdade,  
Um só povo, uma só Nação!  
Levantemos nossas vozes libertadas  
Para glória dos povos africanos.  
Marchemos, combatentes angolanos,  
Solidários com os povos oprimidos.  
Orgulhosos lutaremos Pela Paz  
Com as forças progressistas do mundo.

Angola situa-se na região ocidental da África Austral, possui dezoito províncias. A moeda oficial é o Kwanza. A Língua Oficial é o Português, além de diversas línguas nacionais (dialetos), sendo as mais faladas: o Kikongo, Kimbundo, Tchokwe, Umbundo, Mbunda, Kwanyama, Nhaneca, Fiole, Nganguela etc.

Angola é um país potencialmente rico em recursos minerais. Estima-se que o seu subsolo albergue 35 dos 45 mais importantes recursos do comércio mundial, entre os quais se destacam o petróleo, gás natural, diamantes, fosfatos, substâncias betuminosas, ferro, cobre, magnésio, ouro e rochas ornamentais.

Na história de Angola, no período pré-histórico, os bochmanes - grandes

caçadores -, foram o primeiro povo a se instalar na região encontrando, no século VI d.c., os Bantu, que vieram do Norte, empreendendo uma das maiores migrações da História. Essa composição gerou diversos grupos, constituindo diferentes etnias existentes até aos dias de hoje. A saber: Bantus - 95%, Ovimbundu - 37%, Ambundu - 25%, Bakongo - 13%, Ovambo, Nyaneka-Nkhumbi, Herero, Cômbe, Ganguela, Xindonga - 20%, mestiços ou mulatos - 2%, caucasianos - 2% e outros - 1%.

Em 1836, o tráfico de escravos foi abolido, e em 1844, os portos de Angola recebiam os navios estrangeiros. A burguesia angolana nasce em 1850, com a exportação de óleos de palma e amendoim, cera, goma copal, madeiras, marfim, algodão, café, cacau, milho, tabaco, carne seca e farinha de mandioca, entre outros. Em 1921 é fundada a DIAMANG (Companhia de Diamantes de Angola), operando desde 1916 na região de Luanda. Angola passa a ser mais uma das províncias de Portugal (Província Ultramarina). A partir da década de 1950, inicia-se a formação de organizações políticas como o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), fundado em 1956, a FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola), que se revelou em 1961, e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), fundada em 1966. Depois de longos anos de confrontos, o País alcança a independência a 11 de Novembro de 1975. Passados 27 anos da Independência e 41 do início da Luta Armada, eis que a Paz finalmente é consolidada em 4 de Abril de 2002, pelos acordos assinados no Luena, Moxico.

## CABO VERDE



### Cântico da Liberdade

Canta, irmão  
Canta, meu irmão  
Que a liberdade é hino  
E o homem a certeza.  
Com dignidade, enterra a semente  
No pó da ilha nua;  
No despenhadeiro da vida  
A esperança é do tamanho do mar  
Que nos abraça,  
Sentinela de mares e ventos  
Perseverante  
Entre estrelas e o atlântico  
Entoa o cântico da liberdade.  
Canta, irmão  
Canta, meu irmão  
Que a liberdade é hino  
E o homem a certeza.

O território da República de Cabo Verde é composto pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava, e pelos ilhéus e ilhotas que historicamente sempre fizeram parte do arquipélago de Cabo Verde, sendo sua capital a cidade da Praia, na ilha de Santiago. Sua língua oficial é o Português. O Estado promove as condições para a oficialização da língua materna cabo-verdiana, em paridade com a língua

portuguesa.

Os recursos econômicos de Cabo Verde dependem, sobretudo, da agricultura e da riqueza marinha. A agricultura sofre frequentemente os efeitos das secas. As culturas mais importantes são o café, a banana, a cana-de-açúcar, os frutos tropicais, o milho, os feijões, a batata-doce e a mandioca. O setor industrial encontra-se em pleno desenvolvimento e podemos destacar a fabricação de aguardente, vestuário e calçado, tintas e vernizes, o turismo, a pesca e as conservas de pescado e a extração de sal, além do artesanato. A banana, as conservas de peixe, o peixe congelado, as lagostas, o sal e as confecções são os principais produtos exportados. A moeda corrente é o Escudo de Cabo Verde. As remessas da emigração, o auxílio externo e a gestão cuidada dos pagamentos ao exterior preservam a estabilidade da moeda cabo-verdiana.

Situadas a 455 km da Costa Africana, as ilhas de Cabo Verde estendem-se por cerca de 4033 km<sup>2</sup>, sendo a população residente no país estimada em 434.263 habitantes. A população é jovem, com média de idade de 23 anos. Em Cabo Verde, a taxa anual de crescimento demográfico e a de mortalidade são baixas, comparadas às taxas médias de outros países com rendimento médio. A expectativa média de vida é de 62 e 65 anos para homens e mulheres, respectivamente. A partida de muitos cabo-verdianos é ainda determinada pela falta de recursos naturais e pelas chuvas no arquipélago. Atualmente, a maior parte da população cabo-verdiana é emigrada, sendo os principais países de destino os Estados Unidos, Portugal e o Brasil.

Ao contrário dos países do Continente Africano, não há etnias em Cabo Verde. Em todos os seus aspectos, a cultura de Cabo Verde caracteriza-se por uma miscigenação de elementos europeus e africanos. Não se trata de um somatório de duas culturas, convivendo lado a lado, mas sim, um terceiro produto, totalmente novo, resultante de um intercâmbio que começou há quinhentos anos.



## REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU



Esta é a nossa Pátria amada  
Sol, suor e o verde mar,  
Séculos de dor e esperança  
Esta é a terra dos nossos avós!  
Fruto das nossas mãos,  
Da flor do nosso sangue:  
Esta é a nossa pátria amada  
Viva a pátria gloriosa!  
Floriu nos céus a bandeira da luta.  
Avante, contra o jugo estrangeiro!  
Nós vamos construir  
Na pátria imortal  
A paz e o progresso!  
Ramos do mesmo tronco,  
Olhos na mesma luz:  
Esta é a força da nossa união!  
Cantem o mar e a terra  
A madrugada e o sol  
Que a nossa luta fecundou!

A Guiné-Bissau é um país localizado na costa ocidental da África, estendendo-se, no litoral, desde o Cabo Roxo até a ponta Cagete. Faz fronteira com o Senegal, a Guiné e com o Oceano Atlântico. Sua superfície compõe 36.125 km<sup>2</sup>, constituídos por uma parte continental e pelas 80 ilhas e ilhéus do arquipélago dos Bijagós, tendo uma das melhores praias da costa da África ocidental.

A agricultura é o meio de subsistência mais expressivo no país. A época das chuvas começa em meados do mês de maio e estende-se até meados de novembro. A estação seca e fresca corresponde aos restantes meses do ano, mas as temperaturas são muito elevadas durante todo o ano.

A capital da Guiné-Bissau se chama Bissau, tendo como línguas reconhecidas o português e o crioulo da Guiné-Bissau, porém, esta última, não oficial. A população da Guiné-Bissau é composta por mais de 20 etnias, com costumes, línguas distintas e estruturas sociais diversas. Nos grupos étnicos diferentes línguas são pronunciadas a saber: Fulas - 20%, Mandingas - 13%, Balantas - 30%, Papéis - 7%, Manjacos - 14%, os Europeus e outros - 1%.

A República da Guiné-Bissau conseguiu sua independência de Portugal em 24 de setembro de 1973, sendo reconhecida em 10 de setembro de 1974. Um censo realizado em 2008 estimou a população em aproximadamente 1.472.446 de habitantes. Seu IDH é baixo e a moeda local é conhecida como Franco CFA da África Ocidental.

A Guiné-Bissau possui um patrimônio cultural bastante rico e diversificado. As diferenças étnicas e linguísticas produziram grande variedade na dança, na expressão artística, nas profissões, na tradição musical e nas manifestações culturais em geral. A dança é, contudo, uma verdadeira expressão artística dos diversos grupos étnicos. Os povos animistas caracterizam-se pelas belas e coloridas coreografias, fantásticas manifestações culturais que podem ser observadas correntemente por ocasião das colheitas, dos casamentos, dos funerais, das cerimônias de iniciação. O estilo musical mais importante é o gumbé. O Carnaval guineense, completamente original, com características próprias, tem evoluído bastante, constituindo uma das maiores manifestações culturais do país.

## REPÚBLICA DA NIGÉRIA



Levantai, Ô compatriotas,  
Acatei o apelo da Nigéria  
Para servir a nossa pátria  
Com amor e vigor e fé  
O suor dos nossos heróis passados  
Não será jamais em vão  
Para servir com coração e força  
Uma nação unida em liberdade, paz e união.  
Ô Deus da criação, dirige a nossa nobre causa  
Dê aos nossos líderes orientação certa  
Auxilie a nossa juventude a verdade a saber  
Em amor e honestidade para crescer  
E vivendo a justa verdade  
Para alcançar o altíssimo apogeu  
Construindo uma nação onde a paz e a justiça reinarão.

A fusão das palavras Níger (negro, em inglês) e area (área, em inglês) deu origem à palavra Nigéria. Situada no Golfo da Guiné, oeste do Continente Africano, entre os países Benim, Níger, Chade e Camarões, possui 923.768 km<sup>2</sup>. Sua capital é Abuja, desde 1982, sendo constituída ainda pelas principais cidades de Lagos, Kano, Ibadan e Kaduna.

Possui uma população aproximada de 152,2 milhões de habitantes, e é o país mais populoso da África, com a maior população negra do mundo. Praticamente todas as raças nativas da África são representadas na Nigéria, o

que explica a grande diversidade do seu povo e da sua cultura. Foi na Nigéria que os povos bantu e semibantu, migrando do sul e do centro da África, se misturaram com os sudaneses. Em seguida, migraram os demais grupos, tais como os shuwa-árabes, os tuaregues e os fulanis, que estão concentrados no extremo norte, na região norte da Nigéria, dando seguimento às ondas migratórias que sacudiram o deserto do Sahara. Os primeiros ocupantes da Nigéria se instalaram na faixa florestal e na região do Delta do Níger. Hoje, se estima que há mais de 250 grupos étnicos na Nigéria. Enquanto não há nenhum grupo com absoluta maioria numérica, Hauçá-Fulani, no norte, Yoruba, no oeste, e Igbo, no leste detêm 60% da população. Os demais grupos incluem: Kanuri, Binis, Ibibio, Ijaw, Itsekiri, Efik, Nupe, Tiv e Jukun. O idioma oficial é o inglês e línguas regionais também compõem esse quadro; são elas: hauça, fulani, ioruba, ibo.

Os recursos minerais deste país incluem o petróleo, o carvão e o estanho, e entre os produtos agrícolas podemos citar: amendoim, óleo de palma, cacau, citrinos, milho, sorgo, mandioca, inhames e cana-de-açúcar. Sua moeda é a naira.

O ensino neste país atinge 2,7 pontos na escala global. Comparado com o Brasil, que alcança 3,9, não se encontra muito distante, mas se comparado aos países mais desenvolvidos, que chegam aos 8,9 pontos da escala global, está visivelmente em grande desvantagem.

Uma curiosidade na Nigéria é que ela possui a terceira maior indústria cinematográfica do mundo: são cerca de 1,2 mil filmes por ano, atrás apenas de Hollywood e Bollywood. A maioria dos filmes é produzida sem grandes luxos, com equipamentos baratos e orçamento reduzido. O maior sucesso nigeriano é o filme *Living in Bondage*, de 1992.

Esses são os contextos dos quais partem os estudantes, cada qual com suas motivações, sonhos, desejos e ambições, e desembarcam na sexta cidade mais populosa do planeta, quarta maior aglomeração urbana do mundo, composta por 19.223.897 de habitantes na região urbana, rumo a constituírem uma comunidade estudantil que hoje gira em torno 35 mil alunos, divididos em cursos de graduação, mestrado, doutorado e educação continuada. Nosso foco está em uma Universidade Católica, situada em um

bairro de classe média alta, dentro da cidade de São Paulo.

Acreditamos ser fundamental compreender de onde esses estudantes partem e de que lugar eles contam suas histórias, hoje, para que possamos apreender os significados que esta experiência proporciona a estes jovens a partir das narrativas que iremos analisar a seguir.

## **CAPÍTULO VIII**

### **ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

Neste capítulo, procurou-se apreender, por meio das narrativas destes jovens, como é ser um estudante estrangeiro dentro de uma Universidade Brasileira, de que forma acontecem os cruzamentos interculturais e como esse fenômeno constitui a diversidade na Universidade. Para tanto, foi feita, primeiramente, a transcrição das entrevistas e, já nesta etapa, nos atentamos para as falas recorrentes entre as narrativas e para os temas que delas surgiram. A partir de leituras sucessivas das entrevistas realizadas, construímos um quadro composto pelo roteiro prévio utilizado para a nossa entrevista, associado aos temas mais recorrentes, norteando a construção das nossas categorias e subcategorias. Esse quadro foi construído para facilitar a nossa análise a partir das questões mais evidentes em suas falas, questões contraditórias e semelhantes, ou aquelas relacionadas ao tema da pesquisa, que se transformaram em categorias e subcategorias, proporcionando ao trabalho uma análise mais precisa em relação às narrativas dos jovens.

## Quadro I

### Temas, categorias e subcategorias das narrativas

Roteiro Prévio para a Entrevista	Temas Centrais	Categorias	Subcategorias
Sair de meu país e vir para o Brasil	Expectativas Planejamento	<b>I Categoria</b> Minha rede na África. De onde venho?	
Minha vida antes da chegada	Minha história na África Família Rede	<b>I Categoria</b> Minha Rede na África. De onde venho?	
Minha vida agora	Minha chegada ao Brasil sozinho	<b>II Categoria</b> Onde estou? Com quem conto hoje? De quem me lembrarei?	
		<b>III Categoria</b> O Brasil noticiado e o Brasil experimentado.	
	Vivendo o preconceito  Novas redes	<b>IV Categoria</b> O preconceito e suas diferentes tonalidades.	A difícil arte de identificar o preconceito velado.
			A ignorância reforçando o preconceito.
			A negritude no Brasil e seu impacto na migração destes jovens.
			O preconceito entre os próprios Africanos.
			As diferentes nuances de sentir-se só.
Projeto de futuro	Marcas da experiência da migração  Planos para o futuro	<b>V Categoria</b> Marcas impressas pela experiência de migração	

Cabe ressaltar que as categorias se complementam e constituem as narrativas deste grupo de jovens provenientes do Continente Africano. A análise destas categorias está descrita a seguir.

**I CATEGORIA**  
**MINHA REDE NA ÁFRICA.**  
**DE ONDE VENHO?**

A família, como a conhecemos, é uma instituição social moderna e se configura como tal a partir de mudanças sociais, culturais e econômicas de uma sociedade. A homogeneização do modelo conjugal/nuclear vem sendo alvo de críticas desde a segunda metade do século passado.

Neste trabalho de pesquisa pudemos destacar nas narrativas dos estudantes diferentes arranjos familiares que diferem do modelo de família nuclear universal. Acreditamos que os diferentes arranjos familiares sejam fenômenos sociais e culturais que se manifestam na diversidade encontrada.

Observemos a fala de um dos jovens que descreve sua família:

*Meus pais mesmo, nós somos... tenho um irmão biológico menor, mas tenho irmãos por parte de pai e de mãe; três irmãos por parte de pai, e três irmãos por parte da mãe, mas eu só soube que são meus irmãos, meio irmãos, só depois de dezoito anos, a gente morou junto, mas nunca conseguiram dizer que eram meus irmãos, só depois. (M.)*

*...ninguém falou para nós que éramos meio irmãos, por acaso eu peguei um bilhete deles aí vi que era meus irmãos. (M.)*

Estudos e pesquisas antropológicas e sociológicas têm mostrado os diferentes laços fundadores da família e a diversidade de padrões organizadores de parentesco. Deriva daí a necessidade cada vez mais presente de se questionar a existência de um modelo familiar único, consolidado no desenvolvimento urbano industrial e referido na família nuclear moderna.

Segundo Andolfi, a história de uma família é uma “*trama complexa e singular de histórias individuais, vínculos intergeracionais e experiências compartilhadas*” que se sucedem em um tempo que se delinea não na sucessão dos anos, mas no perpetuar-se de gerações. É uma história que se conta aos indivíduos em palavras e gestos, atitudes ou silêncios, e que será por eles reproduzida e ressignificada à sua maneira, de acordo com suas experiências.

No relato de J. sobre sua família, conseguimos apreender esta trama complexa da qual nos fala Andolfi, uma arquitetura intrincada e singular, constituída por histórias individuais, experiências compartilhadas e de vínculos intergeracionais.



J. traz a ideia do quão diferente é o conceito de família na África e no Brasil, descrevendo como acontece em sua casa:

*Era muito diferente daqui, porque querendo ou não, você estando... porque o conceito de família nós em África é diferente do conceito de família no Brasil. (J.)*

*O que eu vejo aqui no Brasil é que a questão da família aqui é pai, mãe e filho. Para nós não, família é tio, irmão do pai, entendeu, família é muito grande... Toda casa em África você vai encontrar um sobrinho do pai que mora convosco, porque às vezes o pai dele não tinha condições de educá-lo, o pai pega e põe junto com os filhos. (J.)*

*... Morava o pai, mãe, temos três sobrinhos em casa, sobrinhos do sobrinho do meu pai e uma sobrinha da irmã da minha mãe. Ela mora conosco... (J.)*

*... Todos irmãos, a partir do momento que moram juntos não são primos, são irmãos... (J.)*

Compartilhamos das ideias de Grandesso (2006), que nos diz que as conversações em família garantem a transmissão das tradições, padrões, mitos e rituais próprios da cultura familiar, criando uma identidade própria daquele grupo. A linguagem na forma de narrativa inserida num contexto da rede social e cultural cria sentidos de pertencimento, transmissão e preservação de valores, define rituais e costumes que estruturam as histórias vividas pelas famílias.

Neste trabalho de pesquisa pensamos a família como um agrupamento de pessoas que, pela sua longa duração e nível de inter-relação, pode ser visto como um sistema de relações, que desenvolve padrões e modelos de crenças e tradições próprios. Podemos exemplificar com a narrativa de L., o qual descreve sua família e os rituais tradicionais que realizavam juntos da seguinte forma:

*... Lá família é muito grande! Onde eu moro, eu moro com os meus pais, também moro com os meus primos, tias, primos segundo grau, terceiro, essas coisas... Tem duas casas. A casa do meu pai e a casa do meu avô. Tem uma média de 40, 50 pessoas.... Naquelas duas casas todo mundo é família... quando o meu avô estava vivo, nós fazíamos só uma comida para todo o pessoal. Fazia pequeno almoço para todo mundo. Almoço, jantar para todos. Todos comiam juntos... (L.)*

Uma jovem destaca a importância da família e a responsabilidade que todos têm sobre todos e complementa observando o quão diferente percebe este conceito no Brasil:

*O conceito de família lá é algo que a gente tem próprio, tipo, a gente sente... família é tudo... (G.)*

*... É considerado família, por exemplo, quem tem sangue igual. Tipo seu tio, irmão... é família. E a gente leva a sério, por exemplo, alguém morreu, tio,*

*irmão, todos têm responsabilidade de cuidar dos filhos... E até se o tio está vivo e não tem condições, a gente acha que o outro que tem condições toma conta de tudo... (G.)*

*Aqui no Brasil é tudo por si mesmo. Tem aquela família nuclear e o filho quando sai de casa com dezoito anos está por si, até quando... não voltar mais... mas lá, se alguém, por exemplo, conseguir virar rico, por exemplo, eu acabei aqui, eu tenho grana, condições mesmo, eu tenho que cuidar de todos os que restam... tipo, você tem que estudar, dar a grana... (G.)*

Nas narrativas destes jovens sobre suas famílias vamos percebendo a trama cultural constituindo esses modelos familiares e a maneira como se relacionam e se corresponsabilizam uns pelos outros em uma continuidade histórica e evolutiva desta complexa rede.

## **II CATEGORIA**

### **ONDE ESTOU?**

### **COM QUEM CONTO HOJE?**

### **DE QUEM ME LEMBRAREI?**

Uma das nossas preocupações ao iniciarmos a pesquisa era saber como esses jovens eram acolhidos aqui no Brasil, como se configura a rede de apoio para esses estudantes que vêm de tão longe na busca da realização de um sonho.

Algo que encontramos com certa recorrência nas narrativas destes jovens é que a maior parte das pessoas que compõe sua rede de apoio e de acolhida é composta por outros jovens que já viveram essa experiência e que geralmente possuem uma identificação cultural com eles.

*Primeiramente eu fui com o namorado da minha tia para uma casa de estudantes. Ele morava numa casa do pessoal de Direito da USP, aqui na vila São Juca. Eu fiquei lá por três semanas. Depois, tinha também os meninos que estudavam aqui na PUC e eu fui morar com eles... Nós estamos em quatro agora... Todos da Guiné-Bissau... (L.)*

*...quando vamos de férias para Cabo Verde, deixamos o número do nosso contato para quem vem da primeira vez; então se a gente estiver em Cabo Verde e nos ligarem, então a gente traz, ajuda a resolver todas as papeladas que tem que resolver. Então, ela estava em Cabo Verde, eu liguei para ela, aí ok, eu fui conhecer ela na casa dela, ela me trouxe e eu fiquei na casa dela e ela me ajudou tudo com a documentação, aí eu fiquei na casa dela até agora... (M.F.)*

*... a gente vê e sabe que nós somos de um país, a gente se identifica por que somos do mesmo país, temos a mesma cultura, a mesma língua... eu moro com*

*as meninas, eu vejo elas como as minhas irmãs. Vamos de férias, ficamos juntas quando vamos para Cabo Verde, mantemos contato, eu vou na casa delas, já conheço a família delas, elas conhecem a minha família... (M.F.)*

Outra questão que merece a nossa atenção diz respeito à inter-relação entre os países diferentes que compõem o cenário do Continente Africano, ou seja, a pergunta que nos desafiava era como esses jovens de países com costumes, hábitos, dialetos, colonização tão diferentes se relacionavam.

O que pudemos apreender nas narrativas destes jovens é que no geral os grupos se dão bem, mas as relações de maior proximidade acontecem com colegas provenientes de seu país de origem. Acreditamos que esse movimento se dê na tentativa de se preservar as identidades culturais específicas de cada grupo, de acordo com o seu país de origem.

Na fala destes jovens:

*Eu convivo muito com os angolanos, vou às festas angolanas, mas não tenho essa coisa de... eu acho que os cabo-verdianos são meio assim, isolados... Cabo-verdianos têm essa coisa de achar que não são africanos, sabe? (M.F.)*

*... acham que já são diferentes! E os angolanos acham que são superiores aos cabo-verdianos! Eu não sei se é bem isso; eu não consigo entender porque não tem essa convivência entre os dois. Isso não é só aqui no Brasil! Em Portugal também é assim, angolanos e cabo-verdianos não se misturam. Os que se misturam são poucos... (M.F.)*

*Eu acho que veem Guiné-Bissau como irmãos, porque tiveram a mesma história, mesmo colonizadores... Teve uma mesma época de libertação, quem lutou pela libertação da Guiné foi Amílcar Cabral, que foi cabo-verdiano, filho de cabo-verdiano, que lutou pela independência de Cabo Verde e da Guiné, nossa independência foi em 75; então tem essa coisa que aproxima mais. (M.F.)*

*Os meus amigos angolanos, alguns colegas na sala; na verdade, eu lido com várias pessoas no dia a dia e com outras que eu conheço de outros lugares, mas eu sou meio aberto, tento ser aberto o possível, porque é minha característica, eu acho que é mesmo. Então isso me propõe a possibilidade de conhecer mais gente, tanto da faculdade, quanto de outros lugares, então eu lido com quase todo mundo, mas quem dá mais apoio são os que moram comigo, os colegas da sala, mas eu lido mais com os angolanos que estão perto de mim, porque eles estão sempre em casa, a recordação com eles, um pouquinho da língua... (M.)*

*A minha relação com eles é maravilhosa, é ótima, porque além de serem meus conterrâneos do continente, eu falo mais com os países que falam português também, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, eu tenho pouco contato com os outros países, Nigéria, tem alguns que eu conheço aqui na PUC, mas tenho mais contato com estes... (M.)*

*A gente faz festa para encontrar todo mundo, tanto cabo-verdianos, angolanos e outros também... Existe alguma desavença, mas isso é de pessoa para pessoa, mas no geral todo mundo lida assim normal. (M.)*

Interessante perceber que apesar dos jovens virem para o Brasil para cursar a

Graduação na PUC por um acordo entre países, ou seja, fazendo parte de um Programa ligado ao Governo e à Universidade, como já falamos anteriormente, eles mencionam que o apoio e a acolhida são realizados não por esse programa, e sim por parte de algumas pessoas que acabam executando um papel complexo e amplo, o qual deveria ser executado de maneira planejada pelo próprio programa.

Na fala destes jovens, o acordo firmado entre os países e representado por esse programa de intercâmbio não é visto por eles como espaço de acolhimento e apoio tão necessário nessa experiência vivenciada.

*No curso de psicologia, principalmente a M.A, uma professora que eu tenho, e a professora F.A, adoro bastante... A rede social é ótima, tenho vários amigos, tanto africanos quanto brasileiros... Moro com dois brasileiros e um africano.... Um é de Minas e o outro é de Goiânia. (J.)*

*...tem uma menina que está fazendo, mas ela está fazendo na UNIP por conta própria, ela é minha vizinha lá no meu país... eu liguei pra ela; ela que me pegou no aeroporto e eu fui morar com ela na mesma casa. (A.)*

*Eu fiquei naquela situação e as meninas estão me ajudando onde que eu estou; estão me apoiando, porque eu não tenho nada... Eu fiquei com aquelas meninas e elas estavam pagando tudo pra mim e no semestre seguinte eu consegui aquela bolsa para a moradia, 500 reais por mês e é esse 500 reais que eu estou vivendo aqui no Brasil e com a ajuda de algumas meninas do serviço social que estão me ajudando... (A.)*

Outro ponto relevante para a nossa pesquisa foi que na fala dos estudantes apareceu a ideia de que muitos professores não sabem de sua existência, o que me faz pensar que a Universidade não parece estar preparada para receber estes estudantes, tratando-os como se fossem brasileiros, sem que haja um olhar para a diversidade e para se trabalhar com ela, ampliando as competências culturais de toda a comunidade estudantil.

*Eu acho que eu tenho amigos aqui porque eu tive um desempenho legal no primeiro ano... Os professores não sabem que eu não sou daqui... Isso é o fato de que tem os negros também daqui. Então, quando chega, depois de entregar a prova, eu conversando com o professor, eles percebem “você não é daqui”. ...eu moro com um monte de pessoas... tipo... da Colômbia, do Chile, é uma república, mas tem brasileiros...18, 20... Uma grande casa... É legal, porque você mora com meio mundo, e tipo os colombianos chegaram aqui sem falar nada em português, então é engraçado... (G.)*

### III CATEGORIA

#### O BRASIL NOTICIADO E O BRASIL EXPERIMENTADO.

Esta categoria é constituída pelas falas dos jovens que escolhem vir para o Brasil devido a uma imagem previamente construída no seu país de origem. Vale ressaltar o poder da mídia nas escolhas do intercâmbio e no desejo de conhecer um país que geralmente se apresenta alegre, divertido, com pessoas simpáticas, conforme os jovens africanos revelam em suas falas:

*O Brasil tem muita influência em Cabo Verde, não só em Cabo Verde, mas na África, a gente cresce vendo novelas brasileiras, programas brasileiros que passam em Cabo Verde, aí você já cresce com aquela imagem do Brasil, aqui você vai encontrar pessoas com aquela receptividade, pessoas alegres; nós imaginamos o mundo Brasil como o mundo que passa nas novelas. Aí, “Ah, eu quero estudar no Brasil! Meu sonho é estudar no Brasil!”... (M.F.)*

*Que é aquela alegria, pessoas simpáticas, samba, você anda na rua, todo mundo rindo, simpatia, futebol... (M.F.)*

*Eu sabia que o Brasil é grande, muita quantidade de pessoas, gente muito alegre, todo mundo que eu conhecia era muito alegre e simpático, não sei se é porque estavam em Angola, mas eram e ainda são agora, e um pouquinho das dificuldades com relação às pessoas, porque diziam que no Brasil é difícil em algumas regiões se lidarem com pessoas diferentes, mas isso não afetou em nada para mim. (M.)*

Ao desembarcarem na maior cidade do Brasil, São Paulo, com os seus 11,37 milhões de pessoas, como nos aponta o IBGE (2013), com seus problemas e dificuldades, os jovens africanos relatam sentir o contraste com toda a imagem que os motivou a estar aqui. Esta realmente é a primeira grande viagem de suas vidas; todos estes jovens, pela primeira vez, saem de seu país de origem e se aventuram a estudar, conhecer e viver em uma outra cultura, envolvidos por imagens preconcebidas sobre o seu futuro nos próximos anos (período da graduação). Diferentes emoções vão compondo esse cenário no qual o Brasil imaginário se depara com o Brasil real, causando grande impacto sobre os jovens e seu futuro:

*Nossa, foi muito bom! Não foi aquela coisa que eu esperava; vim com uma expectativa a mais, acho que por essa coisa de você vir esperando, acho que acaba decepcionando, porque você coloca muita coisa em cima do que é o Brasil, o que você vai encontrar, como as pessoas vão te receber e você acaba se decepcionando porque não é assim. Não é aquele Brasil de novela que passa nas novelas, nos programas televisivos. (M.F.)*

*É muito trabalho, é muito estresse, todo mundo está naquela correria. Quando cheguei aqui, ficava na sala, sentava sozinha, conversava com duas pessoas... tanto é que eu não tenho muitos amigos na minha sala, eu falo com dois deles, mas não tenho amigos... (M.F.)*

*Para mim foi um pouquinho difícil, porque a princípio eu pensei que fosse ser fácil pela língua, mas nos primeiros dias, primeiras semanas foram difíceis por isso; é português, mas o sotaque ainda era muito diferente, o sotaque, a organização das palavras, a gramática também era diferente e isso dificulta. Eu precisei de mais ou menos duas semanas para me adaptar. Esse foi o meu contato com as pessoas e em São Paulo também as pessoas são fechadas, um pouquinho, isso eu achei num primeiro momento, às vezes quando você conversa, elas se tornam um pouquinho mais abertas com o tempo. Outra dificuldade é que quando a gente chegou aqui sem estadia para morar, a gente teve que se virar com as aulas começando, eu cheguei atrasado um mês, com as aulas começando na PUC; cheguei em março, já tinha começado as aulas, aí eu fiquei: o que eu faço agora, onde eu procuro, porque nem sempre a gente sabe onde procurar casa para alugar, é uma coisa difícil, e depois aqui também tinha que regularizar a situação da polícia, da estadia, da Polícia Federal, com o protocolo; então foi... meu impacto foi meio que agressivo, na verdade, porque não tinha ninguém. (M.)*

*Mas em São Paulo o que mais me surpreendeu foi isso aqui, que as pessoas são mais na delas. (J.)*

*Quando eu cheguei aqui era tudo estranho, porque eu via que era tudo diferente. Pessoas, cheguei aqui vi muita gente! Fiquei assim: como pode ter tanta gente assim... Me senti perdido... (L.)*

*Quando eu cheguei aqui, eu fiquei chocada de ver as pessoas em situação de rua, porque lá a mídia não passa isso para a gente, eles passam apenas os bons momentos, como Copacabana, essas coisas... Eu nunca imaginei que vai ter uma pessoa pobre aqui no Brasil nessa situação. (A.)*

E é com esse contraste que eles iniciam sua grande jornada rumo à realização de seus sonhos, rumo às descobertas de uma nova cultura, de um novo povo, com hábitos e costumes diferentes dos deles. A presença desses jovens em uma Universidade Brasileira traz a possibilidade de se experimentar o diverso no cotidiano desta Universidade, constituindo as relações que vão se estabelecendo ao longo dos anos da graduação. E nesse encontro se dá a intercultura, a convivência com o diferente, o diverso, e, muitas vezes, com o surpreendente.

#### **IV CATEGORIA**

##### **O PRECONCEITO E SUAS DIFERENTES TONALIDADES**

Nesse grupo de análise percebemos a complexidade da questão do preconceito nas narrativas dos jovens pesquisados. Temos jovens que dizem não sentir o preconceito, outros dizem que sentem, mas que não sofrem impacto em sua migração, outros, ainda, relacionam o preconceito com a falta de informação sobre o Continente Africano, e

também descrevem o preconceito relacionado com a discriminação sentida por negros no Brasil. Para que esta análise se torne mais completa, e para que o leitor compreenda melhor, subdividiremos esta categoria.

## SUBCATEGORIAS

### A DIFÍCIL ARTE DE IDENTIFICAR O PRECONCEITO VELADO

É importante observar como nas narrativas desses jovens pesquisados encontramos, muitas vezes, falas que não trazem como referência um preconceito, uma exclusão. É como se não tivessem experimentado a exclusão e nem o preconceito, portanto, essa matriz não teria sido construída dentro deles e, sendo assim, não denominam ou significam o que muitas vezes chamamos de preconceito como tal. Podemos destacar essa ideia nas seguintes falas:

*Até teve uma última vez que a pessoa chegou e falou assim: tem alunos de EUA, tinha francês e tinha argentino, aí a professora falou: vocês podem fazer a prova na língua que vocês se sentirem melhor: inglês, francês ou espanhol, porque daí vocês vão escrever melhor. Aí eu pensei, mas não falei pra ela, eu poderia fazer também em crioulo, eu também sou estrangeira! Mas acho que é porque são intercambistas e eu vim fazer quatro anos e não me veem como intercambista...*

*... pode ser até que eu já tenha sofrido isso, mas eu não senti isso. Você tem que... como eu falo, se sentir o preconceito, você tem que... se eu sentir inferior, se eu ficar com medo do que eles estão pensando... eu me acho igual a todo mundo, isso não afeta, mesmo se isso acontecer perto de mim, eu não... não sei, acho que não tem... (M.F.)*

*Nada de preconceito. Não sei, pode acontecer, mas eu não vi nada. Como a gente, no meu país não tem essa coisa de preconceito, tem mais negros, pouca gente branca... (L.)*

### A IGNORÂNCIA REFORÇANDO O PRECONCEITO

Esta é uma outra subcategoria à qual nos atentamos a partir das falas dos jovens: a ignorância reforçando o preconceito. Foi uma triste surpresa nos depararmos com esse cenário. E qual é o posicionamento da Universidade frente a isso? Como podemos nos intitular uma Universidade que preza pelo desenvolvimento das pessoas, pela produção de conhecimento, em pleno século XXI, e ainda encontrarmos uma realidade tão vergonhosa? As narrativas espelham essa triste realidade experimentada por alguns

jovens, como, por exemplo, na fala de quatro dos seis entrevistados:

*... há uns professores meio rígidos, ... aconteceu comigo, por exemplo, parece que odiavam africanos, tipo, piadas de mau gosto, não piadas... eu tive uma professora que era muito... nossa, era muito terrível comigo, é que eu falava muito em sala de aula, eu gosto de falar, responder, perguntar; mas parece que para ela isso não era bom, interagir muito, ter um aluno africano na sala, então eu tento perguntar alguma coisa, ela não quer responder, ou responde insatisfatória, um professor aconteceu assim... (M.)*

*Suponhamos que eu chegasse na sala de aula, assim, e nós éramos três africanos na sala, ... mas os dois são mais calmos em sala de aula, são mais tranquilos, eu que fui mais assim extrovertido; então, suponhamos que eu chegasse na sala de aula, e a matéria sobre história, e dizia que o continente africano não tem pessoas, que não podem considerar como pessoas; bom, isso para mim é a opinião dela, mas tem limites isso para mim, né... (M.)*

*Ela dava exemplos de economia, mas muito fora do comum para mim, chegava em sala de aula e ia falar sobre comércio, por exemplo, sobre trabalho, ela chegava e dava o exemplo: “na África, por exemplo, não tem trabalhadores, porque não tem pessoas especializadas para isso... Porque eles não são educados, não são preocupados com a educação...” Não! Você pode falar isso de outra maneira, que é uma situação difícil, não no sentido de ferir quem está presente, então isso para mim foi meio abusivo... (M.)*

*Entendo como preconceito porque a pessoa já tem uma imagem fixa geral da África; de Angola, eu não sei, mas da África no geral já tem uma imagem, de todas as qualidades ruins possíveis, e ela dizia que achava mesmo que tudo que acontecia de ruim no mundo é lá, que o HIV surgiu de lá e termina lá, e no meio de muita gente, de alunos, para mim eu acho meio provocante. Sim, eu falava com ela, mas isso provocou um tumulto que não foi bom. Porque: “oh, você tem convênio, se você implicar com professor, você tem bolsa de estudo”, meio que ameaças. Essa foi uma relação péssima que eu tive com um ou dois professores. (M.)*

*... a princípio, ao chegarmos nas universidades, somos vistos como estudantes que ocupam lugares dos brasileiros, então já começa por aí. Acho que as instituições não fizeram uma divulgação antecipada aos estudantes brasileiros sobre a importância, sobre a vinda dos estudantes estrangeiros, sobre o impacto que isso traria e muitos estudantes acabam sofrendo esses problemas. (M.)*

*Quando vai falar da estrutura social, da estrutura habitacional, a visão que às vezes tem... que todo mundo na África sofre, mas muitos africanos vieram sofrer aqui... O impacto é grande para mim, porque, querendo ou não, quando alguém fala um dado que você sabe que não é, há momentos em que a pessoa ouve, mas deixa, não vou falar, entendeu, porque mesmo que eu explicar, não vai entender, então deixa, porque são um problema de geografia, né, que envolve um problema geográfico, porque muitos têm a África como um país e não como continente, então são vários problemas, entendeu. (J.)*

*É, tipo, aqui no Brasil tem um monte de pessoas que acham que a África é um país! E não é, a gente tem diferenças, um monte de coisas diferentes! (G.)*

*Não sei, até teve uma menina que chegou a perguntar se eu morava com leão, macaco, eu perguntei, como assim? A gente tem casa, como vocês... (G.)*

*É, mas era preconceito mesmo. Tentei falar para ela que a gente tinha casa como vocês, que a gente mora, eu nem conhecia leão... Eu diria para eles verem a pessoa com um olhar, não é cor que define a pessoa, cada um tem uma cor, branca, preta... (A.)*

*... como eu falei na hora que a menina perguntou se eu morar com leão, eu*



*nem sei se é preconceito; pra mim não existe, eu não vejo preconceito, eu não baixaria minha cabeça para isso, porque isso é preconceito, pra mim, você é quem sabe, fale o que você quiser, eu já estou aqui na PUC, de qualquer jeito, seja bolsista ou não, eu estou estudando e você não vai tirar; quem vai me tirar da PUC é meu desempenho. (A.)*

*Eu gostaria que eles tentassem chamar essas pessoas, fizessem debates, falando dessas coisas e fazer com as pessoas entendessem que tem um aluno aqui dentro da universidade que é africano. Até no semestre passado, ocorreu um aluno que está fazendo direito, e uma outra que está fazendo direito e que ela é negra, o nome dela é N., sofreu preconceito. O menino mandou e-mail para ele que o cabelo dele é ruim, não sei o que, e tem um monte de ato aqui, mas não aconteceu nada até agora, e isso está acontecendo todos os dias. (A.)*

## **A NEGRITUDE NO BRASIL E SEU IMPACTO NA MIGRAÇÃO DOS JOVENS**

Muitos destes estudantes, migrantes temporários, percebem, ainda hoje, século XXI, as questões do preconceito racial como temas vivenciados por brasileiros todo o tempo, de maneira explícita ou não. Esse fenômeno, o preconceito racial no Brasil, compõe a migração internacional temporária desses jovens provenientes do Continente Africano que, por muitas vezes, são julgados por sua negritude. As diferenças raciais ainda são tratadas no nosso país e nas nossas universidades não apenas como diferenças, e sim com desigualdades, implicando em um cenário de exclusão no qual as pessoas possuem pouca competência cultural para lidar com o diferente.

*O preconceito sempre há, se há pro próprio brasileiro... Você vai a um shopping e os seguranças ficam atrás, isso é uma coisa pela qual eu nunca passei e a questão da polícia também... É que a polícia daqui, há um ano, a PUC mandou uma carta para eles advertindo para o número, do enquadramento dos estudantes africanos e tudo mais. E no meu país, nunca tinham mandado eu parar e eu cheguei aqui e fui apontado por arma e tudo... (J.)*

*... acho que a polícia pensa que negro é gatuno, que negro é bandido, traficante... (J.)*

*... deixa-me constrangido, mas eu tenho na cabeça que eu não vou morar aqui, então esse é um problema daqui, o povo brasileiro, eu sofro, e não vai mudar, não é hoje que isso vai mudar. (J.)*

*Eu acho que ainda tem aquele preconceito dos negrões brasileiros, eu percebi. (G.)*

*Não sei, acham que negrão tem que se comportar de um jeito... ruim, não sei! E quando eles veem: “ah, ela não é do Brasil! É por isso que tá diferente.” (G.)*

## O PRECONCEITO ENTRE OS PRÓPRIOS AFRICANOS

Outra subcategoria que encontramos diz respeito às relações estabelecidas entre os próprios estudantes provenientes do Continente Africano, os quais, em algumas falas, reforçam os cenários diferentes que compõem cada país em um movimento paradoxal, que reforça suas identidades culturais preservando suas histórias singulares de um país, um povo, uma comunidade, ao mesmo tempo em que ampliam as distâncias entre as culturas.

*Tipo, os cabo-verdianos eles se acham; os nigerianos acham que são ricos, são essas coisas... (G.)*

## AS DIFERENTES NUANCES DE SENTIR-SE SÓ

Em muitos relatos, os jovens descrevem sentimentos de saudades de suas famílias, amigos, de sua vida prévia, mesmo valorizando a experiência da migração internacional temporária, e, muitas vezes, reconhecendo pessoas importantes com as quais se relacionam no Brasil. Percebem e sentem o impacto da diferença na forma de se relacionar entre as pessoas que vivem nesta grande metrópole e nos locais dos quais partiram. A diferença é entendida por eles como oportunidade de crescimento, sendo valorizada, apesar de, em alguns momentos, experimentarem sentimentos contraditórios.

*O que eu notei é que as pessoas... é muito trabalho, é muito estresse, todo mundo está naquela correria... Quando cheguei aqui, ficava na sala, sentava sozinha, conversava com duas pessoas... tanto é que eu não tenho muitos amigos na minha sala, eu falo com dois deles, mas não tenho amigos... (M.F.)*

*Foi aquela coisa de você se virar sozinha... Não ter familiar por perto, você sabe que se tiver sete reais, aqueles sete reais você tem que fazer valer até o final do mês, para poder chegar; e você sabe que está sozinha aqui, tem que se virar muito para poder chegar... (M.F.)*

*A Ilha do Fogo é muito pequena, todo mundo conhece todo mundo. Tem aquela coisa do vizinho ajudar, eu conheço você, está faltando açúcar eu vou na sua casa e peço... é aquela coisa de vizinho, todo mundo se dá muito bem. E São Paulo é a cidade grande, você vem e tipo, você vê uma pessoa e não vê ela nunca mais, no ônibus, por exemplo! E tem aquela coisa das pessoas serem muito dispersas, cada uma tem a sua vida, correria... (M.F.)*

*No começo foi difícil, com muita saudade de todo mundo, queria falar com o irmão, sobrinho, pai, mãe, queria falar toda hora. (M.)*

*... a única coisa difícil, na parte de dificuldades, é estar sozinho, num lugar, é difícil; mas você aprende muito, aprende como é viver em uma sociedade que*

*... você pode desenvolver facilmente, você pode ser criativo, você pode fazer qualquer coisa... (M.)*

*... eu sendo um estudante estrangeiro, não tenho algo meu aqui no Brasil, ou alguém da minha família, não tenho nada; então quase que tudo para mim é meio custoso, difícil de fazer... (M.)*

*A minha vida não é a mesma da que era em Angola, todos os amigos ficaram, todos os de infância... falo com eles também, uma vez ou outra... a gente acaba se sentindo muito só... (J.)*

*Acho que foi uma experiência de conseguir sobreviver sozinha... Tiveram desde estudantes nigerianos, eu era a única mulher, nove homens e tem muitas pessoas que provaram, só três pessoas passaram, na verdade quatro, tinha um que queria vir para fazer o doutorado dele... É um desafio, porque, você pensa, agora não é só passar, é mostrar que uma mulher pode fazer isso! E eu consegui, passei! Mas fiquei com medo. (G.)*

*Em termos de educação mesmo, o ensino é muito diferente, para o nosso país, nós estamos muito atrasados, quando você chega aqui... assim na sala de aula, você encontra muita dificuldade... (A.)*

*... eu não vejo a hora de voltar... eu não estou mal no Brasil, eu estou bem; mas assim, tem aquela hora que você precisa falar com a sua mãe com o irmão e eu não vejo ninguém para falar... (A.)*

## V CATEGORIA

### MARCAS IMPRESSAS PELA EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO

Pudemos perceber nas narrativas destes jovens como a experiência de migração internacional temporária pode transformar a vida deles e, possivelmente, de uma família, de uma comunidade, de um povo, e até de uma nação. Antes de realizarmos a pesquisa, não tínhamos ideia do quão impactante a migração internacional temporária pode se tornar na vida destes jovens.

Na fala deles, as dificuldades compõem um cenário de luta, desafios e conquistas, não só de maneira pessoal e singular, mas também porque eles representam um povo em busca de melhores possibilidades de estudo e oportunidades. Trata-se de um povo que acredita ser possível transformar sonhos em realidade e transformar uma história em que o poder ainda se encontra na mão de uma minoria, reforçando e ampliando um universo em que e as diferenças são tratadas com desigualdades de oportunidades.

*Aprendi a ser uma pessoa mais independente... Aprendi a focar mais nos meus objetivos... aprendi a me virar sozinha... você vê o mundo com outros olhos... perde a sua inocência... (M.F.)*

*Fez eu querer mudar o mundo... querer ir para o mundo, agora que eu saí de*

*Cabo Verde, eu quero ir para o mundo. Tipo como se você está numa nave e começa a se soltar, eu conheci o mundo, agora quero explorar mais esse mundo, dá mais vontade de ir além. (M.F.)*

*Eu vou para os EUA, porque a minha mãe mora nos EUA e já tem documentos americanos, a cidadania, tanto é que meus irmãos foram morar nos EUA... terminar aqui e depois ir para os EUA. (M.F.)*

*Uma experiência de vida. Eu acho que todo mundo deveria ter essa experiência, essa oportunidade, eu acho que todo mundo deveria fazer... (M.F.)*

*... eu tenho perspectiva de continuar me formando, fazer o mestrado pra frente; eu não queria parar agora... dependendo do que virá no futuro, se eu continuar aqui no Brasil, ou em outro lugar, ou em Angola mesmo, mas meu pensamento é continuar a estudar, só que não sei aonde, se é em Angola ou aqui, ainda não sei... (M.)*

*O que marcou mesmo em primeiro lugar foram as pessoas diferentes em São Paulo... nas atitudes, porque a gente esperava que todo mundo aja com todo mundo, diferentes comportamentos globais, por exemplo, porque em Angola, as pessoas se comportam de maneiras diferentes, tem atitude diferente, conversam diferente. Aqui em São Paulo também, as pessoas se comportam diferente, tem conversas diferentes, age diferente... (M.)*

*... eu tive a possibilidade tentar falar alguma coisa do meu país para muita gente, alunos, professores... acho que sempre é positivo, mas o impacto acho que teve que aprendi mais ainda; culturalmente aprendi muito... Isso acabou desenvolvendo um M. mais evoluído, entre aspas; então é um impacto positivo, porque a pessoa cresce... tem que ter bis de novo, tem que repetir... (M.)*

*É uma experiência ampla... a questão de ter saído do país é um aprendizado, porque estou aprendendo coisas que se estivesse em Angola, talvez não aprenderia. Questões de morar sozinho... questões de saber aprender sobre outra cultura, nessas questões de diferenças... (J.)*

*O meu projeto é trabalhar na área que eu almejo que é a organizacional. (J.)*

*Acho que foi uma experiência de conseguir sobreviver sozinha. (G.)*

*... vale a pena lutar... para você conseguir; eu sei que quando eu saí de lá eu tinha muita dificuldade e agora eu superei essa dificuldade, eu não vejo mais se eu tenho absorvente, se eu tenho sabonete, o meu foco agora é estudar para conseguir o melhor para mim mesma; não importa o que eu passei desde 2009, o meu foco é chegar no final de 2012 e sair formada em Serviço Social, em qualquer área que seja, não importa. (A.)*

*... lá o certificado é muito valioso mesmo estudante brasileiro tem diferença, ela estudou no Brasil... (A.)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de pesquisa tivemos como ponto central as narrativas de jovens estudantes que partem do Continente Africano, de diferentes nações, e migram para estudar em terras brasileiras. É um processo complexo, não se tratando apenas de um simples movimento de deslocamento de indivíduos entre um país de origem e um país de acolhimento; é um lugar de passagem no qual delineiam-se relações sociais próprias constituindo a intercultura de uma Universidade. Com as narrativas destes jovens pudemos apreender uma parte de suas realidades singulares vividas e experienciadas na chamada *terra do outro*.

Percebemos que os estudantes provenientes de diferentes países da África não se pautam por uma única identidade, uma única cultura e tradição. Compreende-se que o que são e expressam é constituído de relações históricas concretas, do passado e do presente, em suas diversas e diferentes nações, como também das relações que constroem no cotidiano de suas vidas, no aqui e agora de sua existência e, de modo particular, no interior da Universidade e do processo educativo.

As categorias de análise que construímos com este estudo são indicadores de como as questões relacionadas com diversidade vêm sendo tratadas por nossa sociedade ainda hoje, século XXI. A diversidade parece ser tratada, algumas vezes, com despreparo na universidade, gerando desigualdade de oportunidade e diminuindo as possibilidades de um diálogo intercultural.

Deparamo-nos, neste trabalho, com a singularidade que constitui o Continente Africano, envolvendo diferentes nações, o que nos desafiou à investigação e ao alcance de nosso objetivo. O modo de vida de todos e de cada um foi o que nos motivou, pois observamos que suas trajetórias e heranças singulares resultam da experiência vivida e da percepção e representação que sobre ela se constrói.

Sabemos que estes estudantes adentram a Universidade Brasileira por meio de acordos entre seus países e o Brasil. Tais acordos apresentam uma oportunidade para que jovens africanos participem de um ensino considerado mais qualificado do que o encontrado em seu país. Antes de sua partida, e a partir da mídia, constroem uma imagem de um Brasil rico em possibilidades, de um povo festeiro e acolhedor; entretanto, quando desembarcam em uma das maiores cidades do mundo, começam a se deparar com um Brasil real, constituído por uma série de dificuldades que irão impactar nas suas

trajetórias de vida e em seu processo de migração internacional temporária.

Esses estudantes vivem um desenraizamento profundo, partem de famílias em que uns cuidam dos outros, um modelo no qual a corresponsabilidade é uma palavra muito exercitada, e, ao chegarem aqui, encontram um cenário pouco acolhedor, no qual precisarão desbravar sozinhos novos caminhos em um país diferente do seu. Esses jovens experimentam tremendos sacrifícios para se manter no Brasil e concluir seus cursos de graduação. Um esforço em nome de um crescimento não só para si, mas para uma família, uma comunidade, um país. Essas são experiências que deveriam ser muito valorizadas e apoiadas. No entanto, tal suporte parece ser escasso durante todo o processo, como podemos observar nos relatos destes jovens, que não identificam na Universidade a rede de apoio de que necessitam.

Isso levanta uma questão: será que a Universidade está cumprindo o seu papel? Por que existe um departamento separado para receber estudantes europeus e americanos? E um sistema de apadrinhamento que se inicia no próprio aeroporto quando estes estudantes (americanos e europeus) chegam? Realmente, não consegui compreender, em todo o processo da pesquisa, o motivo para tamanha diferença. A integração destes estudantes africanos na Universidade é feita em um contexto de ensino ainda, muitas vezes, marcado pelo alto grau de segregação racial e econômica, constituindo o universo das relações de hierarquia, diferenciação e poder dentro das Universidades Brasileiras. Neste caso, indígenas, negros, mestiços e pobres, por vezes, entram em tais espaços numa condição de inclusão marginalizada, gerando desigualdade e exclusão.

Sabemos que em uma sociedade altamente estratificada e competitiva como é a sociedade brasileira encontramos tensões ainda no campo étnico e racial. O binômio discriminação / folclorização faz parte desta realidade experimentada por esses estudantes. Discriminação em função da fenotípia e de alguns comportamentos que os diferenciam do negro brasileiro, ao mesmo tempo que se nota um certo exotismo e uma folclorização de seus modos de ser e viver. No jogo dessa ambivalência, constroem estratégias para agirem no cotidiano, se agrupando, na maior parte do tempo, com colegas de seu país de origem, e também com eles dividindo moradia. Buscam espaço, driblando o preconceito e a discriminação na tentativa de alcançarem suas metas de estudo e qualificação.

Será que enquanto Universidade não podemos fazer melhor? Como seria bom um

departamento para tratar essas questões da diversidade em específico, que se preocupasse em acolher estudantes vindos de diferentes regiões do país e de outros países, no qual um dos pressupostos fosse a troca, ou seja, vamos acolhê-los e podemos aprender novos jeitos... novos olhares... novas culturas... novos saberes sobre a vida. E por que não o fazemos?

Mas parece que, ainda no século XXI, a lógica colonizador/colonizado ainda prevalece. Será que não acreditamos que eles têm algo a nos ensinar? Isso me parece realmente perturbador... Quantas vezes sua invisibilidade na Universidade acaba reforçando essa lógica. Não somos só nós que temos o que oferecer. Temos muito a aprender com eles. Por que não aproveitamos sua estadia por aqui?

Neste cenário, se torna preeminente a reflexão e revisão de posicionamentos da Universidade frente às questões da diversidade, dos espaços construídos para a promoção dos diálogos interculturais. As Universidades buscam gradativamente criar espaços para o debate, nada simples, sobre a diversidade, que originam políticas de diversidade das quais se destacam as ações afirmativas voltadas para os indígenas, negros brasileiros e/ou afrodescendentes, mas ainda precisamos envolver o maior número de pessoas em todos os níveis da organização universitária e capacitá-las em relação ao tema aqui proposto e desenvolvido.

Esse é um desafio que se faz permanentemente: considerar trajetórias históricas e o que vem junto com elas em contraponto com a hierarquização de sujeitos por meio de diferentes critérios, atribuindo-lhes ou não competências no âmbito de uma sociedade, de uma cultura e de um sistema de valores diferente dos nossos. Sabemos que todos têm a ganhar; uma Universidade diversa se torna mais fortalecida para cumprir suas metas de ensino e contribuir com a produção de conhecimento para uma sociedade mais justa e democrática, ampliando as possibilidades de paz entre os povos. Um povo competente culturalmente se torna mais tolerante ao diferente e transforma o seu olhar, enfatizando na diferença sua força enquanto comunidade, povo, nação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, E.P.A. *Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: A Unesco e a construção de um universalismo global*. Soc. Estado. Vol n.3. Brasília Sept/Dec.2010. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=so102-69922010000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=so102-69922010000300007)

ANDOLFI, M. *Terapia Familiar: Un Enfoque Interaccional*. Barcelona: Ed. Paidos, 1993.

ANJOS, J.C.D. *Intelectuais literaturas e poder em Cabo Verde: Lutas pela definição da Identidade Nacional*. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS; Praia (Cabo Verde): INIPC 2002.

APPIAH, K.A. *Na casa do meu pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARBOSA, M. *Educação e desafios da multiculturalização: uma pedagogia da sociedade civil*. Cad.Pesqui.vol.40, n.141, São Paulo Dec. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742010000300016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742010000300016)

BRZOZOWSKI, J. *Migração internacional e desenvolvimento econômico*. Estud.av.vol.26, no.75, São Paulo May/Aug.2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S103-40142012000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S103-40142012000200009)

CALLIL, M.I. *A constituição da subjetividade em menino de rua: análise de um caso na cidade de Santos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Departamento de Psicologia Social. São Paulo: PUC, 2001.

CANCELINI, N.G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Ensaios Latino-Americanos. V.1. São Paulo: EDUSP, 2006.

CASTELLS, S.; MILLER, M.J. *La Éra de lá Migracion, Movimientos Internacionales de Población en el Mundo*. México: Ed. Miguel Ângelo Porrúa, 2004.

CERVENY, C.M.O. *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. Campinas: Livro Pleno, 2000.

CONSULADO REPÚBLICA DA NOVA GUINÉ acesso em 19/03/2012. Disponível em:

[www.portalconsular.mre.gov.br/mundo/africa/republica-da-guine](http://www.portalconsular.mre.gov.br/mundo/africa/republica-da-guine)

CORSINI, L.F. *Êxodo constituinte: Multidão, democracia e migrações*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Departamento de Serviço Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

DESIDERIO, E.J. *Migração internacional com fins de estudo: O caso dos africanos do programa estudante-convênio de graduação em três universidades públicas no Rio de Janeiro* (Dissertação de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais). IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e ENCE (Escola Nacional de Ciências e Estatística). Rio de Janeiro, 2006.

DIÉGUES, M. J. *Etnias e culturas no Brasil*. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização



Brasileira, 1977.

DULCE, M.D.C.J.M. *O Mito Atlântico: Relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas*. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, 2006.

EMBAIXADA DA NIGÉRIA acesso em 19/03/2012. Disponível em:  
[www.nigerianembassy-brazil.org/](http://www.nigerianembassy-brazil.org/)

FIGUEIREDO, D.M. *Os significados do amor em tempos de Aids: Um grupo de adolescentes brasileiras*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica – São Paulo, 2005.

FLEURI, R.M. *Intercultura e Educação*. Grifos. Chapecó, n.15.p.16-47 2003.

FONSECA, D.J. *A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil*. Pro-Posições. V.20, n.1. Campinas Jan/Apr.2009. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_artexx&pid=S0103-73072009000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artexx&pid=S0103-73072009000100003)

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

GERALDES, M.A.F. & ROGGERO,R. *Educação e diversidade: demandas do capitalismo contemporâneo*. Educ.Soc.vol.32 n.115, Campinas Apr/Jun 2011.  
Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=so101-73302011000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=so101-73302011000200013)

GIDDENS, A. *Mundo em descontrolado – O que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas S.A.,1996.

GRANDESSO, M. A. *Sobre a reconstrução dos significados: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

\_\_\_\_\_. *Família e narrativas: histórias, histórias e mais histórias*. In: CERVENY,C.M.O. (org.). *Família e...: narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

HALL, S. Cultural identity and diaspora. In Rutherford, J. (org). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRSCH,O.N. “A gente parece um camaleão”: (re)construções identitárias em um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro. Pro-Posições vol.2 n.1 Campinas Jan/Apr.2009. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=so103-73072009000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=so103-73072009000100005)

IBGE, 2013. [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 20/06/2012.

KUBLIKOWSKY, I. *A meia idade feminina em seus significados: o olhar da complexidade*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica – São Paulo, 2001.

LAIRD, J. Teorizando a Cultura: Ideias Narrativas e Princípios da Prática Clínica. In: MC GOLDRICK, M. *Novas abordagens da terapia familiar – raça, cultura e gênero na prática clínica*. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Roca, 2003.

LARROSA&SKLIAR (org.). *Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOPES, N. *Bantos, malês e identidade negra*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 1992.

MACEDO, R.M.S. Diretrizes éticas e pesquisas qualitativas em saúde. Revista *Ca e Saúde Coletiva*. Vol 13, n. 2. (p.320-324). São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Diversidade cultural um desafio para a terapia de família. In: GRANDESSO, M. (org.). *Psicoterapia e justiça social. Respostas éticas as questões de dor*. São Paulo: APTF, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Jovem na família*. Trabalho Apresentado no 3º Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP, Águas de São Pedro, agosto, 1990. Publicado nos anais de 1991.

MAFFESOLI, M. *Sobre o Nomadismo: Vagabundagens Pós-Modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARRA, C. *Para entoar a tua canção: Uma reflexão sobre a necessidade de uma postura sensível do psicólogo quanto às questões de diversidade cultural*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica – São Paulo, 2005.

MC GOLDRICK, M. *Novas abordagens da terapia familiar – raça, cultura e gênero na prática clínica*. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Roca, 2003.

Ministério da Educação. Manual do Programa de Estudantes – Convênio de Graduação PEC-G. Rio de Janeiro (UNIRIO), 10/12/1999.

Ministério da Saúde, 1996.

<http://conselho.saude.gov.br/web/comissoes/conep/index.html>. Acesso em janeiro de 2011.

MOREIRA, Igor. O espaço africano. In: Ciências e Letras (Revista da FAPA). Edição Especial N 21/22 Porto Alegre, 1998.

MORIN, E. *O Método 5: A Humanidade da Humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PINDERHUGHES, E. *Understanding Race, Ethnicity and Power: Key to Efficacy in Clinical Practice*. New York: Free Press, 1989.

POMER, L. Hacia Donde Vamos? In: *Desafios da Globalização*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

POOL, Ana Paula. *Do baixo Congo ao Brasil: Um olhar antropológico sobre o significado da igreja kimbanguista no contexto carioca*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). UFRJ: Rio de Janeiro, 2001.

PORTAL DO GOVERNO DA REPÚBLICA DE ANGOLA acesso em 19/03/2012.  
Disponível em: [www.governo.gov.ao/](http://www.governo.gov.ao/)

PORTAL DO GOVERNO DA REPÚBLICA DE CABO VERDE acesso em 19/03/2012.  
Disponível em: [www.governo.cv/](http://www.governo.cv/)

PORTAL DO GOVERNO DA REPÚBLICA DA NIGÉRIA acesso em 19/03/2012.  
Disponível em: [www.sua\\_pesquisa.com/paises/Nigéria](http://www.sua_pesquisa.com/paises/Nigéria)

RELATÓRIO MUNDIAL DA UNESCO acesso em 03/03/2012. Disponível em:  
<http://unesdoc.unesco.org/imagens/0018/001847/184755>

RICOUER, P. *Si Mismo Como Otro*. Madri: Siglo Veintiuno de Espana Editores, 1996 (original, 1988).

SARAIVA, J.F.S. *A África e o Brasil: encontros e encruzilhadas*. In: *Ciências e Letras* (Revista da FAPA). Edição especial n.21/22. Porto Alegre, 1998.

SILVA, M.A.M. *Migração e adoecimento: A cultura e o espaço de simbolização da doença*. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Universidade Estadual de Campinas-SP, 2004.

SLUZKI, C. *A Rede social na prática sistêmica: Alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SUBUHANA, C. *Estudar no Brasil: Imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro* (Tese de Doutorado em Serviço Social) - ESS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

TANNURI, M.R.P. *Emigrar de Angola e imigrar no Brasil jovens imigrantes no Rio de Janeiro: história(s), trajetórias e redes sociais*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). UFRJ: Rio de Janeiro, 2001.

WIKIPÉDIA CONSULTA EM 10/03/2012. Disponível em:  
[pt.wikipedia.org/wiki/Nigéria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nigéria)

<http://eportuguese.blogspot.com.br> .Acesso em 19/03/2012.

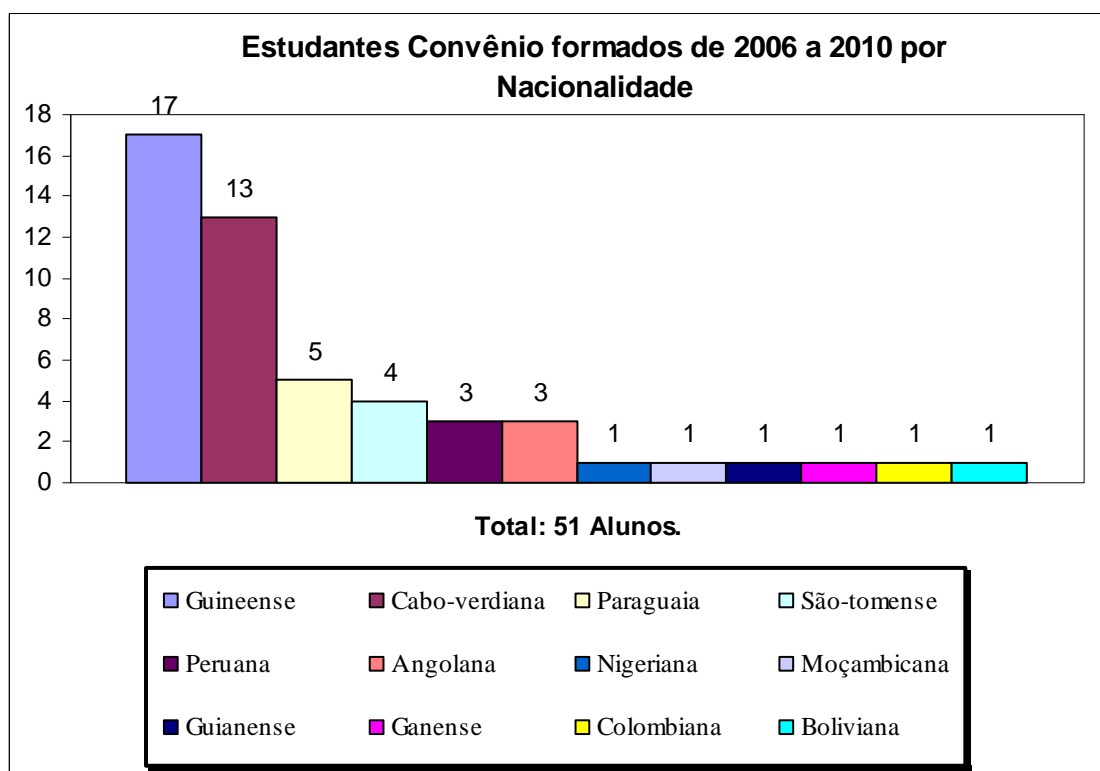
VIRNO, Paolo. *A Grammar of the Multitude*. Los Angeles: Semiotext(e), 2004.

# **ANEXOS**

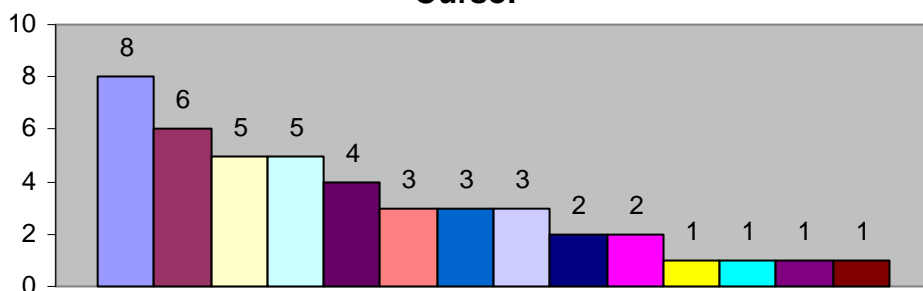
# ANEXO I

Alunos Formados de 2006 a 2010 por nacionalidade	
Nacionalidade	Quantidade
Guineense	17
Cabo-verdiana	13
São-tomense	4
Angolana	3
Nigeriana	1
Moçambicana	1
Guianense	1
Ganense	1
<b>Total de alunos:</b>	<b>51</b>

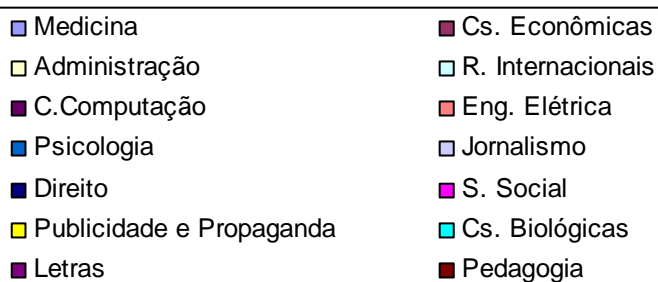
- Essa pesquisa pretende estudar os alunos provenientes do Continente Africano.



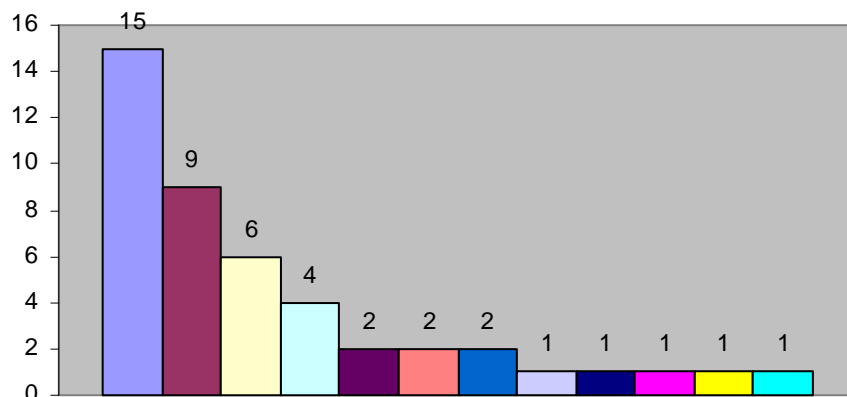
### Estudantes Convênio Matriculados em 2011 por Curso.



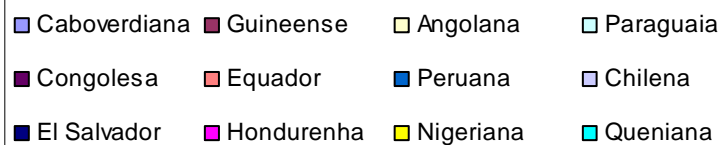
Total: 45 Alunos.



### Estudantes Convênio Matriculados em 2011 por Nacionalidade



Total: 45 Alunos.



# ANEXO II

## ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

### **Sair de meu país e vir para o Brasil...**

- ✓ O quê motivou a escolha do Brasil?
- ✓ Qual a imagem do país antes de sua chegada?
- ✓ Como foi o acolhimento na Universidade e no País?
- ✓ Quais as dificuldades encontradas?
- ✓ Que diferenças percebe entre as culturas?
- ✓ Que semelhanças percebe entre as culturas?
- ✓ Qual o impacto dessas diferenças e das semelhanças em sua vida e na vida da Universidade?

### **Minha vida antes da chegada...**

- ✓ Como era sua rede social antes?
- ✓ Qual é a composição de sua família?
- ✓ Morava com quem antes de chegar?
- ✓ Qual é a escolaridade dos pais?
- ✓ E o que fazem no seu país de origem?

### **Minha vida agora...**

- ✓ Como é sua rede agora?
- ✓ Com quem mora no Brasil?
- ✓ Quais os significados de se obter um diploma em um outro país?
- ✓ Que mudanças essa experiência de viver no Brasil estudando em uma Universidade Brasileira trará para a sua vida?
- ✓ Outras pessoas da família já migraram para o Brasil?
- ✓ Para quê?
- ✓ Quem paga por seus estudos?
- ✓ E pelas despesas de moradia, alimentação etc...?
- ✓ O que mais tem marcado sua experiência de migração?
- ✓ Do que têm mais saudades?

## **E o seu projeto de futuro...**

- ✓ Qual é o seu projeto de futuro?



## ANEXO III

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Denise Miranda de Figueiredo, aluna do Doutorado da Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica/São Paulo, venho desenvolvendo a Tese de Doutorado: *Diálogos Interculturais dentro de uma Universidade Brasileira*, cujo objetivo é compreender, por meio das histórias de vida, como é ser um estudante estrangeiro, proveniente do Continente Africano, dentro de uma Universidade Brasileira. Compreender como acontecem os cruzamentos interculturais e como esse fenômeno constitui a diversidade na Universidade.

Para tanto utilizarei a entrevista semiestruturada como um método mais adequado para a coleta de dados, sendo utilizado um roteiro de perguntas previamente estabelecido. Essa entrevista será gravada em áudio com o objetivo de tornar mais fidedigna a transcrição do material coletado.

Cabe ressaltar que esse procedimento é de baixo risco ao participante. No entanto, estarei atenta para eventuais consequências que evidenciem a necessidade de intervenção e consequente encaminhamento do participante.

Benefícios podem ser gerados, pois o procedimento acima referido permite a cada participante uma reflexão em torno da experiência em foco, além do estudo poder gerar benefícios para outras pessoas que estejam vivenciando a mesma situação.

O sigilo em torno da identidade e da privacidade dos participantes ficam garantidos por esse termo.

Coloco-me a disposição, para informar os resultados obtidos.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: *Diálogos Interculturais dentro de uma Universidade Brasileira.*

Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados, conforme seu texto descritivo. Entendo que não sou obrigado a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado.

Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com o pesquisador.

Nome do pesquisado:

Assinatura:

RG e ou Passaporte:

Nome do pesquisador:

Assinatura:

RG:

São Paulo,.....de.....de 2011.

## ANEXO IV

### TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS<sup>1</sup>

*Antônia (43min26seg)*

Entrevistadora: Em primeiro lugar, obrigada por você estar aqui, eu acho que é uma pesquisa importante para vocês, pra nós, pra trazer uma maior visibilidade para os estudantes que vieram do continente africano para o Brasil, eu particularmente tenho um interesse grande nessa questão; então, assim, eu tenho um roteiro de algumas, de três tópicos, que depois a pesquisa toda eu vou seguir por aqui, por estes três tópicos, mas fique à vontade para você falar o que quiser, ‘tá bom? Em primeiro, a ideia é perguntar para você o que motivou a escolha para o Brasil.

Antônia: Assim, eu gostei do Brasil, é por isso que eu escolhi o Brasil.

Entrevistadora: Você já conhecia o Brasil?

Antônia: Só por TV, e a gente também assiste novela, essas coisas.

Entrevistadora: E desde quando você imaginou vir para o Brasil, estudar, como foi isso?

Antônia: Tudo foi surpresa mesmo, no momento que eu consegui a bolsa, eu não esperava conseguir a bolsa naquele momento, mas tudo foi tão rápido, eu consegui, graças a Deus, e estou aqui.

Entrevistadora: Como funciona isso lá na África, que estudantes... que colégio você estudava, como você pleiteou essa bolsa?

Antônia: Porque tem embaixada do Brasil lá no nosso país, então eles abrem a vaga para quem saiu do terceiro colegial para concorrer à bolsa, você passa lá na embaixada, entrega toda a documentação, tem uma aula que é sobre a literatura que eles dão para poder inserir no sotaque, para poder entender mais um pouco como o brasileiro fala; eles mostram a história do Brasil também para saber como que é, aquela aula é três vezes por semana e você escolhe o dia que você está livre pra você assistir aquela aula na embaixada, depois você entrega todos os documentos e a seleção foi feita aqui no Brasil, depois ele tiram o resultado de que você conseguiu a bolsa.

Entrevistadora: E quando você soube da notícia, como foi para você?

Antônia: Foi muito bom!

Entrevistadora: Foi bom? Mesmo imaginando que você ficaria tanto tempo fora?

Antônia: Sim, porque na minha família não tem nenhuma formada; não tenho assim, tanto meu pai quanto a minha mãe, então eu falei assim: “eu vou correr atrás do meu

---

<sup>1</sup> Realizamos as transcrições das entrevistas preservando as narrativas dos jovens, mesmo incorrendo em alguns erros de português.

sonho!” Quando eu consegui a bolsa, nossa, eu fiquei muito feliz mesmo.

Entrevistadora: É uma bolsa pelos cinco anos de estudo?

Antônia: Quatro anos!

Entrevistadora: Eles ajudam com outras coisas ou não?

Antônia: Não, é só esse pacto que ele fez com Brasil mesmo, é quatro anos só que eles dão. Têm outros países, que nem Angola e Cabo Verde, o país ajuda, mas o nosso não, Guiné-Bissau não ajuda, mesmo que eles queiram, não tem condições mesmo de ajudar.

Entrevistadora: Antes de você vir, qual a imagem que você tinha do Brasil, pelas novelas que você via, pelas imagens?

Antônia: Quando eu cheguei aqui, eu fiquei chocada de ver as pessoas em situação de rua, porque lá a mídia não passa isso para a gente, eles passam apenas os bons momentos, como Copacabana, essas coisas, e todo mundo lá está louco para conhecer o Brasil, mesmo que eu estou aqui agora, se eu falar para uma menina para ele não vir para o Brasil, ele vai me xingar, porque ele vai falar: “ah, você já está lá e você não quer que eu vá”. É isso, tem uma imagem muito grande...

Entrevistadora: Muito positiva?

Antônia: Sim! Todo mundo quer conhecer o Brasil!

Entrevistadora: E quando você chegou, você levou um susto, como foi?

Antônia: Quando eu estava lá, eu nunca pensei que fosse encontrar uma pessoa em situação de rua, eu não tenho esse conhecimento.

Entrevistadora: Lá em Guiné-Bissau não tem?

Antônia: Não tem porque nosso país é pequeno.

Entrevistadora: Quantos habitantes?

Antônia: 1.200 habitantes. É muito pequeno, não é grande como São Paulo, então tem dessas coisas.

Entrevistadora: É um bairro!

Antônia: Então isso que me deixou chocada, fora disso...

Entrevistadora: Então você se chocou com a situação econômica, com as pessoas pobres na rua, desamparadas...

Antônia: Sim! Eu nunca imaginei que vai ter uma pessoa pobre aqui no Brasil nessa situação; porque as imagens que eu vejo lá, eles nunca passaram isso para gente, quando você vê televisão, você vê Copacabana, Ipanema, Rio de Janeiro, São Paulo toda iluminada, eu falava : “nossa, parece que você está no universo mesmo”.

Entrevistadora: Antes de vir, você tinha alguma preocupação, algum medo, qual era?

Antônia: Medo de ficar sozinha, longe da minha mãe e meus irmãos.

Entrevistadora: Como é a constituição da sua família, com quem você morava?

Antônia: Morava eu, minha mãe, e mais cinco irmãs.

Entrevistadora: Mais novas ou mais velhas?

Antônia: Tem três mais velhas e uma caçula.

Entrevistadora: Você tem pai ou não?

Antônia: Meu pai faleceu quando eu tinha um ano e onze meses, eu morava só com a minha mãe mesmo, com meus irmãos e meus tios.

Entrevistadora: Todos lá na Guiné-Bissau? E como é esse país?

Antônia: É um país pequeno, tem cultura, várias etnias, cada um fala a sua língua, tem costumes...

Entrevistadora: Do que você sente mais falta?

Antônia: Sinto falta dos meus amigos, da minha mãe, dos meus irmãos e também da comida, que a nossa comida típica também...

Entrevistadora: Como qual?

Antônia: Tem o caldo de xebeu.

Entrevistadora: O que é isso?

Antônia: Sabe aquela coisa que dá óleo de dendê? Então, a gente faz comida com aquilo.

Entrevistadora: E é bom?

Antônia: É muito bom! E pasta de amendoim também, tem uma comida lá...

Entrevistadora: E você faz aqui no Brasil também, ou não?

Antônia: É difícil encontrar essas coisas, é por isso que eu falei que tenho saudade.

Entrevistadora: O seu olho chega a encher de água, de saudade! Eu já morei fora do meu país, que é o Brasil, e eu sei que tem um gosto, nossa, que a gente morre de saudade, não é? Quando eu morei fora, eu morria de saudade de comer pãozinho francês, pão da padaria. E assim, quais são as diferenças que você percebe entre as culturas. Uma grande diferença que você percebe entre o seu país e o Brasil?

Antônia: Tem diferença muito grande, porque aqui as pessoas têm liberdade de escolher e de fazer as coisas e lá não; por exemplo, quando eu cheguei aqui, na faculdade, na escola, a nossa escola é diferente, aqui você pode sair, comprar as coisas e comer dentro da classe, lá no meu país isso não existe. Você tem que ficar na classe até tocar o intervalo para você poder comer, do lado de fora, depois você voltasse. Isso não existe, esse lado do Brasil é nota dez. Assim, mesmo que está o professor na classe, você entra, sem mexer,

mas lá não, você tem que ficar na prova para falar “licença”...

Entrevistadora: Tem uma cerimônia...

Antônia: Não é cerimônia, mas você tem que chegar e falar boa tarde professor, eu posso entrar? Se ele liberar você vai entrar, se ele não liberar, você não vai entrar, mas isso aqui não existe.

Entrevistadora: Então você sente que aqui você tem mais liberdade do que você tinha no seu país?

Antônia: Sim!

Entrevistadora: E liberdade de falar coisas, liberdade de pensamento, isso também?

Antônia: Sim, isso também.

Entrevistadora: Que mais? Que outras diferenças você percebe?

Antônia: Assim, mesmo do vestuário, mesmo assim; esse negócio também de namorar, de ficar...

Entrevistadora: Como é isso lá?

Antônia: Lá isso não existe isso de ficar. É só para você namorar sério mesmo.

Entrevistadora: Namorar visando o casamento?

Antônia: Mesmo se não chegar ao casamento, mas é namoro, não isso de ir para a balada e ficar com o cara e semana que vem você vai em outra balada e ficar com outro cara.

Entrevistadora: E como foi pra você ver aqui no Brasil essa...

Antônia: Não, eu para mim, eu... (risos)

Entrevistadora: Como foi que você se adaptou?

Antônia: Não, eu não gosto de sair para balada, eu não tenho nada contra; eu pra mim estou vivendo outra experiência, uma nova experiência, não só a da Guiné, mas tenho que pegar do Brasil também um pouco para fazer comparação.

Entrevistadora: Que legal isso que você está falando Antônia, porque você está aberta, você veio para cá aberta para conhecer a nova cultura. Pegar um pouco de cada cultura e fazer um...

Antônia: Um ritmo!

Entrevistadora: Fazer um ritmo dentro de você. As músicas são diferentes?

Antônia: São diferentes! Nós temos um ritmo que é o gumbê, e aqui tem o sertanejo, samba, rock...

Entrevistadora: Gumbê? Você tem alguma coisa gravada desse ritmo?

Antônia: As meninas têm. Se você quiser eu posso te passar.

Entrevistadora: Eu quero! O que mais você vê de diferente entre Brasil e o seu país?

Antônia: Em termos de educação mesmo, o ensino é muito diferente, para o nosso país, nós estamos muito atrasados, quando você chega aqui... assim na sala de aula, você encontra muita dificuldade, porque aqui eu vejo que quando a criança sai do terceiro colegial tem que fazer o cursinho; no meu país isso não existe, quando você sai do terceiro colegial já procurando a bolsa, essas coisas; aqui o ensino é mais forte pra mim, lá é fraco.

Entrevistadora: Lá é fraco e aqui é mais forte?

Antônia: Isso. E aqui também você tem liberdade de escolher qual vai ser a escola...

Entrevistadora: E lá?

Antônia: Lá não tem, quando eu estar vindo pra aqui, eles mandaram assim o curso, lá na embaixada, e você que fez o terceiro grupo, você tem que escolher este ou aquele curso. Você que fez segundo, você tem que escolher este o aquele curso; então você não tem alternativa, mesmo eu fazendo o primeiro grupo, se eu não quiser fazer engenharia civil, e quiser fazer psicologia, eu não tenho como escolher. Não tem como escolher, tem que optar pelo que está dentro do critério, mas aqui não, mesmo se você estiver no primeiro grupo e quiser fazer serviço social, você pode.

Entrevistadora: Você poderia fazer o que você quisesse! Tudo que você quisesse, quer dizer, a liberdade já começava daí, né, Antônia? E você tem amigos que vieram para cá?

Antônia: Tem algumas que eu conheço de lá e vieram para cá, mas tem as que eu conheço daqui, e que vieram de lá, mas eu conheço daqui.

Entrevistadora: Aqui você se relaciona com pessoas do seu país ou outro? O seu é Guiné-Bissau? Com quem você se relaciona aqui na universidade?

Antônia: Brasileiro, gente de Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, porque aqui no parque, a Mônica e a Nanci chamou a gente para compor algumas coisas dentro da PUC; a gente até fez uma apresentação para mostrar a cultura africana, a gente junta Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, cada um faz de seu país, a gente tem esse vínculo.

Entrevistadora: Não tem estranhamento ou dificuldade entre um e outro?

Antônia: Não, a gente tem se reunido bastante, pra se encontrar nós mesmo africanos...

Entrevistadora: Vocês se reúnem?

Antônia: Sim.

Entrevistadora: Não tem briga entre um e outro?

Antônia: Briga sempre tem...

Entrevistadora: Mas não porque são de países diferentes?

Antônia: Não, brigas sempre têm, porque cada um tem seu jeito e é difícil de lidar, mas a gente tem um vínculo muito forte; quando uma pessoa de Angola tem um churrasco, ela convida a gente, se a gente pode ir, e se a gente tem, também convida. Semana passada mesmo tinha um artista de Cabo Verde que estava aqui, tocando aqui na carioca, a gente encontrou quase todos os africanos lá.

Entrevistadora: Tem muitos africanos?

Antônia: Muitos! Que estuda na USP, tem gente que estuda da Unesp, tem um monte de meninas que estudam lá.

Entrevistadora: E como é quando você encontra tantos africanos estudando aqui no Brasil procurando se aperfeiçoar, como você se sente, o que isso significa para você?

Antônia: Isso significa para mim, para ter mais significado, quando um estudante que estiver aqui conseguir formar e tiver uma ideia de voltar para o nosso país para tentar mudar alguma coisa; se isso acontece, vai ter muito significado para mim, porque isso vai construir o nosso país. Mas tem gente que está aqui que não quer voltar, sabe?

Entrevistadora: Isso que eu ia te perguntar, Antônia, como que é? A maioria, você, primeiro você, a sua ideia é voltar para o seu país ou é ficar aqui, o que é?

Antônia: Para mim, como eu estou fazendo Serviço Social, se eu ficar aqui eu vou ter mais campo para trabalhar, com certeza! Eu vou ter mais vida e sociedade para trabalhar, mas pra mim eu quero voltar para o meu país e contribuir para o meu país.

Entrevistadora: Por quê?

Antônia: Eu acho que tem muita pessoa que está precisando de ajuda lá no meu país. Eu não posso mudar o mundo, mas no que eu posso construir um pouco, eu vou construir para o meu país.

Entrevistadora: Que legal ouvir isso. Você sabe se tem alguma pesquisa, se alguém viu o quanto de africanos tem que vem para cá e depois voltam para o seu país ou não?

Antônia: Não sei, mas tem menina que veio para cá, na PUC mesmo, e se formou em 2009, ela fez jornalismo, ela fez o TCC do aluno estrangeiro no Brasil, mas eu não sei que ponto ela tocou, se a pessoa quer ficar ou voltar...

Entrevistadora: Quando você chegou, como a faculdade te recebeu?

Antônia: Quando eu cheguei, fiquei três dias, depois a Mônica... porque tem um monte de aluno que está aqui, aqueles que saíram no final de 2009 mesmo, eles se uniram e chamou a gente festa de calouro, para ter um encontro, foi muito bom, eu gostei. Depois eu comecei a aula, comecei a fazer Letras, eu estava lá, mas eu não gostei muito, e as pessoas mesmo, porque eles me acham assim estranha.

Entrevistadora: Por quê?

Antônia: Não sei, até teve uma menina que chegou a perguntar se eu morava com leão, macaco, eu perguntei, como assim? A gente tem casa, como vocês...



Entrevistadora: Antônia, você está me dizendo que você sofreu preconceito.

Antônia: Nem sabia se era preconceito, porque eu nem imaginava que isso pode ser preconceito. Pra mim é normal, eu acho que ela não sabia colocar a pergunta que ela queria colocar e ela colocou desse jeito, mas eu nem levei para o lado pessoal. Quando eu estava fazendo Serviço Social, e surgiu essa coisa do preconceito, que eu me dei conta que era preconceito, mas no momento...

Entrevistadora: Você não se atentou para isso?

Antônia: É, mas era preconceito mesmo. Tentei falar para ela que a gente tinha casa como vocês, que a gente mora, eu nem conhecia leão, simplesmente vendo tevê, que nem você, porque eu não conheço, mas eu 'tô no curso de Serviço Social e eu estou muito bem, não só porque ele está me ajudando, mas porque eles me veem como pessoa.

Entrevistadora: Você se sente...

Antônia: Uma pessoa dentro da PUC. Não tem essas coisas de estranheza, de que você é africano, de que você tem que ficar aqui, não tem isso.

Entrevistadora: Então você foi bem recebida nesse curso de Serviço Social.

Antônia: Sim.

Entrevistadora: E como é? Quem te ajuda a buscar casa, qual é a tua rede aqui?

Antônia: Quando eu cheguei aqui, antes de vir para cá, tem uma menina que está fazendo, mas ela está fazendo na UNIP por conta própria, ela é minha vizinha lá no meu país. Quando eu vim pra cá, eu liguei pra ela; ela que me pegou no aeroporto e eu fui morar com ela na mesma casa. E assim, antes de eu vir para cá, eu tenho meu tio que assinou meu termo de responsabilidade que quando eu estou aqui ele vai me bancar a minha estadia aqui; quando eu cheguei aqui, eu fiz seis meses e ele 'tá desempregado, eu 'tô sem renda, sem nada mesmo, e tem uma bolsa que o governo daqui disponibiliza para o aluno africano, que é salário mínimo. Como eu chegava no primeiro semestre, as pessoas já concorriam, eu não tinha como me candidatar. Eu fiquei naquela situação e as meninas estão me ajudando onde que eu estou; estão me apoiando, porque eu não tenho nada.

Entrevistadora: Então você não está com renda nenhuma e o seu tio que te ajudava no início, agora não pode mais te ajudar.

Antônia: Eu fiquei com aquelas meninas e elas estavam pagando tudo pra mim e no semestre seguinte eu consegui aquela bolsa para a moradia, 500 reais por mês e é esse 500 reais que eu estou vivendo aqui no Brasil e com a ajuda de algumas meninas do Serviço Social que estão me ajudando.

Entrevistadora: E aí com 500 reais você tem que comer, transporte, pagar contas?

Antônia: É!

Entrevistadora: E você mora longe ou perto daqui?

Antônia: No Butantã! Eu morava aqui, em Perdizes, na Turiassú, com aquela menina,

mas aluguel tá muito caro e a gente mudou, mora agora no Butantã para pagar mais barato.

Entrevistadora: E como você se relaciona com a sua família, você fala pela internet, como que é?

Antônia: A gente fala por e-mail, de vez em quando, porque lá também a internet é muito cara, não dá para eles ficarem direto na linha para esperarem eu entrar para a gente falar; e aqui no prédio, perto da cabine, onde fica o responsável pelo PEC-G, aqui no prédio velho...

Entrevistadora: Ah tá, sei sim onde que é!

Antônia: Então, tem um telefone lá que eles dão uma vez por mês para você ligar para o seu país.

Entrevistadora: Gratuitamente?

Antônia: Sim, e a gente liga. E agora também aqui no centro, tem um cartão África, que você pode ligar para a África, é dez reais e tem 22 minutos.

Entrevistadora: Que legal! Você liga e como é?

Antônia: São 10 reais o cartão, são 22 minutos, você pode ligar para a sua família e matar um pouco da saudade.

Entrevistadora: Você morre de saudade?

Antônia: Muita, eu não vejo a hora de voltar. Sabe, eu não estou mal do Brasil, eu estou bem; mas assim, tem aquela hora que...

Entrevistadora: O coração fica apertado?

Antônia: É! Que você precisa falar com a sua mãe com o irmão e eu não vejo ninguém para falar.

Entrevistadora: Então aqui, quem ocupa esse lugar de te dar colo, quem te escuta é quem?

Antônia: São as meninas com quem eu moro e as meninas da minha classe.

Entrevistadora: Essas meninas com as quais você mora, elas são da África ou não?

Antônia: São.

Entrevistadora: E elas estão fazendo graduação aqui?

Antônia: Sim, uma está fazendo USP, outro está fazendo UNIP e eu.

Entrevistadora: São de faculdades diferentes! Na USP... na UNIP ela faz por conta própria, né? E na USP?

Antônia: É por conta própria, mas na USP é por convênio.

Entrevistadora: É o mesmo convênio que o teu?

Antônia: É o mesmo. Mas só que estudante da USP se você tentar alojamento, você consegue o alojamento, sem pagar nada e eles tem também aquele tíquete que é de bandeirão para você poder almoçar, jantar.

Entrevistadora: Eu ia te perguntar Antônia quais as dificuldades que você encontrou aqui, mas você já está até me dizendo, porque se sustentar com 500 reais, não ter apoio para moradia, é uma das dificuldades?

Antônia: É! Muito grande!

Entrevistadora: A saudade da sua mãe, dos seus irmãos, também é uma outra dificuldade? Tem alguma outra dificuldade que você não falou?

Antônia: Dentro da escola mesmo, da faculdade, pra elaborar um texto e falar também; eu tenho muita dificuldade, até que eu conversei com a Mônica e Araci e tem um núcleo da psicopedagogia, que tem uma menina que é a Roberta e a Carol, montaram aqui no parque mesmo, e eu estava fazendo semestre passado com elas toda segunda-feira, para tentar mudar a escrita, falar também, e isso está me ajudando; eu tenho muita dificuldade assim no começo de até fazer resenha, fichamento, mas agora estou superando.

Entrevistadora: E as meninas da psicopedagogia fazem isso gratuitamente, te ajudam para que você melhore a escrita?

Antônia: Isso, e foi a Mônica que me chamou para esse núcleo, e eu compareceu e qualquer dificuldade que a gente tem, a gente expõe e eles dão lição que nem lição de casa para fazer lá em casa e depois trazer na semana, para eles verem onde que eu erro mesmo, onde eu tenho dificuldade.

Entrevistadora: Tem alguma outra coisa, alguma outra dificuldade que você destacaria assim, que você tem sofrido nestes dois anos que você está no Brasil e na PUC?

Antônia: Não, é só questão financeira mesmo e dificuldade na elaboração de texto.

Entrevistadora: A sua mãe, os seus irmãos, o que eles fazem lá no seu país?

Antônia: O meu irmão mais velho é casado já e mora em outro lugar com sua mulher que trabalha também...

Entrevistadora: Trabalha no que?

Antônia: Trabalha numa empresa, que é de rede telefônica. E a minha mãe é feirante.

Entrevistadora: O que ela vende na feira?

Antônia: Legumes.

Entrevistadora: Você chegava a ajudar ela? Ela já era feirante antes? Ajudou muito?

Antônia: Ajudava muito e com esse dinheiro, graças a Deus, que eu estou aqui, que eu comprei passagem...

Entrevistadora: E quando você vê a feira aqui de terça-feira, dá saudade?

Antônia: Lembro dela!

Entrevistadora: E quantos anos a sua mãe tem?

Antônia: Ela tem 54 agora.

Entrevistadora: Jovem, quer dizer, eu acho jovem. Como ela chama?

Antônia: Inês.

Entrevistadora: E o teu irmão casado como ele chama?

Antônia: Cupertino.

Entrevistadora: Você tem mais?

Antônia: Tenho mais três irmãos: Erólia, Janete e Júlio.

Entrevistadora: Erólia é masculino ou feminino?

Antônia: Feminino!

Entrevistadora: O que ela faz?

Antônia: Ela não trabalha, ela está estudando, tem um curso técnico que ela está fazendo nesse momento, ela entrou agora.

Entrevistadora: Curso técnico do que?

Antônia: Auxiliar de Enfermagem.

Entrevistadora: E a Janete?

Antônia: Ela é a caçula, ela está estudando ainda.

Entrevistadora: E o Júlio?

Antônia: Está estudando também.

Entrevistadora: E a sua mãe consegue sustentar todo esse povo aí com a feira?

Antônia: Com a feira e eles tem que ajudar.

Entrevistadora: O que você sente? Qual o impacto das diferenças e semelhanças; primeiro, tem semelhanças entre Brasil e o teu país?

Antônia: Acho que não, eu não consigo ver semelhanças.

Entrevistadora: Quais os significados de se obter um diploma em outro país?

Antônia: Eu vejo, antes de eu chegar aqui, as pessoas formadas aqui no Brasil tinham emprego, principalmente as pessoas formadas na USP e na PUC, lá o certificado é muito

valioso mesmo estudante brasileiro tem diferença, ela estudou no Brasil, lá fora...

Entrevistadora: Que mudanças vai trazer para sua vida?

Antônia: Muitas...

Entrevistadora: Conte-me algumas?

Antônia: Para a minha vida, quando eu voltar, para eu ter um emprego, para que eu possa ajudara minha mãe; nem se não for 100%, mas 50% eu ajudarei, isso para mim é uma diferença.

Entrevistadora: Outras pessoas da sua família já vieram para o Brasil?

Antônia: Não, eu estou aqui sozinha.

Entrevistadora: Esse tio que te ajuda, ele o faz lá da África?

Antônia: Sim, lá do meu país.

Entrevistadora: O que mais tem marcado sua experiência de migração, de viver no Brasil, o que mais tem marcado?

Antônia: O conhecimento que eu estou adquirindo, porque quando eu cheguei aqui eu tenho muitas dificuldades, até para mexer no computador eu tenho dificuldades. Eu conversei com a Mônica, ela passou o endereço na Santa Cecília, na Rua Albuquerque Lins, tem lugar lá da prefeitura que faz... um curso de computação de graça e eu participei por três meses.

Entrevistadora: Te ajudou?

Antônia: Muito. Eu falei assim: nossa, estou crescendo! Porque nunca eu imaginei que conseguiria fazer isso, e estou conseguindo. É uma mudança para melhor.

Entrevistadora: Que palavra, que frase, é mais forte, porque você disse que está crescendo, de 2009, quando você chegou para hoje, 2011, o que resumiria a tua experiência?

Antônia: Eu falo assim, vale a pena lutar para você dizer, para você conseguir; eu sei que quando eu saí de lá eu tinha muita dificuldade e agora eu superei essa dificuldade, eu não vejo mais se eu tenho absorvente, se eu tenho sabonete, o meu foco agora é estudar para conseguir o melhor para mim mesma; não importa o que eu passei desde 2009, o meu foco é chegar no final de 2012 e sair formada em Serviço Social, em qualquer área que seja, não importa.

Entrevistadora: Tem alguma coisa que eu não te perguntei, que seja importante e você queira falar?

Antônia: Não sei...

Entrevistadora: Se por acaso eu precisar contatar você, eu posso te ligar?

Antônia: Pode!

Entrevistadora: Porque agora eu vou transcrever e pode ser que surja alguma ideia, eu vou conversar com uma lista de estudantes, vou entrevistar vários, e pode ser que surja outras...

Antônia: Pode, mas eu faço estágio de terça, quarta e quinta, eu chego à PUC só cedo, às sete horas, sete e meia; mas de segunda e sexta, eu chego um pouquinho mais cedo e estou aqui, se você quer, segunda ou sexta, pode ligar.

Entrevistadora: E onde eu posso ler coisas sobre o seu país? Porque dentro da pesquisa eu quero destacar...

Antônia: Pode por no Google: História de Guiné-Bissau e vai aparecer, qualquer coisa que você quer vai aparecer, ou colocar notícias de Guiné-Bissau, para saber o que está acontecendo lá e que você deseja saber, você clica.

Entrevistadora: Não sei se tem um Consulado da África aqui, mas ajudam vocês de alguma maneira ou não?

Antônia: Não tem um consulado, mas tem o nosso cônsul que está no Espírito Santo que é o \*ININTELIGÍVEL\*, eu tenho até contato dele, se você quiser alguma coisa, perguntar mais; mas ele não ajuda. O único país que ajuda o estudante é Cabo Verde e Angola, mas não nos ajudam em nada mesmo.

Entrevistadora: Se você pudesse mandar um recado para as pessoas aqui da PUC sobre esse programa, o que você diria?

Antônia: Eu falo que essa experiência é muito boa, porque a gente vai conhecer outra cultura, adquirir novo conhecimento, que nunca é demais; quando você conhece mais você melhora e eu também peço que agora está fechando o campo aqui na PUC mesmo, não sei em outra faculdade, de alunos virem para estudar e conhecer mais, se eles têm como abrir esse campo, pra trazer alunos africano, não só da Guiné-Bissau, mas de outro país que é da África, pra ter essa experiência, conhecer, até para ajudar o nosso país que é pobre, pra ajudar, eu acharia que é o melhor.

Entrevistadora: E o que você diria sobre a coisa do preconceito?

Antônia: Eu diria para eles verem a pessoa com um olhar, não é cor que define a pessoa, cada um tem uma cor, branca, preta...

Entrevistadora: Você acha que o preconceito foi por causa da cor?

Antônia: Eu acho!

Entrevistadora: Não por ser africano, poderia ser brasileiro...

Antônia: Sim, é isso; mas eles passam a ver as pessoas como ser humano, porque as pessoas são um só, não tem diferença, não tem distinção, nós todos somos um só mesmo, tem que ter esse olhar dentro da PUC, fora da PUC, em qualquer outro lugar.

Entrevistadora: E como a universidade pode ajudar nisso?

Antônia: Eu gostaria que eles tentassem chamar essas pessoas, fizessem debates, falando

dessas coisas e fazer com as pessoas entendessem que tem um aluno aqui dentro da universidade que é africano. Até no semestre passado, ocorreu um aluno que está fazendo direito, e uma outra que está fazendo direito e que ela é negra, o nome dela é Neusa, sofreu preconceito. O menino mandou e-mail para ele que o cabelo dele é ruim, não sei o que, e tem um monte de ato aqui, mas não aconteceu nada até agora, e isso está acontecendo todos os dias.

Entrevistadora: Você está me dizendo que percebe o preconceito todos os dias aqui?

Antônia: Todos os dias, mas isso para mim, isso não é preconceito.

Entrevistadora: O que é isso para você?

Antônia: É normal, eu não acho que... como eu falei na hora que a menina perguntou se eu morar com leão, eu nem sei se é preconceito; pra mim não existe, eu não vejo preconceito, eu não baixaria minha cabeça para isso, por que isso é preconceito, pra mim, você é quem sabe, fale o que você quiser, eu já estou aqui na PUC, de qualquer jeito, seja bolsista ou não, eu estou estudando e você não vai tirar; quem vai me tirar da PUC é meu desempenho.

Entrevistadora: Você falou uma coisa importante, Antônia, o fato de vocês serem bolsistas, isso também... como que é isso?

Antônia: Para mim nunca aconteceu, mas tem uma menina que é pronista, da Proune, ela sofreu também esse preconceito, que a menina falou para ela: você é pronista, você não paga nada! Mas para mim isso não importa, o que importa é estar na PUC, estudando, sendo bolsista ou não; se você for pagante, você paga e vai formar, e eu que sou bolsista também vou.

Entrevistadora: Mas como você acha que... existiria a possibilidade de um grupo de pessoas ajudar vocês, enfim, outros alunos a se mobilizarem contra o preconceito na universidade?

Antônia: Tem que chamar para o debate, para compor mesmo, para falar o que está acontecendo e que isso não devia acontecer; eles falam que essa é universidade livre, que não tem repressão, então por que vai existir preconceito? Cada um faz o que quer, mas sem preconceito, todo mundo no mesmo lugar.

Entrevistadora: Você acha que o preconceito, você disse que isso não te afeta, porque você está com um objetivo, está focada, então falem o que quiserem, você vai acabar sua faculdade e ponto; mas essas manifestações que chegam, como a menina que perguntou se você vivia com leão, enfim, elas chegam mais de brasileiros? De quem chegam?

Antônia: De brasileiros. E loiro e branco. Mas isso para mim, mesmo que você não conhece, como a menina que me perguntou, eu tentaria explicar para ela, para mim isso não é preconceito

Entrevistadora: Para você mudaria se eu fosse uma pesquisadora negra? Você acha que mudaria o seu discurso, você se sentiria mais à vontade, ou não?

Antônia: Não, é a mesma coisa, eu não tenho nada para esconder mesmo; eu não tenho nada contra para falar do Brasil, eu estou aqui adquirindo conhecimento, eu não tenho

nada contra; pelo contrário, eu gosto muito, eu não tenho nada para falar contra, se é ruim, eu não vou julgar ninguém; eu estou aqui, se você me der sua cara eu vou olhar para você, se você não me der, eu fico aqui e você fica aí, não vai ter problema, eu não vou mexer com você e você não vai mexer comigo...

Entrevistadora: Você falou de Deus, como é essa questão espiritual? Tem alguma religião que mais se destaca lá no seu país?

Antônia: Católica.

Entrevistadora: E você segue essa religião?

Antônia: Eu sou católica.

Entrevistadora: E aqui em São Paulo, você chega a ir à igreja?

Antônia: Sim.

Entrevistadora: Você vai aonde?

Antônia: Sabe aquela igreja na Vital Brasil, Nossa Senhora dos Pobres, vou lá.

Entrevistadora: Conheço! Pertinho da USP! E lá eles te recebem bem?

Antônia: Sim, eu não participo do... eu assisto só a missa.

Entrevistadora: Você chega a participar aqui na igreja da PUC?

Antônia: Eu fui só uma vez, na missa da quarta-feira, meio dia; e numa crisma de uma menina africana que fez aqui na PUC, eu participei.

Entrevistadora: Que legal! Tem mais alguma coisa que eu não te perguntei, que você queira me dizer?

Antônia: Eu vou agradecer, primeiro à Mônica que me ligou, que me colocou para participar dessa pesquisa, eu vou agradecer ela e você também, que está me convidando para participar e trazer coisas africanas que estão acontecendo na PUC e agradecer a todo mundo que está compondo essa pesquisa, para que tudo dê certo para você, que você tenha mais contato com outros africanos, para que você tenha outras ideias, por que vai ser diferente, lógico, cada um tem a sua experiência aqui na PUC...

Entrevistadora: Eu quero, te agradeço muito e eu fiquei com vontade de conhecer a música, experimentar o amendoim...

Antônia: Eu vou trazer, mesmo que eu não veja você, eu vou deixar com a Monica.

Entrevistadora: Não, mas fica com o meu celular, assim, quando você vier, você me liga...



**Glória (44min52seg)**

Entrevistadora: Bem Glória, em primeiro lugar, gostaria de te agradecer por estar aqui, hoje, e participar desta pesquisa. Fique à vontade para me falar tudo o que tiver vontade, mesmo que eu não te pergunte e você considere importante! Tá bom? Glória, primeiro eu queria saber o que te motivou a escolher o Brasil para vir estudar?

Glória: Na verdade, o programa me escolheu!

Entrevistadora: Ah é! Me conta como é isso!

Glória: Eu estava procurando uma bolsa para sair do país e encontrei alguém que me falou “tem uma bolsa do Brasil lá!”; aí eu fui para a embaixada para fazer...

Entrevistadora: O que você já conhecia do Brasil, qual a imagem que você tinha?

Glória: Brasil, jogador de futebol! E que é um país que está se desenvolvendo e saindo em frente e tipo, faz parte dos países emergentes. É isso que eu sei do Brasil...

Entrevistadora: E isso te motivou?

Glória: Já que o meu curso é economia, eu pensei “ah, Brasil vai ser muito legal, porque é um país que já vive uma situação errada e está tentando sair dessa situação”.

Entrevistadora: E quando você decidiu vir, como foi?

Glória: Foi complicado!

Entrevistadora: Me conta um pouco!

Glória: Porque eu tive que fazer português por seis meses e fazer uma prova chamada CELPA-BRAS! É uma prova de proficiência em português. Se não passasse na prova, se perde a bolsa!

Entrevistadora: É para todos os estudantes do continente africano?

Glória: Não, eu acho que é para os estudantes do continente africano, dos países que falam inglês ou que não falam português.

Entrevistadora: Tem que fazer essa prova para vir para cá!

Glória: Isso! É a condição para perder a bolsa é só se você não conseguir passar na língua...

Entrevistadora: E como você ficou para...

Glória: Foi difícil! Eu lutei porque eu vi que tinha uma língua chamada português e que o Brasil fala português em 2007...

Entrevistadora: E quanto tempo você teve para se preparar?

Glória: Seis meses!

Entrevistadora: E como você se preparou? É um curso no país?

Glória: É! É um curso numa universidade na Nigéria! Daí eu fiz o curso por cinco meses e a prova era no sexto mês!

Entrevistadora: E outros estudantes como você também fizeram? Como é que...

Glória: Tiveram desde estudantes nigerianos, eu era a única mulher, nove homens e tem muitas pessoas que provaram, só três pessoas passaram, na verdade quatro, tinha um que queria vir para fazer o doutorado dele...

Entrevistadora: E os outros dois que passaram vieram para graduação na PUC?

Glória: Não, um está em Salvador, Bahia, e o outro está em Brasília.

Entrevistadora: Como é, ser uma mulher no meio de tantos homens?

Glória: É um desafio, porque, você pensa, agora não é só passar, é mostra que uma mulher pode fazer isso! E eu consegui, passei! Mas fiquei com medo!

Entrevistadora: Do que?

Glória: Como eu vou conseguir estudar, economia já é um curso difícil em si, como eu vou estudar por uma língua que eu aprendi por cinco meses. Eu cheguei em Brasil 02 de fevereiro de 2009, a minha matrícula é dia 03, um dia depois, eu cheguei e no dia seguinte eu estava aqui fazendo matrícula e tive aula no dia 04, de contabilidade...

Entrevistadora: E quando você chegou, conhecia alguém no Brasil, como foi? Quem te recebeu?

Glória: Isso que eu acho algo errado no programa. Eu acho que no programa tem que ter pelo menos um departamento na faculdade que manda para receber os estudantes no aeroporto. E também, não tem um departamento na faculdade que guia, por exemplo, tem que fazer isso, não tem. A gente tem que procurar aluguel, tem que sobreviver, procurar a universidade em si...

Entrevistadora: Tudo vocês tem que fazer por conta!

Glória: Tudo! A única coisa que o governo faz é garantir que você tem aquele espaço na faculdade pelos cinco anos.

Entrevistadora: O PAC, que é um programa aqui na PUC, o que eles fazem efetivamente?

Glória: O que o PAC faz é dar uma bolsa, algo que eu acho que eles fazem de verdade é tipo, receber os documentos para a gente se candidatar para uma bolsa, se você não conseguir sobreviver, tem uma bolsa que o governo dá, o Itamaraty. MEIE, chama bolsa de uma agência... alguma coisa assim, dá 500 reais por mês. Aqui acho que eles guiam, traz esse documento... tipo, quando eu cheguei, depois de duas semanas, eu já procurei como sobreviver, o PAC mandou uma mensagem “tem que fazer isso, tem que ir na Polícia Federal”, só que você tem que dar conta mesmo.

Entrevistadora: Você já estava aqui, né! Então quando você chegou no aeroporto...

Glória: O que eu fiz, lá na Nigéria eu perguntei na embaixada “você conhecem uma estudante lá em São Paulo que pode me buscar? Porque eu nunca viajei assim...”

Entrevistadora: Você nunca havia saído da Nigéria?

Glória: Da África! Porque eu já fui para outros países da África!

Entrevistadora: Primeira vez então que você saiu do continente africano?

Glória: Primeira vez e para um país que fala outra língua! Ainda não tem aquela estrutura para alguém vir buscar você. Você chega em outro lugar onde estão outros estudantes africanos para pelo menos você “ah, você tem que ir para este lugar, tem que fazer isso...”

Entrevistadora: Hoje se tivesse um programa aqui que te propusesse: “olha Glória, você pode receber uma estudante que está chegando nesse próximo ano?”. Você faria isso?

Glória: Eu faço porque eu sei como que é difícil se você não conseguir alguém para ajudar!

Entrevistadora: Independe do país do continente africano, ou existe preferências, existe rixas entre os países? Quem é de Cabo Verde, quem é de Angola, quem é a da Nigéria, ou não? Como que é? Vocês são unidos? Como é?

Glória: A gente só chega aqui para conhecer que alguém é de Angola e chegou para fazer o mesmo programa...

Entrevistadora: Mas não tem briga, depois que vocês estão aqui na universidade, tem rixas de quem é de Angola com quem é de Cabo Verde, como quem é de... sei lá...

Glória: A única coisa que eu acho que tem é um preconceito.

Entrevistadora: Como é isso?

Glória: Tipo, os cabo-verdianos eles se acham; os nigerianos acham que são ricos, são essas coisas!

Entrevistadora: Ah, tem isso? Como é, me fala um pouco mais!

Glória: A gente fala que os cabo-verdianos acham que são bonitos, as mulheres e... tipo, eu já ouvi eles falando que nigerianos acham que tem dinheiro, então... com aparência, tá rico, tá tentando mostrar para a gente que tem dinheiro...

Entrevistadora: E isso como impacta na relação de vocês dentro da universidade?

Glória: Eu acho que... tipo, você está em um novo ambiente... por exemplo, eu só tenho o Muniz e o Alex, o Alex é do Cabo Verde e o Muniz é de Angola. Tipo, não tem nenhum descendente da Nigéria aqui, entendeu? Então, a gente esquece a diferença entre os países e, tipo, acham que a África é um...

Entrevistadora: Vocês acham que a África é um, ou nós achamos?

Glória: É, tipo, aqui no Brasil tem um monte de pessoas que acham que a África é um país! E não é, a gente tem diferenças, um monte de coisas diferentes!

Entrevistadora: E como é essa ideia que os brasileiros acham que todos da África vieram de um único lugar?

Glória: Nossa, é difícil!

Entrevistadora: Por quê?

Glória: Porque não dá para explicar que como o Muniz pensa é muito diferente da forma como a gente pensa e vive na Nigéria, mas a gente conhece a diferença!

Entrevistadora: Me fala uma diferença! Do Muniz, por exemplo, que eu já entrevistei, com você que é da Nigéria? E eu sei que vocês são amigos, porque eu vejo vocês sempre juntos!

Glória: A diferença, por exemplo, é difícil você ver nigerianos aqui no Brasil para estudar, porque a língua já é uma barreira e também porque a Nigéria foi colonizada pelos britânicos. Então todos mudam para a Grã-Bretanha, outros vão para os EUA, então é difícil ver pessoas aqui estudando. E a gente pensa que se você está aqui, tem que voltar para o seu país e competir com pessoas que estudaram lá, fora. Então quando eles vêm pra cá, eles já têm muita coisa em comum com Brasil; Angola, por exemplo!

Entrevistadora: A língua, muitos brasileiros em Angola!

Glória: Isso, eles já têm pessoas que vieram para cá e voltaram para explicar como é o Brasil!

Entrevistadora: E eles vão competir com pessoas que ou são do mesmo nível que eles ou abaixo até! É isso?

Glória: Não! Tipo, eles vem para cá e já com aquela ideia do que é Brasil, e vão voltar e vai disputar com pessoas que ou vieram para o Brasil ou para países que falam a língua portuguesa, tipo, aquele nível, mais ou menos igual. Eu acho que eles relaxam um pouquinho...

Entrevistadora: O que eles fazem que você sente que eles relaxam?

Glória: Na academia, por exemplo, eles brincam, tem algumas coisas que eles fazem por lá que, tipo, não dá, eu não posso fazer isso...

Entrevistadora: Por exemplo?

Glória: Por exemplo, eu falo “eu tenho que tirar nove”, não só porque eu quero tirar nove, mas por que a Nigéria é mais competitiva que isso.

Entrevistadora: Você vai voltar para a Nigéria e vai concorrer com pessoas que fizeram a graduação na Grã-Bretanha...

Glória: Na Grã-Bretanha!

Entrevistadora: Entendi! Isso faz da Nigéria um país mais rico?

Glória: Nigéria é rico, mas eu acho que tem muito corrupto, não dá...

Entrevistadora: Como é lá as classes sociais?

Glória: Primeira classe e segunda classe! Eu acho que já perdeu o ritmo de classe média!

Entrevistadora: Tá, não é como no Brasil que tem A, B, C...

Glória: Eu acho que hoje em dia... antes tinha classe média, mas hoje a classe média está desaparecendo...

Entrevistadora: E me conta como foi deixar a Nigéria, com quem você morava lá, como era a sua vida na Nigéria?

Glória: Morava na casa do meu pai, da minha mãe e deixei lá para morar sozinha no Brasil.

Entrevistadora: Você tem irmão lá?

Glória: Tenho!

Entrevistadora: Quantos?

Glória: Três!

Entrevistadora: Moravam junto com você?

Glória: Sim!

Entrevistadora: Como chama sua mãe, seu pai...

Glória: Minha mãe chama Bola, meu pai chama Femi, minha irmã é Débora, eu Glória e Adê!

Entrevistadora: Eles são mais velhos, mais novos?

Glória: Uma mais velha!

Entrevistadora: Quantos anos ela tem?

Glória: 26, eu tenho 24 e o meu irmão tem 20, a última tem 18.

Entrevistadora: Então tem a Débora, que é a primeira, com 26, depois você, com 24; o outro 20...

Glória: Que é o Adê! E o último Na, que tem 18!

Entrevistadora: E como foi, vocês todos moram na mesma casa lá?

Glória: Sim! Mas a minha irmã está em uma universidade longe, em outro estado. Então ela mora lá durante o semestre e volta no feriado para casa.

Entrevistadora: Os outros irmãos também estudam?

Glória: Estudam lá, estão lá!

Entrevistadora: Mas em nível universitário também?

Glória: Não! Ainda não!

Entrevistadora: Sua mãe e seu pai são formados?

Glória: São!

Entrevistadora: O que eles fazem?

Glória: Meu pai é formado engenheiro, mas ele é comerciante de petróleo; e minha mãe vende roupas, mas é formada em história.

Entrevistadora: E a língua que vocês falam é o inglês?

Glória: A língua oficial é o inglês, mas Nigéria tem 250 línguas!

Entrevistadora: 250 línguas oficiais?

Glória: Não, uma língua oficial que é o inglês e 250 línguas no país inteiro!

Entrevistadora: E qual é a de vocês?

Glória: Tem três línguas mais conhecidas, que são: Iurubá... que eu já ouvi falar que falam iurubá na Bahia, Auçá e Ibu.

Entrevistadora: E na sua família tem alguma dessas línguas que vocês falam mais?

Glória: Iurubá! Porque meu pai e minha mãe é de lá!

Entrevistadora: É uma cidade?

Glória: É tipo, várias cidades, uma região!

Entrevistadora: Uma região que fala essa língua! Tem um nome?

Glória: É do leste do país!

Entrevistadora: Me fala uma palavra em iurubá!

Glória: Báú!

Entrevistadora: Báú! Que significa?

Glória: Tudo bem?

Entrevistadora: E tem, por exemplo, comida típica lá?

Glória: Tem!

Entrevistadora: Me fala uma comida típica da sua cidade, do seu país!

Glória: Eu acho que tem aqui! Inhame!

Entrevistadora: É tipo uma...

Glória: É parecido com mandioca, mas é mais leve!

Entrevistadora: E como vocês fazem?

Glória: Pode cozinhar... de vários jeitos...

Entrevistadora: Me fala um, me dê uma receita!

Glória: Você corta, coloca o inhame em si na água e cozinha. Quando está cozido tem... tipo uma madeira, você soca... não coloca sal... vai parecer... uma vez eu via aqui... batata feito assim...

Entrevistadora: Molinho!

Glória: Isso, desse jeito, mas mais fino, só que tem que fazer sopa, tipo molho.

Entrevistadora: E você põe por cima?

Glória: No lado!

Entrevistadora: E é gostoso?

Glória: É!

Entrevistadora: E você faz aqui?

Glória: Não, não dá!

Entrevistadora: E você tem saudades?

Glória: Tenho muitas.

Entrevistadora: Deu água na boca Glória? (risos) E me diga uma coisa, como é o conceito de família lá?

Glória: O conceito de família lá é algo que a gente tem próprio, tipo, a gente sente... família é tudo!

Entrevistadora: Tudo! E é considerado família quem mora na mesma casa, ou é considerado família todos, como é?

Glória: É considerado família, por exemplo, quem tem sangue igual. Tipo seu tio, irmão... é família. E a gente leva a sério, por exemplo, alguém morreu, tio, irmão, todos têm responsabilidade de cuidar dos filhos.

Entrevistadora: Sua mãe e seu pai cuidam de pessoas?

Glória: Sim!

Entrevistadora: De primos?

Glória: Isso! E até se o tio está vivo e não tem condições, a gente acha que o outro que tem condições leva conta de tudo.

Entrevistadora: E você chama de primos ou de irmãos?

Glória: Primos!

Entrevistadora: E é diferente aqui no Brasil?

Glória: É!

Entrevistadora: O que você viu de diferença?

Glória: Aqui no Brasil é tudo por si mesmo. Tem aquela família nuclear e o filho quando sai de casa com dezoito anos está por si, até quando... não voltar mais...mas lá, se alguém, por exemplo, conseguir virar rico, por exemplo, eu acabei aqui, eu tenho grana, condições mesmo, eu tenho que cuidar de todos os que restam, levar... tipo, você tem que estudar, dar a grana...

Entrevistadora: Bem diferente daqui do Brasil! O que mais de diferença você percebe entre a Nigéria e o Brasil?

Glória: O que eu acho que o Brasil faz de bom é que o Brasil já descobriu que... “nossa, somos uma nação e a gente tem que sair desse problema”, tipo, já descobriu que o Brasil é o Brasil, ninguém de fora vai ajudar o Brasil! Vamos fazer... tipo, tem pessoas que não tem condições, vamos fazer juntos para levar pra frente... Nigéria acho que não tem ninguém lá pensando como um país, as pessoas falam Nigéria, mas ninguém está pensando o país, como país.

Entrevistadora: Deixa eu ver se eu estou entendendo! Você acha que o Brasil tem uma identidade própria...

Glória: E já está agindo para ir pra frente. A gente, acho que ainda não!

Entrevistadora: Em que lugar vocês estão?

Glória: Perdidos! Achando que está fazendo algo, mas não está fazendo. Está todo mundo pensando por si mesmo! A minha família está bom, então tá bom. Não tem ninguém pensando... só temos Nigéria.

Entrevistadora: Parece um grande paradoxo, porque na Nigéria as pessoas se ajudam, a família se ajuda, mas não tem um olhar para o país; e aqui no Brasil as pessoas são mais por si, mas tem aquele olhar como país...

Glória: Mas eu acho que o problema é por causa da língua!

Entrevistadora: Por quê?

Glória: Por que há diferenças! A gente divide o país em três: iurubá, auçá e ibu, mas na verdade tem 250 línguas e bem pequeninhas e todo mundo acha: eu sou iurubá!

Entrevistadora: É como se existissem pequenos países...



Glória: Dentro de um grande! Ainda tem aquele... aqui, você chama alguém, antes de falar que eu sou nigeriano, dentro lá, ele fala: eu sou do leste!

Entrevistadora: Eu sou iurubá, por exemplo! Entendi! O que tem de igual a Nigéria e o Brasil?

Glória: São países colonizados! E tem os negros aqui, é o segundo país mais populoso depois da Nigéria!

Entrevistadora: De negros?

Glória: Sim!

Entrevistadora: Eu não sabia disso!

Glória: O Brasil é o segundo país! Brasil só perde para Nigéria!

Entrevistadora: Mais que Angola, mais que...

Glória: É! Porque está pensando... como eu explico... mas tá aí, se você colocar no Google, vai ver.

Entrevistadora: Ah, que legal! Vou ver depois! E o fato de ter um país com muitos negros, isso impacta de que jeito em você?

Glória: Tipo, você pensa... antes de falar, as pessoas pensam “ela é brasileira!”

Entrevistadora: Te olham como uma brasileira! E isso é bom ou ruim?

Glória: É bom e ruim!

Entrevistadora: Me conta, por que é bom e por que é ruim?

Glória: Bom, porque antes ele já faz algo normal... ah, ela é brasileira, às vezes, na aula, na entrevista, já estão falando do mundo geral; mas quando você fala “Você é da Nigéria, você não é daqui?” vira outro assunto...

Entrevistadora: E aí fica melhor ou pior?

Glória: Fica melhor às vezes, e fica pior às vezes!

Entrevistadora: No que pode melhorar saber que você é da Nigéria?

Glória: Eu acho que ainda tem aquele preconceito dos negrões brasileiros, eu percebi!

Entrevistadora: Me fala um pouco desse preconceito que você percebeu!

Glória: Não sei, acham que negrão tem se comportar de um jeito... ruim, não sei! E quando eles veem “ah, ela não é do Brasil! É por isso que tá diferente”.

Entrevistadora: Como é dentro da universidade, você sentiu diferença e de que jeito?

Glória: Eu sinto que às vezes eu acho que não é porque eu sou negra, eu acho que é

porque eu não sou daqui. Se for uma outra pessoa branca pode sentir a mesma coisa...

Entrevistadora: Você acha que os estudantes que vêm do continente europeu sofrem preconceito?

Glória: Também!

Entrevistadora: Me conta um pouco, como é então?

Glória: A língua! Tipo, antes de... quando ele sabe que você é de fora, primeiro quando você chega aqui, trabalha em grupo, você tem que ficar quieto; eles sentam, dividem entre si e não tem aquela confiança que você vai conseguir fazer!

Entrevistadora: E como se você só enfeitasse o grupo ali, você não vai assumir nenhuma tarefa!

Glória: É! E leva tempo, tipo, para ver o seu desempenho na sala, tipo, bota pra pensar “o que será que está acontecendo?” Porque na minha primeira prova, eu tirei oito, e os brasileiros tiram seis, sete, cinco. E era prova de história... ficaram “ela é brilhante, vamos...” eu acho que foi isso que eles pensaram, vamos deixar ela...

Entrevistadora: E isso te aproximou deles?

Glória: Eu acho que eu tenho amigos aqui porque eu tive um desempenho legal no primeiro ano!

Entrevistadora: Você tem amigos brasileiros?

Glória: Bastante!

Entrevistadora: Na sala? Como eles te tratam hoje?

Glória: Eles não me tratam... bom! Eles já se ajustaram ao fato de que somos estrangeiros! E esquecem às vezes que eu não sou daqui! Às vezes falam “ah, você não é daqui mesmo, né!” Eu acho legal!

Entrevistadora: E os professores?

Glória: Os professores não sabem que eu não sou daqui! Isso é o fato de que tem os negros também daqui. Então, quando chega, depois de entregar a prova, eu conversando com o professor, eles percebem “você não é daqui, mas você fala inglês!”... um monte de professores já me ofereceram para fazer prova em inglês, mas eu não faço, porque eu acho que se eu fizesse em inglês e tirasse nota alta, as pessoas poderiam dizer “é porque escreveu em inglês!”

Entrevistadora: Que danada que você é! Encarou como um desafio mesmo, Glória! Que legal! Agora, os professores, você sente preconceito deles com você?

Glória: Não! Porque é difícil lá na Nigéria!

Entrevistadora: Difícil como?

Glória: Uma universidade... tipo, eu acho que os professores daqui me tratam ainda

melhor! Os professores lá, tipo, não se importam; os professores aqui tentam ajudar. Quando eu cheguei aqui, os professores me levaram para a biblioteca, mostraram livros em inglês, tipo “Isso ajuda! Você tem que estudar isso! Eu vi um livro na USP e vou trazer para você!” Tentam ajudar! Mas se fosse na Nigéria, nossa!

Entrevistadora: Não seria assim!

Glória: Não!

Entrevistadora: E Glória, como é a sua vida aqui? Com quem você mora? O que você faz nos finais de semana? Me conta um pouco!

Glória: Graças ao YouTube... eu moro sozinha, mas eu moro com um monte de pessoa... tipo... da Colômbia, do Chile, é uma república, mas tem brasileiros...

Entrevistadora: Quantas pessoas moram no mesmo lugar?

Glória: 18, 20! Uma grande casa, mas cada um com seu quarto!

Entrevistadora: Onde fica?

Glória: No Butantã!

Entrevistadora: Quem administra, quem cuida?

Glória: O dono da casa! E tem uma empregada lá para limpar...

Entrevistadora: E é legal? Como é?

Glória: É legal, porque você mora com meio mundo, e tipo os colombianos chegaram aqui sem falar nada em português, então é engraçado!”

Entrevistadora: E chegam a fazer programa juntos nos finais de semana?

Glória: Fazem festas...

Entrevistadora: O que essa experiência, de viver aqui no Brasil, estudando numa universidade brasileira, tem trazido de mudança na tua vida?

Glória: Eu acho que... eu me disciplinei mais, porque eu olho para um desafio que eu tenho, e me sai bem, depois de todos esses problemas, eu acho que não dá para voltar para uma vida bem...

Entrevistadora: Light!

Glória: Isso! Acho que foi uma experiência de conseguir sobreviver sozinha!

Entrevistadora: Quem paga os teus estudos aqui?

Glória: O governo!

Entrevistadora: E a moradia?

Glória: Eu!

Entrevistadora: Teus pais que mandam dinheiro?

Glória: Isso! Outra coisa que eu acho ruim do programa é isso! Eu acho que tem que pensar os dois governos, olha, isso é a África e estamos dando um convênio para a África, pelo menos tem que ter casa... não sei como eles vão fazer, mas acho que tem que, pelo menos pensar nisso! Porque é um monte de pessoas que vieram nesse programa e, tipo, perderam o ritmo...

Entrevistadora: Como assim? Voltaram para lá?

Glória: Não! Estão aqui não estudando, não fazendo nada mais; saem da faculdade e ficam aqui...

Entrevistadora: Abandona a faculdade?

Glória: Abandona a faculdade! Por exemplo, eu conheço uma menina, ela faz farmácia na USP, só que eu acho que estava difícil mesmo para ela sobreviver, pagar aluguel, pagar casa, vai para a faculdade e ela não estava conseguindo morar na USP, daí ela encontrou um nigeriano aqui e, estava fazendo unha, esses negócios, e engravidou... eu acho que era ele que estava pagando pra ela morar aqui. Se tem casa, acho que não vai ter aquele problema de...

Entrevistadora: Não fica tão vulnerável!

Glória: Não tem motivo para fazer isso!

Entrevistadora: Ela acabou se submetendo a ele! É isso?

Glória: Por causa disso, ela tem filho e desistiu da faculdade! Outro problema que eu acho é da Polícia Federal!

Entrevistadora: Me conta que problema é esse!

Glória: Lá na Polícia Federal, no ano, o estudante tem que ir na Polícia Federal, pelo menos cinco vezes!

Entrevistadora: Por ano?

Glória: Por ano!

Entrevistadora: Para falar o que? Para fazer o que?

Glória: Hoje, você chega lá com os documentos, o policial fala “tem que agendar no sistema!” Aí você tem que fazer agendamento e ir no outro dia!

Entrevistadora: Pra o que?

Glória: Primeiro quando você chega. Ao invés do Governo, por exemplo, o seu curso é quatro anos, o visto é de quatro anos? Não! Eles deram o visto de um ano... eu entendi um motivo...

Entrevistadora: Qual é o motivo?

Glória: Porque, quando você chega aqui, você tem que ir para Polícia Federal e eles verem “ah, você chegou” pelo menos, motivo um! Pega documento da faculdade, eles colocam um samba lá que eu não sei o que é! Daí eles falam para você voltar em julho, quando o seu nome sai no Diário Oficial para pegar outro carimbo; mas lá, em dezembro, você tem que ir pegar um novo visto, com o seu histórico, comprovante de matrícula para o outro semestre para ver se você está cursando mesmo. Entendi o motivo, mas aquele motivo está prejudicando outras coisas. Porque você chega lá, ainda tem que pagar. Paga 1,77, paga 140 para fazer xerox, autenticação do passaporte inteiro. Aí chega lá, você não conseguiu fazer porque faltou algum documento, paga multa. E quando você começa a pagar multa, gera problema com a Polícia Federal!

Entrevistadora: Puxa, entendi...

Glória: É complicado! Porque você fica: tenho multa para pagar, tenho que pegar o documento, tenho que pegar aquilo lá, e não consegue concentrar na faculdade!

Entrevistadora: Muita burocracia! Glória, outras pessoas da sua família já tinham vindo para o Brasil?

Glória: Sim, minha mãe estava aqui o ano passado!

Entrevistadora: Ela veio te visitar? Mas antes de você vir?

Glória: Não!

Entrevistadora: Outras pessoas de sua família já tinham migrado para outros lugares?

Glória: Sim!

Entrevistadora: Que lugares?

Glória: Para os EUA! Primos estão lá!

Entrevistadora: E a sua mãe veio para cá e o que ela achou?

Glória: Legal!

Entrevistadora: Ela gostou?

Glória: Sim! Adorou!

Entrevistadora: O que ela gostou daqui?

Glória: Tudo! Porque as pessoas conversam com ela, mesmo que ela não fala nada de português! E ela achou legal que o brasileiro se esforça para falar inglês! E conversam com ela, mesmo; ela acha que os brasileiros tentam conviver!

Entrevistadora: E você acha isso também?

Glória: Acho! Se comunicam; tentam não deixar você sozinha! Eu acho!

Entrevistadora: Do que você tem mais saudade da Nigéria?

Glória: Comida!

Entrevistadora: Essa que você contou, por exemplo?

Glória: Sim! Comida, minha família, que eu estou morando sozinha!

Entrevistadora: E você tem namorado aqui?

Glória: Tenho!

Entrevistadora: E ele é do continente africano?

Glória: Ele é da Nigéria! Ele faz USP e ele faz o mesmo programa, eu encontrei ele aqui!

Entrevistadora: Encontrou como?

Glória: Foi ele que veio me buscar no aeroporto!

Entrevistadora: Ah, ok....

Glória: Sim! Uma amiga minha lá na Nigéria falou “ah, tem alguém lá em São Paulo”!

Entrevistadora: Como ele chama Glória?

Glória: Tony! Ele foi me buscar no aeroporto, eu morei na casa dele, antes de conseguir a minha casa...

Entrevistadora: E vocês namoram desde então?

Glória: Há uns dois anos!

Entrevistadora: E você, quando terminar aqui, o que você pretende fazer? Qual é o teu projeto de futuro?

Glória: Primeiro, o programa, o acordo é o governo brasileiro está dando a oportunidade de estudantes africanos virem para cá aprenderem como é e voltam pro seu país! E é isso que eu quero fazer!

Entrevistadora: E você quer trabalhar com o que no seu país?

Glória: Se eu conseguir, emprego com o governo!

Entrevistadora: Essa ideia de vir para cá estudar e voltar para o seu país e reinvestir o seu conhecimento, como é para você essa ideia?

Glória: Eu acho que é legal, só que muitas pessoas vêm por isso e chegam aqui, gostam de tudo e querem ficar aqui!

Entrevistadora: Tem muitos que fazem isso?

Glória: Tem muitos que fazem!

Entrevistadora: Como você se corresponde com a tua família?

Glória: Ligações... que tem que pagar; e às vezes o skype!

Entrevistadora: Eles têm acesso ao computador?

Glória: Têm!

Entrevistadora: Glória, alguma coisa que eu não te perguntei que você gostaria de me contar? Eu tenho um monte de curiosidades ainda, mas em relação à pesquisa, tem alguma coisa que você gostaria de dizer!

Glória: Tipo, sobre o programa?

Entrevistadora: Sobre o programa, sobre você aqui na universidade... você foi bem acolhida aqui?

Glória: Sim! Pelas pessoas, estudantes brasileiros. E o que eu quero falar é sobre aquela questão de \*ININTELIGÍVEL\*, tipo, quem vai pegar os estudantes, como que é; da Polícia Federal...

Entrevistadora: Poderia mudar essas coisas?

Glória: Poderia mudar, porque eu acho que a ideia é muito legal!

Entrevistadora: É? Você manteria esse programa?

Glória: Sim!

Entrevistadora: Você acha que tem preferência entre os estudantes da Nigéria, que falam inglês, e os estudantes, por exemplo, de Angola, que falam português?

Glória: Tem! Na verdade tem mais pela questão da cultura que de outras coisas!

Entrevistadora: Mas você acha que por vocês falarem inglês, vocês sofrem menos preconceito do que os angolanos que falam português, ou o contrário?

Glória: Não! E o programa é muito bom, porque você vem para cá e descobre... por exemplo, não tem outro nigeriano para andar, tipo, tem que andar com o Muniz mesmo! E, tipo, aquele traz acordo entre os africanos... tipo, o Muniz não vem hoje, por quê?...

Entrevistadora: Vocês cuidam um dos outros!

Glória: Um dos outros africanos! Que a gente sente um dentro do Brasil!

Entrevistadora: Isso de alguma forma aproxima vocês do continente africano?

Glória: Sim! Agora eu penso em ir para Angola!

Entrevistadora: Você pensa?

Glória: Penso em ir para Angola e trabalhar em Angola, porque agora eu tenho a língua para ir lá; mas lá Nigéria, eu nunca pensei em Angola! Para fazer o que!

Entrevistadora: Você acha que esse programa pode ajudar os países a estarem mais próximos um dos outros?

Glória: Sim, ajuda por conhecer o que é dentro da África!

Entrevistadora: Tá bom! Muito obrigada Glória!

Glória: Obrigado você!

### ***Juca (34min05seg)***

Entrevistadora: Eu tenho aqui, Juca, um roteiro; mas na verdade é só para lembrar de coisas importantes, mas fique a vontade para você falar o que quiser, tá legal? Muito obrigado por você participar da pesquisa, acho que é uma pesquisa importante, porque a ideia é trazer maior visibilidade para os estudantes estrangeiros, principalmente para o continente africano e principalmente porque eu sei que vocês tinham um programa e que agora parece que esse programa está terminando. Então, por isso a intenção da pesquisa. Então eu gostaria de saber em primeiro lugar de qual país você é?

Juca: Sou de Angola! Sou angolano.

Entrevistadora: E o que motivou a vir para o Brasil?

Juca: Em primeiro lugar a motivação foi pela língua e não só também pela proximidade da cultura. Porque eu tive duas opções: ir para Argélia ou Brasil; eu optei pelo Brasil.

Entrevistadora: Lá em Angola, o que falam do Brasil, qual a imagem que você tem do Brasil? Antes de chegar.

Juca: A imagem é diferente. A imagem que a gente tem do Brasil é totalmente diferente depois da gente chegar aqui.

Entrevistadora: Que diferenças?

Juca: A gente tem contato com o Brasil não por livros, mas pelas novelas; então as pessoas acabam tendo aquela imagem que acontece na novela que acontece no cotidiano, tanto na criminalidade, quanto na vida social e não é.

Entrevistadora: O que te surpreendeu quando você chegou, que você falou: Puxa, não imaginava que era assim!

Juca: Acho que é mais o cotidiano, a questão social e, embora sendo diferente de um Estado para o outro, mas em São Paulo o que mais me surpreendeu foi isso aqui, que as pessoas são mais na delas!

Entrevistadora: Você acha que as pessoas aqui ficam cada um na sua?

Juca: Uma ou outra, não todas, não posso generalizar; eu tenho bastante amigos, mas na sua maioria, principalmente entre vizinhos, essa coisa, você mora com o vizinho ao lado e o vizinho nem sabe quem é...



Entrevistadora: Isso foi uma surpresa? Alguma coisa que mais foi diferente do que você imaginava que fosse encontrar no Brasil?

Juca: Outra coisa diferente é questão da visão que a gente tem da criminalidade, e que na verdade não é, porque lá a gente já pensa em traficante, vê tiroteio, mas não é.

Entrevistadora: Vocês lá veem tiroteio?

Juca: A visão que a gente tem é que em qualquer canto do Brasil você encontra bandidos, mas na verdade não é.

Entrevistadora: Aqui, quando você chegou, como é, que programa é esse, conta um pouquinho!

Juca: Esse programa é o PEC-G, Programa de Estudantes-Convênios, é para países antes com idioma oficial português e depois acaba pegando alguns outros países anglófonos, que falam inglês e francês, como Nigéria, Congo, e outros países. Do programa eu discordo de vários critérios...

Entrevistadora: É? Me fala quais!

Juca: Porque nós, a princípio, ao chegarmos nas universidades, somos vistos como estudantes que ocupam lugares dos brasileiros, então já começa por aí. Acho que as instituições não fizeram uma divulgação antecipada aos estudantes brasileiros sobre a importância, sobre a vinda dos estudantes estrangeiros, sobre o impacto que isso traria e muitos estudantes acabam sofrendo esses problemas.

Entrevistadora: Como que vocês sofrem?

Juca: Mais é questão de fazer trabalhos em grupos, é uma coisa meio difícil, porque a gente tem dificuldade de adaptar horários, mas os colegas não entendem e aí fica difícil, acho que é esse problema.

Entrevistadora: Problema de se adaptar aos horários dos colegas, mas você estava dizendo também que o fato de vocês terem bolsa, isso causa um impacto nos estudantes brasileiros.

Juca: Isso, causa. Estão a ocupar lugares, eu já tive colegas que me falou.

Entrevistadora: Falou como? Como foi? Qual era a situação?

Juca: Eu estava resolvendo um problema na secretaria, porque havia uma dificuldade e eu fui lá resolver e consegui resolver e ele sentiu-se chocado, como é que pode um aluno africano conseguir resolver a coisa... é o mesmo problema...e ele consegue resolver e eu não! Então foi nesse sentido.

Entrevistadora: Você diria que, de alguma maneira, você sofre preconceito?

Juca: O preconceito sempre há, se há pro próprio brasileiro, imagine pro estrangeiro, então acho que no âmbito de todas as esferas você encontra. Eu tenho professores que diria mesmo que eu não tenho problemas, mas tem professores que eu não diria, claro que nunca me falou; mas você sente nas relações, na forma como te tratam, mas há

professores que pra mim, eu quero voltar a vê-los a minha vida toda.

Entrevistadora: Então tem professores que te acolheram?

Juca: Bastante. No curso de psicologia, principalmente a Mônica, uma professora que eu tenho, e a professora Flávia, adoro bastante...

Entrevistadora: Mas existem professores que dificultam um pouco?

Juca: Acredito que sim, principalmente... já tive vários problemas com uma matéria que estou fazendo aqui, que o professor não entendeu o que eu escrevi e na hora de conversar com ele, disse: ah então era isso! Acho que o fato dele ter alunos estrangeiros, deveria ter uma atenção maior, caberia a ele ouvir mais. Tanto que quando ele pegou a prova do meu lado, ele disse: eu não entendi a frase que você colocou; eu disse: não, eu disse isso, isso, isso e ele: puxa meu, entendi agora!

Entrevistadora: E ele mudou a...

Juca: Mudou a nota, mudou sim. Então eu acho que esses problemas são as maiores dificuldade que temos, porque, querendo ou não, uma vez eu disse para professora que com um monte de estudantes que vem de um país com um sistema de ensino não igual ao Brasil, então a comparação é difícil, então a maior dificuldade que a gente passa está nisso...

Entrevistadora: Como você vê? O que precisaria acontecer para que vocês sentissem-se mais... igualados, vamos dizer assim. Não sei se é a melhor palavra.

Juca: Também não sei, mas a igualdade eu não veria nesse sentido, porque é difícil e eu cheguei a falar disso para minha professora, é impossível a gente comparar um estudante com o outro mesmo aqui no Brasil, quem faz um colégio, quem faz escola do Estado, é difícil comparar. Imagina como é para quem faz o ensino base, o ensino médio, em uma estrutura não tão adequada com os padrões de países desenvolvidos, então é difícil.

Entrevistadora: Como a universidade poderia ajudar? Os professores... para ficarem mais sensíveis a esta questão?

Juca: É isso aí, algumas universidades federais, o método de avaliação, o método dos professores lidarem com essas situações é diferente...

Entrevistadora: Como é?

Juca: Porque obtive várias queixas de estudantes de várias universidades, como aqui na PUC, e uma dessas universidades que a gente vê muito é a do Rio de Janeiro, tanto o método é diferente, a UFRJ, tenho bastante colegas lá...

Entrevistadora: E o que acontece lá?

Juca: É o método de avaliação. Porque às vezes a gente acaba atrasando o tempo de terminar o curso por causa de uma ou duas matérias, todas as matérias são semestrais, e quando fica uma matéria, é um ano que eu posso ficar aqui; e em algumas universidades, as pessoas ficam nessas matérias, a própria universidade criou um sistema para os alunos, tanto brasileiro, quanto estrangeiro, fazerem essa matéria no final do ano, nas férias, e no

próximo semestre seguir. Isso para o aluno não ficar muito tempo, por causa dos custos... São Paulo sendo uma cidade, uma metrópole, já imagina.

Entrevistadora: Isso ajudaria vocês a concluírem o curso...

Juca: Antes! E também aquela preparação dos estudantes antes da própria formação. Na hora que a gente chega, os professores dão uma preparação sabendo como são os sistemas de ensino, porque pra mim foi novidade, chegar no Brasil, o número de trabalhos em grupo é algo que a gente em Angola fazia, mas não assim, tanto trabalho em um semestre. Isso é uma experiência que eu não tive, eu mergulhei nessa experiência e, como é que eu diria... de você entrar e não saber realmente como isso vai funcionar, pessoas diferentes, cultura diferente, outro modo de pensar, entendeu... Então a pessoa acaba se sentindo “estou a mais”, sabe...

Entrevistadora: Você se sentia “a mais” nos grupos em salas de aula?

Juca: Um ou outro grupo que eu me sentia à vontade, não todos. Eu gosto muito de fazer trabalho com duas ou três pessoas, quando envolve mais de três, eu acho que fica meio difícil.

Entrevistadora: Por quê? Você se sente como?

Juca: A maior dificuldade que eu sinto quando estamos em maior número de pessoas é de que, como o curso é integral, a maioria das pessoas não tem tempo durante a semana, nos horários comuns, acabam optando por um horário que às vezes eu não posso, e não tem como, tem que fazer; essa é a minha maior dificuldade: eu não posso, mas tenho que fazer.

Entrevistadora: Você acha que os estudantes, por virem do continente africano, sofrem um preconceito diferente ou maior que os estudantes estrangeiros que vêm de outros continentes?

Juca: Bastante, eu estudei em uma sala que tinha um outro estudante da América Latina, Peru, e é diferente, querendo ou não, muitos professores às vezes usam a língua pejorativa do continente e não entende...

Entrevistadora: Como é?

Juca: Um exemplo: Quando vai falar da estrutura social, da estrutura habitacional, a visão que às vezes tem muito... que todo mundo na África sofre, mas muitos africanos vieram sofrer aqui...

Entrevistadora: Ah, eles têm essa visão?

Juca: Têm essa visão! Às vezes a pessoa tenta explicar: não, não é isso, isso tem, entendeu...

Entrevistadora: Quem tem essa visão?

Juca: Muitos alunos, quantos professores. Agora, um ou outro professor, que já foi no continente africano, tem uma visão diferente do que é a África.

Entrevistadora: E essa visão que alguns têm, qual o impacto dessa visão na sua vida aqui, na sua migração.

Juca: O impacto é grande para mim, porque, querendo ou não, quando alguém fala um dado que você sabe que não é, há momentos em que a pessoa ouve, mas deixa, não vou falar, entendeu, porque mesmo que eu explicar, não vai entender, então deixa, porque são um problema de geografia, né, que envolve um problema geográfico, porque muitos têm a África como um país e não como continente, então são vários problemas, entendeu.

Entrevistadora: E acham que todos os africanos estão morando no mesmo país?

Juca: Isso, e por mais que você diga que a África é muito grande, que tem diversas culturas; por exemplo, Congo e Angola têm mais de treze línguas faladas, com livros escritos, bíblia, dicionário, entendeu, línguas nacionais...

Entrevistadora: Qual é a língua que você...

Juca: Kikon! É do pessoal do norte de Angola.

Entrevistadora: Como é o nome da sua cidade?

Juca: Banzacon. Faz fronteira com o Congo Democrático, antiga São Salvador.

Entrevistadora: Quantos mil habitantes?

Juca: Tem em torno de 600.000 habitantes, a província toda. Aqui vocês chamam de estado, e o município mais populoso é a capital, que é onde eu nasci, que é Banzacon.

Entrevistadora: E tem alunos de Angola aqui que são de sua província?

Juca: Não!

Entrevistadora: Ou que fala a...

Juca: Tem um do mestrado, mas que não é do mesmo convênio que eu, fazendo o curso...

Entrevistadora: Eu chamo de dialeto ou língua?

Juca: Depende, há dialetos e línguas. Eu falo Kikongo, e essas treze são línguas. Até na missa religiosa fala-se.

Entrevistadora: A língua?

Juca: Isso, o padre prega a missa e leem-se os livros tanto em português, kikongo ou kibungo ou ubungo, são as três línguas mais faladas.

Entrevistadora: Me fala uma palavra em kikongo.

Juca: Mote! Bonita.

Entrevistadora: Bonita... como é?

Juca: Mote.

Entrevistadora: Muito legal! E quem você deixou lá?

Juca: Deixei pai, mãe, irmão, tios.

Entrevistadora: Você morava lá com eles? Como era a sua vida lá?

Juca: Era muito diferente daqui, porque querendo ou não, você estando... porque o conceito de família nós em África é diferente do conceito de família no Brasil.

Entrevistadora: Qual é o conceito de família aqui?

Juca: O que eu vejo aqui no Brasil é que a questão da família aqui é pai, mãe e filho. Para nós não, família é tio, irmão do pai, entendeu, família é muito grande.

Entrevistadora: Famílias extensas, todos morando na mesma casa?

Juca: Toda casa em África você vai encontrar um sobrinho do pai que mora convosco, porque às vezes o pai dele não tinha condições de educá-lo, o pai pega e põe junto com os filhos.

Entrevistadora: E na tua família como era?

Juca: Do mesmo jeito. Morava o pai, mãe, temos três sobrinhos em casa, sobrinhos do sobrinho do meu pai e uma sobrinha da irmã da minha mãe. Ela mora conosco.

Entrevistadora: Irmãos?

Juca: Todos irmãos, a partir do momento que moram juntos não são primos, são irmãos.

Entrevistadora: Interessante! E você tem, além dos sobrinhos que se tornaram irmãos, irmãos?

Juca: Tenho.

Entrevistadora: Quantos irmãos?

Juca: Sou de uma família de sete irmãos, quatro meninas, três rapazes.

Entrevistadora: Em que lugar você está?

Juca: Segundo.

Entrevistadora: Segundo mais velho?

Juca: Isso! Tem a menina, depois sou eu, mais meninas e os últimos dois são rapazes.

Entrevistadora: O que eles fazem lá, seus irmãos, seus pais?

Juca: Meu pai trabalha, é funcionário público, minha mãe é professora, as minhas irmãs, uma esteve em Cuba e já voltou.

Entrevistadora: Estudou em Cuba?

Juca: Isso, fez Biologia e as outras duas estão na Romênia.

Entrevistadora: Alguém já havia vindo pro Brasil antes ou você foi o primeiro?

Juca: Meus pais.

Entrevistadora: Seus pais? O que eles vieram fazer aqui?

Juca: Antes de mim não, depois que eu vim, eles vieram.

Entrevistadora: Você foi o primeiro a vir?

Juca: Isso.

Entrevistadora: Eles vieram te visitar?

Juca: Isso, vieram pra passear, ver como é o Brasil...

Entrevistadora: E o que acharam Juca?

Juca: O maior susto não foi do meu pai, foi da minha mãe, porque a minha mãe também imaginava outra coisa em relação ao Brasil e me recordo um dia, passamos no minhocão, na Paulista, pra conhecer a cidade, e ela viu muita gente dormindo na rua, então ela disse: puxa, no Brasil também tem tanto maluco? Porque pra nós quem dorme na rua é maluco, porque a pessoa que não tem casa faz uma barraca, diferente daqui, que não fazem barraca, dormem na rua. Então isso que chamou a atenção. E eu disse que não são malucos, são pessoas que não têm condição de ter uma casa.

Entrevistadora: Então lá a pobreza não está relacionada a dormir na rua, como está aqui no Brasil?

Juca: Não! A pobreza não é isso ali, é a pessoa que não tem nada pra comer, a pessoa que fica na rua vendendo, na rua. São mais essas questões assim, porque as divisões sociais em Angola não se dividem em A, B, C.

Entrevistadora: Como é?

Juca: Ou é ou não é! Ou tem ou não tem. Então tem essa característica na nossa sociedade, nós não temos classe A, classe B, não tem isso.

Entrevistadora: E você me falou que o conceito de família é diferente. Como você entende, aqui no Brasil, o conceito de família?

Juca: O conceito de família que eu entendo aqui no Brasil é pai, mãe e filho. Tenho uma pessoa muito amiga que eu frequento a casa e uma vez ela questionou isso para a própria mãe dela. E ela também achou interessante porque quando um brasileiro se refere a um irmão, que é filho do pai, é meio irmão. Pra nós, isso nunca pode se falar. É meu irmão! Não pode se falar meio irmão. É irmão.

Entrevistadora: E Juca, você me falou sobre a questão da religião, da bíblia, que tem escrita em várias línguas. Qual a religião predominante lá?

Juca: Católica!

Entrevistadora: Você e sua família têm religião?

Juca: Todos católicos.

Entrevistadora: Católicos de ir à missa?

Juca: De ir à missa. Meus pais, avós, bisavós, todas as gerações.

Entrevistadora: Qual a importância que isso tem pra vocês?

Juca: A importância de seguir a religião de nossos antepassados, dando uma continuidade. Há um ou outro primo que tem uma religião diferente, mas nos meus irmãos, ninguém.

Entrevistadora: Todos católicos! E você aqui no Brasil, frequenta algum lugar?

Juca: Frequento.

Entrevistadora: Aonde você vai?

Juca: Frequento o São Geraldo.

Entrevistadora: Já fui nessa igreja, é aqui perto. Você vai à missa e coisas assim?

Juca: Vou, por causa do tempo eu vou muito pouco, mas fui crismado aqui, porque eu comecei em Angola e aqui fui crismado, mas eu vou.

Entrevistadora: Estar numa universidade católica, isto tem algum impacto ou não?

Juca: Eu acho que o impacto que tem não é por ser uma universidade católica, mas sim por ser uma faculdade com um nome muito amplo no Brasil, mais por isso, não por ela ser católica.

Entrevistadora: Como você foi acolhido aqui?

Juca: O acolhimento foi, não digo bom, mas razoável.

Entrevistadora: Razoável? De 0 a 10, vai?

Juca: Cinco.

Entrevistadora: Abaixo da média! Por quê?

Juca: Porque a gente lá em Angola, disseram que a gente chegaria aqui, teria moradia e tudo, então assim, não por uma questão dos funcionários, porque quem nos acolheu aqui foi a Mônica, acolheu super bem, mas depois a gente acaba ficando em hotel; então isso nos deixou com um estado emocional meio que baixo, a gente ficou quase que 15 dias no hotel, então isso... não por causa dos funcionários, mas porque a gente viu que teria moradia, e nós chegamos aqui e não.

Entrevistadora: E daí, quem procura moradia, quem...

Juca: Nós!

Entrevistadora: Vocês! Hoje como que é, com quem você mora, como é a sua rede social?

Juca: A rede social é ótima, tenho vários amigos, tanto africanos quanto brasileiros, tá ótima.

Entrevistadora: Você mora com quem?

Juca: Moro com dois brasileiros e um africano.

Entrevistadora: Africano de onde?

Juca: De Angola.

Entrevistadora: E os brasileiros são de onde?

Juca: Um é de Minas e o outro é de Goiânia.

Entrevistadora: E os estudantes do continente africanos, vocês se falam com os de outros países? Como é?

Juca: Nós conversamos, porque, querendo ou não, o maior número de estrangeiros da PUC é de língua portuguesa, Guiné, Cabo Verde...

Entrevistadora: Tem alguma briga, alguma rixa entre vocês, ou não?

Juca: Rixas eu não diria, mais um ou outro tem, por questões assim que envolvem mais... mulheres, essas coisas.

Entrevistadora: Mulher?

Juca: É! Namoradas! Mas em suma acho que me dou super bem com eles.

Entrevistadora: Não tem nada de questões políticas, questões étnicas?

Juca: Não, porque as questões étnicas da Angola são diferentes das questões étnicas de um outro país, então não tem.

Entrevistadora: Me fala uma coisa, se você pudesse destacar duas diferenças entre a sua cultura, da Angola e a cultura daqui, que diferenças você destacaria.

Juca: Seria difícil, mas eu acho que seria a questão social, acho que a questão que primeiro eu iria ver é a questão social.

Entrevistadora: Questão social como, Juca?

Juca: Por exemplo, a questão de você estar no meio e enquanto as pessoas não conhecerem quem você é, as pessoas estão com medo; então acho que uma das primeiras. Você vai a um shopping e os seguranças ficam atrás, isso é uma coisa pela qual eu nunca passei e a questão da polícia também.

Entrevistadora: Como é isso?

Juca: É que a polícia daqui, há um ano, a PUC mandou uma carta para eles advertindo



para o número, do enquadramento dos estudantes africanos e tudo mais. E no meu país, nunca tinham mandado eu parar e eu cheguei aqui e fui apontado por arma e tudo...

Entrevistadora: É mesmo?

Juca: É! E no meu país isso nunca...

Entrevistadora: E você acha que isso é por quê?

Juca: Acho que por aquela questão mesmo, acho que a polícia pensa que negro é gatuno, que negro é bandido, traficante, acho que envolveu muito essa questão ali né.

Entrevistadora: Você acha que o Brasil é um país preconceituoso?

Juca: É, mas dependendo de que área e de onde você estiver, porque há local que você vai e fica à vontade e tem lugar que não.

Entrevistadora: E como você lida com isso, como você administra isso?

Juca: Lido isso com naturalidade, embora deixe-me constrangido, mas eu tenho na cabeça que eu não vou morar aqui, então esse é um problema daqui, o povo brasileiro, eu sofro, e não vai mudar, não é hoje que isso vai mudar. Então não vai ser eu a acabar com isso, então posso me sentir constrangido, mas levo isso com naturalidade.

Entrevistadora: A universidade pode fazer alguma coisa em relação a isso?

Juca: Por mais que a universidade faça, imagina fora, a gente não está todos os dias na universidade, então não vejo grande papel da universidade nisso, claro, internamente até pode ser...

Entrevistadora: O que, se fosse internamente?

Juca: Essa questão é porque, hoje, ainda é menos, porque a gente é mais conhecido na universidade, mas quando chegamos no princípio havia muito esse problema, mas hoje não. Acho que a universidade foi trabalhando isso paulatinamente ao ponto de dar esclarecimentos através do dia da África, isso ajudou muito, dando palestras, nós fomos convidados a falar várias vezes junto com outros países sobre aspectos culturais, então acho que isso ajudou muito.

Entrevistadora: Então seria interessante se pudesse manter isso?

Juca: Até que mantém. Todo dia da África há eventos, mas a disposição dos estudantes africanos não é o mesmo que de antes. Está todo mundo ocupado tentando terminar o curso pra ir embora.

Entrevistadora: Qual é o dia da África, desculpe-me, mas eu não sei.

Juca: Esqueci agora o dia...

Entrevistadora: Qual é o mês?

Juca: Maio, se não me engano.

Entrevistadora: Vou pesquisar depois. Me diga uma coisa, quem paga pelos seus estudos aqui?

Juca: O governo angolano em convênio que tem com o governo brasileiro.

Entrevistadora: E a moradia?

Juca: Tenho uma bolsa com a qual pago a moradia, mas antes essa bolsa não era para isso e acabou sendo para isso.

Entrevistadora: Para que era antes?

Juca: Era para questões de material escolar e tudo mais.

Entrevistadora: E agora ficou para...

Juca: Pagar moradia e outras despesas.

Entrevistadora: Alimentação?

Juca: Alimentação e tudo mais.

Entrevistadora: Se você pudesse me destacar alguma coisa que marca a sua experiência de migração.

Juca: É uma experiência ampla, é o que eu sempre digo, a questão de ter saído do país é um aprendizado, porque estou aprendendo coisas que se estivesse em Angola, talvez não aprenderia. Questões de morar sozinho, de ter que gastar isso e isso não. Também questões de saber aprender sobre outra cultura, nessas questões de diferenças, acho que foi muito.

Entrevistadora: Tem coisas semelhantes?

Juca: Uma ou outra! Algumas coisas que a gente encontra aqui, em questão de alimentação, uma ou outra coisa é semelhante.

Entrevistadora: O que, por exemplo?

Juca: Comer a carne mesmo, o modo de preparar é diferente, temos a banana, o modo de preparar é diferente. O vestuário também é diferente, mais no interior. Na capital, já encontra o mesmo vestido.

Entrevistadora: É mais ou menos assim mesmo?

Juca: Sim! É a nova geração.

Entrevistadora: Uma comida típica de Angola?

Juca: Funche.

Entrevistadora: O que é?

Juca: É feito com fubá de mandioca e água, só.

Entrevistadora: E vocês conseguem fazer aqui?

Juca: A gente faz.

Entrevistadora: É gostoso?

Juca: É gostoso!

Entrevistadora: Parece...

Juca: Tipo uma polenta, só que mais leve.

Entrevistadora: Do que você tem mais saudades?

Juca: Da família.

Entrevistadora: O que da família?

Juca: O dia a dia da família, principalmente da minha mãe, sinto falta desse contato.

Entrevistadora: E qual o nome dela?

Juca: Juliana.

Entrevistadora: Juliana, que nome bonito. E seu pai, como chama?

Juca: Tiago.

Entrevistadora: E você tem saudades disso?

Juca: Tenho, falo com eles frequentemente, mas a saudade que eu mais tenho é dessas questões mesmo. Dos meus pais, meus irmãos.

Entrevistadora: E como você fala com eles, Juca?

Juca: Por telefone, por Skype. Tanto o meu pai, quanto a minha mãe usam pouquíssimo e falam mais por celular. Os meus irmãos por e-mail, facebook...

Entrevistadora: E o que você pretende fazer a partir da sua experiência de migração, de sua formação, quais são os seus projetos de futuro?

Juca: O meu projeto é trabalhar na área que eu almejo que é a organizacional.

Entrevistadora: Onde?

Juca: Em Angola.

Entrevistadora: Os estudantes que vêm pra cá, do continente africano, geralmente retornam pro seu país de origem ou não, como é?

Juca: Dos que eu conheço, a maioria retorna, porque a nacionalidade que mais fica é a Guinense.

Entrevistadora: Por quê?

Juca: Não sei, não saberia explicar. Não sei se é por causa das questões de falta de oportunidade no país de origem, diferente de Angola, que os brasileiros todos, em sua maioria, estão indo lá trabalhar, entendeu. Então eu não vejo motivo de eu vir parar aqui, então acho que é mais essa questão. Têm angolanos que estão aqui e pensam em morar aqui, mas eu nunca tive essa ideia, essa vontade, não.

Entrevistadora: Tem uma intenção de retornar o investimento para o próprio país?

Juca: Isso, bastante. Porque eu chego, tanto faz o emprego, tanto faz a remuneração, porque é diferente lá.

Entrevistadora: Tem uma coisa que eu não te perguntei que seria importante destacar? Alguma coisa da tua vida?

Juca: A minha vida não é a mesma da que era em Angola, todos os amigos ficaram, todos os de infância... falo com eles também, uma vez ou outra, então são essas questões mesmo, questões do cotidiano, do dia a dia. A gente acaba se sentindo muito só...

Entrevistadora: Você se sente só?

Juca: Às vezes.

Entrevistadora: Como seria possível não se sentir tão só?

Juca: A universidade promove eventos, concede ingressos para teatro, tudo, às vezes chega a ser atrativo, mas eu não gosto muito, prefiro ir ao cinema, então é mais essa questão...

Entrevistadora: Eu escutei falar de um outro programa que os estudantes daqui adotam o estudante estrangeiro, não tem isso em relação ao continente africano?

Juca: Adotar como?

Entrevistadora: O estudante vai chegar de um outro país...

Juca: Ah, não tem. Já ouvi falar desse sistema, de morar com a família, né?

Entrevistadora: Não! O estudante daqui vai até o aeroporto, pega o estudante, leva para conhecer São Paulo...

Juca: Não tem. Não conheço nenhum. Quando chega um estudante africano, nós é que temos que pegar, procurar moradia e tudo...

Entrevistadora: Mais alguma coisa Juca, que você ache importante?

Juca: Não.

Entrevistadora: Olha Juca, eu tenho que te agradecer muito!

Juca: De nada!

*Lorival (17min)*

Entrevistadora: Lorival, muito obrigado mais uma vez por você participar, acho que a intenção é que esta pesquisa possa trazer maior visibilidade para os estudantes africanos aqui na PUC e dar força mesmo para que o programa continue, porque eu sei que parece que o programa não vai continuar, enfim. Então essa é a intenção e você fique à vontade para falar o que você quiser, 'tá bom? Primeiro, Lorival, eu queria saber o que te motivou a sair de lá e vir para o Brasil! Por que o Brasil? Por que a escolha do Brasil?

Lorival: Então, nos últimos anos no meu país, para encontrar uma bolsa de estudo, o Brasil fica mais fácil para a gente, porque não tem recursos, nosso país não pode pagar a faculdade para a gente em outro país. Aí, a embaixada do Brasil estava oferecendo a bolsa para a gente, esse é um dos motivos. O outro é que também eu tenho dois tios aqui no Brasil, um já formou na Engenharia da Computação e o outro está fazendo Sistema de Informações. Esse foi outro motivo.

Entrevistadora: Então você não foi o primeiro da família a sair da África e vir para o Brasil?

Lorival: Não!

Entrevistadora: Antes destes tios, outras pessoas já vieram?

Lorival: Outros já vieram!

Entrevistadora: E geralmente como é, eles vêm, fazem o curso e voltam para a Guiné, ou não?

Lorival: A maioria volta, mas outros ficam aqui. A maioria volta!

Entrevistadora: E você pretende voltar? O que você pretende fazer?

Lorival: Então, eu não penso nisso agora! Me preocupo mais para terminar o meu curso, aí depende. Posso ter um bom trabalho aqui ou voltar. Não sei!

Entrevistadora: Você falou que tem a questão da bolsa, dos teus tios que já estão aqui; tem alguma imagem, qual a imagem que você tinha do Brasil, antes de vir para o Brasil?

Lorival: Antes de eu vir para cá, eu sabia pouca coisa do Brasil. Eu acompanhava o Brasil mais pela televisão.

Entrevistadora: O que eles falam do Brasil na televisão?

Lorival: Mais informação! A gente mais assiste a Tevê Record e você consegue... além de assistir telejornal, novelas, essas coisa, futebol.

Entrevistadora: Tinha algum time especial que você torcia?

Lorival: Time não, mas eu conhecia alguns daqui. Mas eu não torcia para ninguém.

Entrevistadora: Lá na Guiné é um esporte que você gosta?

Lorival: É!

Entrevistadora: Qual o time que seja o seu time do coração? Tem isso?

Lorival: Lá não tem time do coração, porque os times de lá são muito razoáveis, bem fraquinhos...

Entrevistadora: Não tem grandes jogadores...

Lorival: Isso! Aí eu torcia mais quando têm copa do mundo, seleção brasileira, essas coisas.

Entrevistadora: Aí você torcia! Quando você chegou ao Brasil, como foi? O que você pensava e o que você viu? Quais as diferenças que você sentiu?

Lorival: Quando eu cheguei aqui era tudo estranho, porque eu via era tudo diferente. Pessoas, cheguei aqui vi muita gente! Fiquei assim “como pode ter tanta gente assim”, tipo, eu só sabia pelos livros que o Brasil tinha 190 milhões, mas eu não faço ideia do que é 190 milhões. Quando eu cheguei aqui e vi gente em tanto lugar assim...

Entrevistadora: A gente não tem ideia do quanto representa...

Lorival: É! Para ver aquele tanto de pessoas no meu país, só quando acontece uma festa, no caso, o carnaval, que vê no mesmo lugar tanta gente!

Entrevistadora: Não vê esse aglomerado de pessoas! E o que você sentiu quando viu isso?

Lorival: Me senti perdido!

Entrevistadora: Quem estava com você?

Lorival: Eu estava com o meu tio! Ele estava no Rio de Janeiro, mas ele saiu e veio me pegar em São Paulo!

Entrevistadora: Ele é irmão...

Lorival: Irmão da minha mãe!

Entrevistadora: Como ele chama?

Lorival: Anselmo!

Entrevistadora: E ele veio para te receber! Alguém mais?

Lorival: O namorado da minha tia também!

Entrevistadora: Que mora lá?

Lorival: Mora em São Paulo! A minha tia mora lá, mas ele estava aqui em São Paulo! Se formou o ano passado e voltou! Aí eles me buscaram!

Entrevistadora: E como foi? Você já tinha lugar para ficar? Já tinha alugado?

Lorival: Não, primeiramente eu fui com o namorado da minha tia para uma casa de estudantes. Ele morava numa casa do pessoal de Direito da USP, aqui na vila São Juca.

Eu fiquei lá por três semanas. Depois, tinha também os meninos que estudavam aqui na PUC e eu fui morar com eles!

Entrevistadora: E hoje você mora com quem?

Lorival: Eu moro com ele!

Entrevistadora: Com uma pessoa só?

Lorival: Não! Nós estamos em quatro agora!

Entrevistadora: E são de onde esses rapazes?

Lorival: Todos da Guiné-Bissau!

Entrevistadora: E eles fazem faculdade?

Lorival: Outro faz faculdade comigo na PUC, faz Ciências da Computação, já está no último ano. Os outros dois estão fazendo Engenharia Civil na FIESP.

Entrevistadora: E como é essa convivência?

Lorival: Como a gente é do mesmo país, tem os mesmos hábitos, já fica mais tranquilo!

Entrevistadora: Como é Lorival, você tem contato com outros estudantes de outros países da África?

Lorival: Tenho sim. Alguns angolanos, moçambicanos; conheço poucos nigerianos, mais angolanos e moçambicanos, cabo-verdianos também!

Entrevistadora: E como é a convivência? Como é? Vocês são próximos ou não, tem brigas, como é?

Lorival: Nada de briga. A gente não fica também muito próximo! Quando tem uma festa a gente se encontra, festa de aniversário, festa de independência do meu país ou de Angola, essas coisas.

Entrevistadora: Vocês todos vão!

Lorival: A gente vai.

Entrevistadora: Quando é a festa da independência da Guiné-Bissau?

Lorival: Então...

Entrevistadora: Deixa, depois a gente edita essa parte! (risos)

Lorival: É 24 de setembro!

Entrevistadora: Então é uma convivência tranquila pelo que você está me contando! E como é a convivência com os brasileiros?

Lorival: Aqui, a única coisa que eu também consegui reparar bem cedo é que, tanto

guinenses como brasileiros, acho que gostam da mesma coisa! A gente gosta muito... no final de semana a gente vê aqui as pessoas gostam de sair e ir para o bar. A mesma coisa acontece lá! Aí fica mais fácil. Na faculdade quando eu cheguei foi bem fácil com o pessoal da turma. Eu sou um pouquinho tímido, mas foram legais.

Entrevistadora: Te receberam bem?

Lorival: Receberam! Na primeiras semanas, quando eu tinha dificuldade, tinha pessoas que me ajudavam...

Entrevistadora: Brasileiros?

Lorival: Brasileiros mesmo!

Entrevistadora: Tem outros do continente africano, ou até de outros continentes, estudantes estrangeiros que estudam com você, na sua sala?

Lorival: Tenho um amigo, que a gente veio junto mesmo, inclusive a gente veio no mesmo voo para cá! Quando a gente chegou, a gente foi para a mesma turma, só que a gente estava no mesmo nível, não dava para um ajudar o outro. Aí a gente sempre pedia ajuda e conseguia mesmo. As pessoas da sala, se você pedir, eles ajudam!

Entrevistadora: Como é? Você sentiu em algum momento algum preconceito, alguma dificuldade?

Lorival: Nada de preconceito. Não sei, pode acontecer, mas eu não vi nada. Como a gente, no meu país não tem essa coisa de preconceito, tem mais negros, pouca gente branca, mas não tem. E lá, essa coisa de um ser rico e outro ser pobre, a gente vive na mesma sociedade...

Entrevistadora: Quem você deixou no seu país? Com quem você morava? Como era?

Lorival: Então, eu morava com meus pais. E com dois irmãos.

Entrevistadora: Como chamam seu pai, sua mãe, irmãos?

Lorival: O meu pai chama Rui, minha mãe chama Paulina, a minha irmã mais velha chama Rose e o meu irmão mais novo chama Caires.

Entrevistadora: E o que seus pais fazem lá?

Lorival: Atualmente meu pai está desempregado e a minha mãe trabalha como enfermeira auxiliar.

Entrevistadora: Em algum hospital?

Lorival: Hospital Público.

Entrevistadora: Sua irmã mais velha estuda?

Lorival: Ela está fazendo enfermagem lá!

Entrevistadora: E seu irmão?



Lorival: Meu irmão já está na quinta série.

Entrevistadora: Como é, eu tenho perguntado para algumas pessoas de lá o conceito de família, se é muito diferente. Como é?

Lorival: Lá família é muito grande! Onde eu moro, eu moro com os meus pais, também moro com os meus primos, tias, primos segundo grau, terceiro, essas coisas.

Entrevistadora: Moram todos juntos?

Lorival: Todos juntos! Tem duas casas. A casa do meu pai e a casa do meu avô. Tem uma média de 40, 50 pessoas.

Entrevistadora: E a família é considerada todo mundo!

Lorival: Todo mundo! Naquelas duas casas todo mundo é família!

Entrevistadora: Se um passa necessidade... como é?

Lorival: O outro ajuda! Primeiramente, quando o meu avô estava vivo, nós fazíamos só uma comida para todo o pessoal. Fazia pequeno almoço para todo mundo. Almoço, jantar para todos. Todos comiam juntos!

Entrevistadora: E quando isso terminou? Até quantos anos você viveu essa história?

Lorival: Até os doze anos!

Entrevistadora: E depois, quando o seu avô faleceu?

Lorival: Alguma coisa mudou! Aí o meu pai já tem... também porque o meu pai não estava morando junto com a minha mãe, depois que eles moraram juntos, aí meu pai ficou sozinho e teve que fazer nossa própria comida, só para a gente!

Entrevistadora: Ele se separou da sua mãe um tempo?

Lorival: Não! É que eles não chegavam a morar juntos!

Entrevistadora: Mas eles estavam casados?

Lorival: Não! Só estavam namorando na época, quando eles tiveram a minha irmã, depois eu, eles não estavam ainda casados. Só depois eles se casaram e foram morar juntos.

Entrevistadora: Eu não entendi, desculpe-me te perguntar de novo. O seu avô fazia essa comida para todos e nisso você já era vivo, mas os seus pais não eram casados; mas você é filho desse pai e dessa mãe?

Lorival: Sou!

Entrevistadora: Tá! Eles tiveram você antes de se casarem.

Lorival: Isso!

Entrevistadora: Entendi! E depois eles resolveram ficar juntos na mesma casa! Hoje

como é? Cada um faz a sua comida?

Lorival: Cada um faz a sua comida...

Entrevistadora: Mas final de semana... quando vocês se encontram? Estão o tempo todo juntos?

Lorival: O tempo todo juntos! Como são duas casas, eu moro aqui e o outro ali...

Entrevistadora: E Lorival, me conte uma comida típica, que você lembre do seu avô, que te dê saudades!

Lorival: Tem caldo de xebeu!

Entrevistadora: O que é isso?

Lorival: Não sei se você conhece o óleo de dendê, faz com isso!

Entrevistadora: A gente come muito óleo de dendê na Bahia! Salvador, Bahia. É um óleo que coloca em cima da comida? Como é?

Lorival: Come sozinho, com arroz...

Entrevistadora: E você faz?

Lorival: Não, não sei fazer não!

Entrevistadora: Como você se vira aqui?

Lorival: Aqui eu tenho que fazer comida. Faço comida ruim!

Entrevistadora: Não deu para aprender um pouco?

Lorival: Nada!

Entrevistadora: Do que você tem mais saudades do seu país?

Lorival: Saudades da minha mãe mesmo!

Entrevistadora: Como você fala com eles, como você fala com a tua mãe?

Lorival: A gente fala pelo telefone mesmo!

Entrevistadora: De quanto em quanto tempo, Lorival?

Lorival: Quase... vai demorar umas duas semanas, mas quando eu cheguei aqui, todo final de semana eu falava com eles.

Entrevistadora: Eles não têm acesso ao computador?

Lorival: Não!

Entrevistadora: Lorival, qual é o significado de ter um diploma de uma universidade

como a PUC, no Brasil? O que isso vai mudar na tua vida?

Lorival: Então, isso muda muita coisa. Aqui, só você ir procurar um estágio, chegar com o currículo fazendo faculdade na PUC, isso já é alguma coisa; mas na Guiné, isso não significa nada, porque até agora, pessoas estão conseguindo trabalho mais por indicação. Chega “esse é meu sobrinho, arruma emprego para ele!”

Entrevistadora: E consegue mesmo sem ter o curso?

Lorival: Consegue mesmo sem o curso. E mesmo com o curso, numa seleção de trabalho, isso acontece.

Entrevistadora: Então, por que vale a pena você fazer universidade aqui e ter o diploma aqui?

Lorival: Porque o diploma da PUC é uma satisfação pessoal, não importa os outros.

Entrevistadora: Lorival tem algo que eu não te perguntei e que você gostaria de dividir comigo, que fosse relevante pra essa pesquisa?

Lorival: Não, acho que já falei tudo.

Entrevistadora: Quero muito te agradecer por essa entrevista.

### ***Muniz (26min42seg)***

Entrevistadora: Muniz, primeiro eu queria muito te agradecer por você estar participando; acho que a pesquisa, a ideia é dar maior visibilidade para esse programa, para que outros estudantes do continente africano tenham a chance de vir com maior apoio, porque eu sei que o apoio de você é pequeno...

Muniz: Muito curto.

Entrevistadora: Muito curto para estarem aqui! Então, quem sabe, seja uma pesquisa aí que a gente possa intensificar essa parceria. Eu tenho aqui um roteiro, são três tópicos, mas fique à vontade para me falar o que você quiser, tá legal? Primeiro, eu queria saber o que te motivou a escolher o Brasil, a vir para o Brasil?

Muniz: Primeiro porque eu tive muito contato com brasileiros lá em Angola mesmo, não cresci, mas estudei numa escola religiosa católica que tinha muitos padres brasileiros, tinha muita gente brasileira, voluntários, muitos outros; bom, esse talvez pudesse ser um dos motivos também, porque tinha gente lá do Brasil; outro ponto também é porque falam a língua portuguesa, também seria um outro; tem outro ainda, porque quando eu recebi essa oportunidade de bolsa, eu estava no interior de Angola, numa província do leste, leste de Angola...

Entrevistadora: Como chamava?

Muniz: Muxiko! Uma cidade do leste. Só que tinha três opções: Brasil, Argélia e Cuba. Aí cada uma das três viria tanto para o Brasil, Argélia ou Cuba; daí eu pensei, bom, vou

escolher o Brasil também, porque eu gosto do Brasil e tudo. Eu podia ir para Cuba, que lá tem bom ensino e eu sei que tem, a Argélia também é bom, mas eu vou para o Brasil. Essa foi uma das ideias pelas quais eu escolhi o Brasil.

Entrevistadora: E como foi quando você chegou aqui?

Muniz: Para mim foi um pouquinho difícil, porque a princípio eu pensei que fosse ser fácil pela língua, mas nos primeiros dias, primeiras semanas foram difíceis por isso; é português, mas o sotaque ainda era muito diferente, o sotaque, a organização das palavras, a gramática também era diferente e isso dificulta. Eu precisei de mais ou menos duas semanas para me adaptar. Esse foi o meu contato com as pessoas e em São Paulo também as pessoas são fechadas, um pouquinho, isso eu achei num primeiro momento, às vezes quando você conversa, elas se tornam um pouquinho mais abertas com o tempo. Outra dificuldade é que quando a gente chegou aqui sem estadia para morar, a gente teve que se virar com as aulas começando, eu cheguei atrasado um mês, com as aulas começando na PUC; cheguei em março, já tinha começado as aulas, aí eu fiquei: o que eu faço agora, onde eu procuro, porque nem sempre a gente sabe onde procurar casa para alugar, é uma coisa difícil, e depois aqui também tinha que regularizar a situação da polícia, da estadia, da Polícia Federal, com o protocolo; então foi... meu impacto foi meio que agressivo, na verdade, porque não tinha ninguém.

Entrevistadora: Você estava sozinho aqui, com quem você contava?

Muniz: Com ninguém na verdade, eu não conhecia ninguém aqui em São Paulo para ter uma referência do que eu poderia fazer em São Paulo, porque eu estou indo para lá. Pelo menos eu não tinha ninguém, não sei os outros. Viemos para São Paulo em quatro pessoas...

Entrevistadora: Quatro pessoas de Angola?

Muniz: Isso. Éramos quase 30 pessoas, mas foi espalhado para todos os cantos do Brasil, Rio de Janeiro; São Paulo, fomos quatro apenas.

Entrevistadora: Você escolhe São Paulo? Como é?

Muniz: Então, primeiro você escolhe o curso, tem um formulário com todos os requisitos necessários, tem o curso...

Entrevistadora: Que curso você escolheu, desculpe?

Muniz: Economia. Aí tem a ordem, coloca três cursos por ordem de preferência. Coloquei economia, depois outros cursos, coloquei psicologia, se não me engano; e as cidades que você preferiria ficar, também por ordem de preferência. Coloquei São Paulo, a cidade mais famosa do Brasil, que eu não conheço, mas, que eu mais ouvia falar em Angola; coloquei Rio de Janeiro, coloquei Florianópolis, se não me engano.

Entrevistadora: Qual a imagem que você tinha antes de chegar aqui?

Muniz: Bom! São várias as imagens que a gente tem, porque lá em Angola a mídia brasileira é muito grande, é intensa mesmo! A Globo, a Record, são as duas emissoras televisivas que estão muito em Angola, só que cada uma transmite algo diferente, como aqui no Brasil, a Globo é diferente da Record. Então eu não tinha uma imagem assim... eu

sabia que o Brasil é grande, muita quantidade de pessoas, gente muito alegre, todo mundo que eu conhecia era muito alegre e simpático, não sei se é porque estavam em Angola, mas eram e ainda são agora e um pouquinho das dificuldades com relação às pessoas, porque diziam que no Brasil é difícil em algumas regiões se lidarem com pessoas diferentes, mas isso não afetou em nada para mim.

Entrevistadora: Difícil como?

Muniz: Difícil no sentido de muito preconceito com o africano, com o negro mesmo; mas só que nada muito intenso, pelo menos em Angola não é muito, porque existe muita ligação Angola-Brasil, tem muitos programas de relação entre Angola e Brasil e isso acaba, talvez, diminuindo, mas não foi assim ruim do Brasil... por isso que eu peguei o que eu tinha e vamos para frente.

Entrevistadora: Quando você chegou aqui na universidade, quem te acolheu? E como foi o acolhimento das pessoas?

Muniz: Bom, precisa partir de quando a gente chegou aqui. Quando a gente chegou, o nosso Governo ou o Instituto responsável pelos estudantes que iriam para fora do país, eles tinham garantido que nós teríamos um lugar para ficar; então a gente teve uma ideia que nós chegaríamos aqui e pelo menos teríamos alguma coisa para ficar, algum lugar específico, mas não aconteceu isso, infelizmente. Então a gente chegou aqui na universidade, no que chegamos, fomos para o setor chamado é... consultec provavelmente, o setor responsável pelas bolsas e intercâmbio, uma coisa sim, é lá que se processa a recepção de todos os alunos estrangeiros, lá no prédio velho...

Entrevistadora: Eu sei onde é.

Muniz: O atendimento foi bom, foram muito receptivos, acolhedores, até agora são, o pessoal da consultec, e foi lá mesmo onde fomos recebidos.

Entrevistadora: E aqui em sala de aula, os professores, os alunos... como é ser um estrangeiro, do continente africano, negro, aqui nessa sala de aula, nessa universidade?

Muniz: Eu acho que foi uma novidade para todos, tanto para mim, como para eles, mas a relação com eles é ótima, é boa; aliás, parte de mim mesmo, eu digo assim: que quem faz o ambiente somos nós mesmos, quer dizer, eu só gosto de conversar com as pessoas e quando elas veem isso, elas se abrem, interagem também; então foi ótimo, não tive problema nenhum, com os alunos. Com os professores sim também, mas há uns professores meio rígidos, meio que... aconteceu comigo, por exemplo, parece que odiavam africanos, tipo, piadas de mau gosto, não piadas... eu tive uma professora que era muito... nossa, era muito terrível comigo, é que eu falava muito em sala de aula, eu gosto de falar, responder, perguntar; mas parece que para ela isso não era bom, interagir muito, ter um aluno africano na sala, então eu tento perguntar alguma coisa ela não quer responder, ou responde insatisfatória, um professor aconteceu assim.

Entrevistadora: E piadas de mau gosto, de que tipo?

Muniz: Não são bem piadas, mas frases que para mim foram meio constrangedoras.

Entrevistadora: Por exemplo?

Muniz: Suponhamos, há um preconceito dentro, no geral, tanto nas pessoas aqui, que eu até admirei porque algumas pessoas têm o mesmo, porque para mim não, os professores têm o conhecimento mais amplo das coisas, teriam um conhecimento razoável disso; o aluno tudo bem, porque nem todo mundo está na área da educação e tem esse olhar atento para todo lado, com todo mundo; mas não o professor, eu acho que tem que ter uma visão diferenciada dos outros. Suponhamos que eu chegasse na sala de aula, assim, e nós éramos três africanos na sala, a Glória, mais um cabo-verdiano que mudou para a noite e eu; mas os dois são mais calmos em sala de aula, são mais tranquilos, eu que fui mais assim extrovertido; então, suponhamos que eu chegasse na sala de aula, e a matéria sobre história, e dizia que o continente africano não tem pessoas, que não podem considerar como pessoas; bom, isso para mim é a opinião dela, mas tem limites isso para mim, né.

Entrevistadora: Ela dizia, só para eu entender, estava contando sobre a cultura africana...

Muniz: Ela dava exemplos de economia, mas muito fora do comum para mim, chegava em sala de aula e ia falar sobre comércio, por exemplo, sobre trabalho, ela chegava e dava o exemplo: “na África, por exemplo, não tem trabalhadores, porque não tem pessoas especializadas para isso!” Ok, isso para mim pode falar, é normal! “Porque eles não são educados, não são preocupados com a educação!” Não! Você pode falar isso de outra maneira, que é uma situação difícil, não no sentido de ferir quem está presente, então isso para mim foi meio abusivo, mas no geral...

Entrevistadora: Então você compreende isso como um preconceito, ou que nome você dá para isso?

Muniz: Entendo como preconceito porque a pessoa já tem uma imagem fixa geral da África; de Angola, eu não sei, mas da África no geral já tem uma imagem, de todas as qualidades ruins possíveis, e ela dizia que achava mesmo que tudo que acontecia de ruim no mundo é lá, que o HIV surgiu de lá e termina lá, e no meio de muita gente, de alunos, para mim eu acho meio provocante. Sim, eu falava com ela, mas isso provocou um tumulto que não foi bom. Porque: “oh, você tem convênio, se você implicar com professor, você tem bolsa de estudo”, meio que ameaças. Essa foi uma relação péssima que eu tive com um ou dois professores.

Entrevistadora: Você sabe de outros amigos que também sofrem isso?

Muniz: Sim! Tem outros que passaram por isso, disseram que passaram; o problema é que a mesma pessoa, então já estão acostumados, tanto a instituição quanto os alunos. É um costume que é assim, então eles não querem mudar, talvez vai passar. Não só com africanos, disseram que já aconteceu com outros; cada um tem sua personalidade e não generalizo as coisas. Cada um...

Entrevistadora: É de um jeito!

Muniz: Isso, ela pensa assim, então o resto...

Entrevistadora: Quais as dificuldades que você encontrou aqui? Acho que você já falou um pouco, de moradia, da língua, que parece igual, mas tem muitas diferenças, algumas outras que você destacaria?

Muniz: Na verdade o que mais me marcou foi a questão... porque, eu sendo um estudante estrangeiro, não tenho algo meu aqui no Brasil, ou alguém da minha família, não tenho

nada; então quase que tudo para mim é meio custoso, difícil de fazer; a princípio, a questão de declaração e visto aqui no Brasil é muito difícil, meio que dificulta para os alunos.

Entrevistadora: É difícil?

Muniz: Sim! Porque a cada trimestre tem que ir na Polícia Federal e isso demora bastante e quando alguma coisa muda, muda quase tudo, você não consegue arranjar casa para alugar, você não consegue fazer nada...

Entrevistadora: Vocês podem trabalhar aqui?

Muniz: Trabalhar especificamente não, mas fazer estágio sim.

Entrevistadora: Que também não é muito remunerado e não ajuda vocês a se manterem aqui.

Muniz: Começa a ficar difícil.

Entrevistadora: Aqui, hoje, qual é a tua rede, com quem mais você tem contato? Quanto tempo você está aqui no Brasil?

Muniz: Quase três anos.

Entrevistadora: Quase três anos! Quem são as pessoas que você conta aqui?

Muniz: Os meus amigos angolanos, alguns colegas na sala; na verdade, eu lido com várias pessoas no dia a dia e com outras que eu conheço de outros lugares, mas eu sou meio aberto, tento ser aberto o possível, porque é minha característica, eu acho que é mesmo. Então isso me propõe a possibilidade de conhecer mais gente, tanto da faculdade, quanto de outros lugares, então eu lido com quase todo mundo, mas quem dá mais apoio são os que moram comigo, os colegas da sala, mas eu lido mais com os angolanos que estão perto de mim, porque eles estão sempre em casa, a recordação com eles, um pouquinho da língua.

Entrevistadora: Você fala com seus amigos angolanos em português, mas tem algum dialeto, alguma coisa?

Muniz: Sim, eu falo uma, mas não muito bem. São duas na verdade, meu pai fala uma, minha mãe fala outra, então a gente acaba aprendendo as duas. Eu falo uma, que eu falo melhor, que é a da minha mãe: Chokoei. A do meu pai eu falo bem.

Entrevistadora: Como é a do teu pai?

Muniz: Luvale. Tem um colega meu que fala Chokoei também, então dá para falar com ele.

Entrevistadora: Me fala uma palavra em chokoei! O que você quiser!

Muniz: Kanaua! Significa “Tudo bem”.

Entrevistadora: Como é lá em Angola, quem você deixou, qual é a composição da sua

família?

Muniz: Meus pais mesmo, nós somos... tenho um irmão biológico menor, mas tenho irmãos por parte de pai e de mãe; três irmãos por parte de pai, e três irmãos por parte da mãe, mas eu só soube que são meus irmãos, meio irmãos, só depois de dezoito anos, a gente morou junto mas nunca conseguiram dizer que eram meus irmãos, só depois.

Entrevistadora: Você imaginava que eram seus irmãos?

Muniz: Sim, mas só com dezoito anos, dezessete anos que... mas ninguém falou para nós que éramos meio irmãos, por acaso eu peguei um bilhete deles aí vi que era meus irmãos.

Entrevistadora: A sua mãe teve outro relacionamento antes e seu pai também...

Muniz: Isso, e aí se juntaram.

Entrevistadora: Como chama sua mãe e seu pai?

Muniz: Maria Eva e Fernando Caballo.

Entrevistadora: Que bonito nome! É um nome...

Muniz: Maria Eva é Moachambe, o nome primeiro dela é Moachambe e Fernando Caballo é o nome do meu pai, são só dois nomes.

Entrevistadora: E o teu irmão, quantos anos ele tem?

Muniz: 20 anos, fará 20 no próximo mês.

Entrevistadora: E como ele chama?

Muniz: Delfim

Entrevistadora: E eles fazem o que lá em Angola? Eles têm formação universitária, você é o primeiro que está desbravando, como é essa história?

Muniz: Então, o meu pai se formou em Cuba em forças militares; em 60 e pouco com a revolução que houve com os portugueses e com os próprios angolanos, o governo precisava de alguns especializados, então mandou meu pai pra lá, só que a minha mãe não estava no Estado, estava em Portugal, se formou lá em educação, voltou e eles se conheceram lá depois.

Entrevistadora: Então seus pais têm formação universitária?

Muniz: Sim.

Entrevistadora: Para eles, qual é o valor que eles dão para isso, você estar aqui no Brasil, fazendo a sua formação, como é isso na tua família.

Muniz: Eles tiveram essa experiência e se sentem orgulhosos por estar tendo essa oportunidade. Acham que é uma oportunidade única para mim e eles acham que eu tenho muita coisa pela frente com essa vinda no Brasil.



Entrevistadora: O que mais você deixou lá, além da sua família?

Muniz: Em Angola eu deixei tudo, comida boa, diferente, deixei atitudes diferentes das pessoas, a forma diferente de lidar com as pessoas, toda a cultura lá mesmo é diferente.

Entrevistadora: Como é estar longe de tudo isso que você gosta?

Muniz: A princípio foi difícil, porque você sente falta de todo mundo, a cada pouco você está deixando; eu senti falta, mesmo eu já tendo saído antes, porque com 14 anos eu saí de casa para estudar em outra província e tal, mas não é o mesmo que estudar fora do país. Não é o mesmo, porque lá é dentro de Angola e você dá um pulo e atravessa facilmente, a qualquer hora, a qualquer momento porque não demora, dá para fazer; agora fora de Angola aí é um pouquinho mais puxado. No começo foi difícil, com muita saudade de todo mundo, queria falar com o irmão, sobrinho, pai, mãe, queria falar toda hora.

Entrevistadora: Isso que eu ia te perguntar, como você fala com eles, qual a frequência e de que jeito?

Muniz: Com os meus pais, a gente fala mais pelo telefone mesmo, com os meus irmãos, depende, pelo telefone, internet...

Entrevistadora: Eles têm acesso fácil à internet?

Muniz: Eles têm acesso fácil, porque eles 'tão sempre com essas coisas a toda hora.

Entrevistadora: Os seus pais trabalham lá?

Muniz: Eles já são aposentados, meu pai tem 67 anos, minha mãe tem 56 anos.

Entrevistadora: Você me falou que tem saudade da comida. Me fala uma comida típica da Angola?

Muniz: São muitas, mas da minha região, porque cada região tem sua comida específica, na minha região é o Funge.

Entrevistadora: O que é?

Muniz: Seria como se fosse uma polenta de farinha de mandioca, mas não é polenta; polenta para mim é uma coisa diferente.

Entrevistadora: Polenta é aquela coisa amarela que a gente tem aqui, mas mole.

Muniz: Só que ela é rija mesmo, mais pegajosa, como se fosse uma borracha. Só que não se come assim, simples; sempre se come com alguma coisa, com carne, com peixe...

Entrevistadora: Ela é frita, ou não?

Muniz: Não! Ferve-se com água, depois se coloca a farinha, vai mexendo até que fique o mais pegajoso. A gente mistura tanto com farinha de milho, como com farinha de mandioca, mas não é mandioca, porque lá mandioca é outra coisa. A mandioca é o tubérculo normal, a gente pega esse tubérculo, coloca na água, deixa alguns dias, até que ele amolece mesmo, tira ele da água, coloca no sol, até secar totalmente; aí não é mais

mandioca como era antes, daí só depois que é triturado e feito farinha específica para aquilo.

Entrevistadora: Me deu até água na boca. Que delícia, você faz aqui ou não?

Muniz: Aqui não porque com não consigo a farinha adequada; é muito difícil, não é igual. Então alguns amigos quando vão de férias, eles fazem questão de trazer.

Entrevistadora: Alguns angolanos conseguem voltar para casa?

Muniz: Sim, de férias, o pessoal tem ido normal.

Entrevistadora: Tendo ido normal para passar férias! Você já foi?

Muniz: Pretendo ir, ainda não fui. Vou em dezembro agora.

Entrevistadora: Vocês estão aqui, fazendo faculdade, você, outros angolanos, estudante de outros países da África, como é a relação sua com os outros? Cabo-verdianos, Guiné-Bissau, a sua relação com eles, como é?

Muniz: A minha relação com eles é maravilhosa, é ótima, porque além de serem meus conterrâneos do continente, eu falo mais com os países que falam português também, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, eu tenho pouco contato com os outros países, Nigéria, tem alguns que eu conheço aqui na PUC, mas tenho mais contato com estes, mas é muito íntimo eu acho.

Entrevistadora: É tranquilo?

Muniz: É tranquilo! A gente faz festa para encontrar todo mundo, tanto cabo-verdianos, angolanos e outros também.

Entrevistadora: E todos se falam bem e se integram?

Muniz: Sim, normal. Existe alguma desavença, mas isso é de pessoa para pessoa, mas no geral todo mundo lida assim normal.

Entrevistadora: E o que você pretende fazer depois desse curso. Qual o seu projeto de futuro?

Muniz: Depois desse curso, eu tenho perspectiva de continuar me formando. Fazer o mestrado pra frente; eu não queria parar agora, fazer a graduação e colocar uma pausa para ir trabalhar talvez, mas eu queria continuar.

Entrevistadora: Continuar aqui?

Muniz: Isso é o problema, porque dependendo do que virá no futuro, se eu continuar aqui no Brasil, ou em outro lugar, ou em Angola mesmo, mas meu pensamento é continuar a estudar, só que não sei aonde, se é em Angola ou aqui, ainda não sei, por enquanto. Falta um ano e meio para eu terminar, mas ainda eu não pensei onde eu vou continuar estudando. Mas no momento eu estou pensando em fazer a prova do mestrado aqui na PUC, para a USP ou qualquer faculdade que for possível; se não der, vou para Angola, continuo lá.

Entrevistadora: Geralmente os estudantes que saem de Angola vêm para o Brasil, estudam, se formam, eles voltam para lá, eles conseguem investir esse conhecimento no próprio país ou não?

Muniz: Nos últimos anos foi difícil, mas agora que o mercado de trabalho em Angola está crescendo muito, os melhores alunos que se formam aqui, voltam. A maioria que eu conheço, quase todos na PUC, na USP, em outros Estados, se formaram e voltaram. Alguns voltaram e continuaram trabalhando normal, outros continuaram estudando tranquilamente...

Entrevistadora: Então geralmente, pela sua experiência, voltam?

Muniz: Quase todo mundo volta. Antes, há uns cinco anos atrás não era tão bem assim. Era numa média de 30% voltavam e os outros ficavam procurando por aqui ou iam para outros lugares.

Entrevistadora: Por que você acha que mudou esse cenário?

Muniz: Devido à economia mesmo. Pelas políticas econômicas que mudaram muito. É uma das economias que crescem tanto na África, quanto no mundo, segundo os dados e tal, e o mercado de trabalho é mais diversificado, então pelo menos uma boa parte tem chance de praticar o seu conhecimento lá em Angola.

Entrevistadora: Muniz, o que marca sua experiência de migração? Se você pudesse me dizer uma coisa que marca, o que seria?

Muniz: Essa pergunta é...

Entrevistadora: Difícil?

Muniz: Não! É difícil em outro sentido, porque tem muita coisa, mas...

Entrevistadora: Pode falar, pode dar uma lista grande.

Muniz: O que marcou mesmo em primeiro lugar foram as pessoas diferentes em São Paulo, por mais que são diferentes em relação ao que eu pensava, mas são diferentes e isso me marcou muito, no bom sentido.

Entrevistadora: São pessoas diferentes...

Muniz: Nas atitudes, porque a gente esperava que todo mundo aja com todo mundo diferente, comportamentos globais, por exemplo, porque em Angola, as pessoas se comportam de maneiras diferentes, têm atitude diferente, conversam diferente. Aqui em São Paulo também, as pessoas se comportam diferente, tem conversas diferentes, age diferente...

Entrevistadora: Me fale uma diferença, um exemplo para eu entender melhor o que você está dizendo.

Muniz: Uma diferença que é factível... é que só consigo perceber isso, sentir, que há diferença, e que é boa, agora tentar explicar com palavras eu não sei, talvez agora eu não consiga achar.

Entrevistadora: Então essa diferença marca sua experiência de migração?

Muniz: Marca, a comida marca muito também.

Entrevistadora: A comida marca? O que você mais gosta aqui?

Muniz: De comida, eu gosto de feijoada.

Entrevistadora: Lá vocês gostam de feijoada?

Muniz: Tem, mas não é a mesma. O sabor não é o mesmo. Os ingredientes que são usados são... em geral, os básicos são os mesmos, mas outros assim para adoçar o gosto talvez seja diferente, mas existe...

Entrevistadora: Muniz, se você pudesse falar com as pessoas que promovem esse programa, ou tivesse chance de ampliar isso, como você faria?

Muniz: Eu partiria das condições básicas para se fazer esse tipo de trabalho, de programa; as condições básicas que eu poderia citar são as condições de casa, de questões monetárias fossem mais precisas, porque para mim, a gente recebe um auxílio do nosso instituto lá, mas não é constante; às vezes varia, três meses depois, quatro meses depois e isso gera um desequilíbrio, uma instabilidade, porque tudo aqui é caro; e apesar que a família também apoia; mas, quanto mais tiver apoio, melhor, porque o desempenho geral será melhor, porque o estudante estrangeiro aqui, com muita dificuldade dificulta muito a faculdade. Suponhamos, eu tive momento que eu não encontrava casa, e é difícil, porque “ah, você é estudante, estudante não pode, eles pagam menos!”, e isso dificulta, porque você ao mesmo tempo tem um monte de provas, mas tem que pensar que precisa resolver questão de casa agora, senão fica difícil...

Entrevistadora: Como que resolvendo essa questão ou melhorando essas necessidades básicas dos estudantes, que outro jeito você acha que...

Muniz: Talvez o Governo do país, ou o instituto que o estudante está saindo, conversasse com o país para o qual ele vá, tipo a gente está mandando os estudantes para lá e tem gasto nisso, e queremos que você nos apoiem nesse sentido, tem que dar uma parcela, sei lá, uma parceria internacional que pudesse fazer, porque se é difícil fazer essa ligação de Angola para cá, custear isso aí, mas eles podem muito bem dialogar com a instituição e eles, da instituição, podem resolver a questão deles.

Entrevistadora: Além disso, teria algum tipo de trabalho que vocês estrangeiros poderiam fazer na faculdade, por exemplo, melhor do que ninguém a gente fala do nosso país! O professor de história estudou, mas ele não viveu a cultura, ele não foi lá, da China a mesma coisa, qualquer país eu estou dizendo. Teria a possibilidade de haver algum programa assim que você pudessem ajudar o brasileiro a compreender melhor a cultura na África?

Muniz: Eu acho que há anos atrás havia esse tipo de coisa, mas agora...

Entrevistadora: Por que terminaram?

Muniz: A PUC terminou com isso e eu não sei o porquê. Porque todos os anos, no mês, do povo da África, 25 de maio, então havia uma semana inteira com um programa bom,

todos os estudantes africanos, eles faziam alguma coisa relacionada ao seu país, história, música, cultura, tudo em geral, e se fazia mesmo.

Entrevistadora: E acabou? Você participou de algum?

Muniz: Particpei de um só, porque eu cheguei em 2009 e daí eu particpei; foi o primeiro.

Entrevistadora: E como foi?

Muniz: Foi ótimo, pelo menos eu tive a possibilidade de tentar falar alguma coisa do meu país para muita gente, alunos, professores, professores de outras instituições também. Foi emocionante, isso foi uma parte histórica também, da cultura, trouxe... como é que chama... quadros, pinturas, desenhos, mostrando um pouquinho da parte artística do nosso país.

Entrevistadora: Por que acabou isso?

Muniz: Bom, não sei claramente, mas suponho que seja pela PUC terminar com esse programa com estudantes africanos, porque dizem que a PUC não vai mais, então isso eu imagino, mas eu não sei ao certo o porquê. Também a PUC não deixou claro por que cortou o programa...

Entrevistadora: Qual o impacto das diferenças e das semelhanças na tua vida e na vida da universidade quando você veio para cá? Qual o impacto dessas diferenças entre Brasil e Angola na tua vida?

Muniz: Acho que sempre é positivo, mas o impacto acho que teve que aprendi mais ainda; culturalmente aprendi muito; provavelmente desenvolveu uma parte minha de personalidade, porque eu tenho a minha personalidade, no entanto desenvolveu mais conversando com outras pessoas, outra cultura, numa universidade que tem muita gente diferente. Isso acabou desenvolvendo um Muniz mais evoluído, entre aspas; então é um impacto positivo, porque a pessoa cresce, tanto na personalidade e em outro também.

Entrevistadora: Muniz, tem alguma coisa que eu não te perguntei que você gostaria de me dizer, gostaria de destacar? Da tua experiência, da tua vida, o que você quiser...

Muniz: Quase em geral, tudo já foi dito, mas a única coisa difícil, na parte de dificuldades, é estar sozinho, num lugar, é difícil; mas você aprende muito, aprende como é viver em uma sociedade que você pode desenvolver facilmente, você pode ser criativo, você pode fazer qualquer coisa, é nesse sentido.

Entrevistadora: Então se fosse resumir essa experiência toda, como você resumiria em uma palavra, uma frase?

Muniz: Ótimo, tem que ter bis de novo, tem que repetir. Se for para quatro vezes, melhor para mim; eu volto quantas vezes puder, quantas vezes for, eu vou para dentro.

Entrevistadora: Que legal! Muniz, muito obrigado pela sua entrevista.

***Maria Felícia (36min18seg)***

Entrevistadora: É um trabalho de doutorado! Primeiro eu quero te agradecer por participar; é uma pesquisa que eu tenho então realizado na psicologia clínica aqui na PUC, o tema dele é “diálogos interculturais dentro de uma universidade brasileira” e a ideia é estudar como é a vinda e a vida dos estudantes do continente africano aqui na universidade. Então eu te agradeço por participar. Eu tenho algumas perguntas, mas fique à vontade para você dizer o que você achar importante, mesmo que eu não te pergunte, ‘tá bom? Então para começar eu queria saber um pouco o que te motivou para vir para o Brasil, como foi essa escolha?

Maria Felícia: O Brasil tem muita influência em Cabo Verde, não só em Cabo Verde, mas na África, a gente cresce vendo novelas brasileiras, programas brasileiros que passam em Cabo Verde, aí você já cresce com aquela imagem do Brasil, aqui você vai encontrar pessoas com aquela receptividade, pessoas alegres; nós imaginamos o mundo Brasil como o mundo que passa nas novelas. Aí, “Ah, eu quero estudar no Brasil! Meu sonho é estudar no Brasil!”. Aí, terminei o colégio e...

Entrevistadora: Muitas pessoas fazem esse caminho? De vir para o Brasil?

Maria Felícia: Nossa! O Brasil é... quando você fala do Brasil em Cabo Verde é aquela coisa: “Brasil!”...

Entrevistadora: Então qual é a imagem do país antes de vir?

Maria Felícia: Que é aquela alegria, pessoas simpáticas, samba, você anda na rua, todo mundo rindo, simpatia, futebol...

Entrevistadora: Só alegria!

Maria Felícia: Só alegria, só tinha coisas boas!

Entrevistadora: E como foi quando você resolveu, que caminhos você teve que percorrer para você vir para cá?

Maria Felícia: Não. É bem simples! O trânsito para o Brasil não exige muitas coisas.

Entrevistadora: Não tem um teste?

Maria Felícia: Não!

Entrevistadora: E para concorrer à bolsa, como é?

Maria Felícia: Você tem que ter nota durante o colegial, pega e, se você estiver na média estipulada por eles, você leva todos os documentos solicitados por eles, concorre, aí sai e...

Entrevistadora: E você chega aqui!

Maria Felícia: É! E dependente da sua nota, você vai estudar nas universidades daqui. Depende se você tiver boa nota, você vai para a USP... quando eles mandam o papel para aqui, a universidade vai falar se aceita ou não, dependendo da sua nota.

Entrevistadora: Entendi! E como foi lá na sua casa? Você é a primeira que faz esse caminho ou outros já fizeram?

Maria Felícia: Eu sou a primeira!

Entrevistadora: E como é para a tua família lá, dizer que você queria isso?

Maria Felícia: Não, porque é assim, todo mundo que termina o colegial quer estudar fora, todo mundo. Eu, antes de me candidatar para vir para o Brasil, achei vaga para ir para Portugal, só que eu queria porque queria vir para o Brasil, e a minha mãe mora nos Estados Unidos e ela queria que eu fosse estudar nos Estados Unidos, mas só que eu falei: “Ah, não, eu vou para o Brasil!”. Aí ela falou: “Você que sabe, tudo bem”...

Entrevistadora: Com quem então você morava em Cabo Verde?

Maria Felícia: Com a minha irmã! Eu com as minhas outras irmãs!

Entrevistadora: Quantas irmãs? Como é a composição da sua família?

Maria Felícia: Eu tenho quatro irmãs e dois irmãos!

Entrevistadora: Qual a idade, como eles chamam?

Maria Felícia: A mais velha mora nos EUA e tem 39 anos; a outra tem 38, 35, tem gêmeos e eu sou a caçula.

Entrevistadora: Então tem a mais velha nos EUA, que está com a tua mãe, como ela chama?

Maria Felícia: Ana.

Entrevistadora: Aí depois vem uma outra com 38, como chama?

Maria Felícia: Gabriela.

Entrevistadora: Depois?

Maria Felícia: Tem uma que chama Gingia e Cabral, são gêmeos de Gingia. Depois tem Neni, Olívia e eu.

Entrevistadora: Depois você? Você é a mais nova?

Maria Felícia: Sou a mais nova.

Entrevistadora: E você tem pai?

Maria Felícia: Meu pai morreu quando eu tinha oito anos.

Entrevistadora: E quem criou vocês?

Maria Felícia: A minha irmã, tipo, meu pai morreu, eu tinha oito anos, aí foi, a minha mãe dois anos depois foi para os EUA... na minha... depende de cada ilha... na minha ilha as pessoas imigram muito para os EUA, tem aquela ilusão! Você não encontra ninguém na

minha ilha que não tenha um familiar nos EUA, é muito raro quem não tenha.

Entrevistadora: E eles vão atrás do que?

Maria Felícia: Melhores condições de vida, trabalho... aí ela foi e eu fiquei com a minha irmã. A minha irmã que me criou, a Gabriela. Depois estudei dois anos na Ilha do Fogo, o colegial, depois fomos para Ilha de Santiago, Cidade da Praia, que é a capital, ela foi trabalhar e eu fui junto com ela, quando tinha quinze anos terminei o colegial até os dezessete anos e depois vim para o Brasil.

Entrevistadora: Quer dizer que os seus irmãos continuam lá; e como vocês se comunicam?

Maria Felícia: Telefone, internet...

Entrevistadora: À internet eles têm acesso, tudo? Os seus irmãos ou a sua mãe tinham curso universitário?

Maria Felícia: Não.

Entrevistadora: O seu pai tinha?

Maria Felícia: Não!

Entrevistadora: Os seus irmãos?

Maria Felícia: A Gabriela e a Olívia se formaram; a Gabriela fez pedagogia e a Olívia fez Sociologia.

Entrevistadora: Pelo que você está me contando, então, é um caminho diferente...

Maria Felícia: É! Cada um seguiu um caminho diferente.

Entrevistadora: E como foi o seu acolhimento aqui, quando você chegou aqui, como foi a receptividade?

Maria Felícia: Nossa, foi muito bom! Não foi aquela coisa que eu esperava; vim com uma expectativa a mais, acho que por essa coisa de você vir esperando, acho que acaba decepcionando, porque você coloca muita coisa em cima do que é o Brasil, o que você vai encontrar, como as pessoas vão te receber e você acaba se decepcionando porque não é assim. Não é aquele Brasil de novela que passa nas novelas, nos programas televisivos.

Entrevistadora: Como é esse Brasil que não é o televisivo?

Maria Felícia: O que eu notei é que as pessoas... é muito trabalho, é muito estresse, todo mundo está naquela correria. Na minha sala, por exemplo, eu vinha e não sei se o problema estava comigo, porque até chegar no Brasil eu era muito tímida, tanto é que eu fiquei parada um ano, antes de vir, porque eu não conseguia sair de dentro de casa, porque eu era muito tímida. Aí depois eu decidi, tenho que me libertar, vou fazer o meu curso. Quando cheguei aqui, ficava na sala, sentava sozinha, conversava com duas pessoas... tanto é que eu não tenho muitos amigos na minha sala, eu falo com dois deles, mas não tenho amigos...



Entrevistadora: Quem são seus amigos no Brasil?

Maria Felícia: Tamires e o André.

Entrevistadora: Eles são brasileiros?

Maria Felícia: São!

Entrevistadora: Mas são as pessoas com quem mais você fala ou você acaba falando mais com pessoas do continente africano?

Maria Felícia: Eu moro com outras cabo-verdianas. São seis na minha casa.

Entrevistadora: Seis meninas?

Maria Felícia: Seis meninas de Cabo Verde! Aí o André e a Tamires são amigos da faculdade, mas as meninas lá de casa são com quem eu convivo mais...

Entrevistadora: E elas também estão nas condições de estudantes aqui, em outras universidades?

Maria Felícia: É! Uma estuda na USP, uma estuda na Metodista, eu estudo na PUC...

Entrevistadora: Qual a dificuldade que você encontrou, ou que você encontra aqui?

Maria Felícia: Foi aquela coisa de você se virar sozinha! Não ter familiar por perto, você sabe que se tiver sete reais, aqueles sete reais você tem que fazer valer até o final do mês, para poder chegar; e você sabe que está sozinha aqui, tem que se virar muito para poder chegar...

Entrevistadora: É difícil?

Maria Felícia: É difícil.

Entrevistadora: Mas quem te ajuda? Tem alguém que você conte que te ajudam no momento de dificuldade aqui no Brasil?

Maria Felícia: As minhas amigas!

Entrevistadora: Suas amigas de Cabo Verde?

Maria Felícia: É, porque assim, quando eu cheguei aqui, eu não conhecia ninguém.

Entrevistadora: Como você chegou aqui? Você foi no aeroporto e aí?

Maria Felícia: Eu fui onde dá almoço, onde tem convênio... e uma moça que estudava aqui na PUC, que já foi embora, deixou o número dela.. porque a gente faz isso, quando vamos de férias para Cabo Verde, deixamos o número do nosso contato para quem vem a primeira vez; então se a gente estiver em Cabo Verde e nos ligarem, então a gente traz, ajuda a resolver todas as papeladas que tem que resolver. Então, ela estava em Cabo Verde, eu liguei para ela, aí ok, eu fui conhecer ela na casa dela, ela me trouxe e eu fiquei na casa dela e ela me ajudou tudo com a documentação, aí eu fiquei na casa dela até agora...

Entrevistadora: Então o quê você está me dizendo é que são as pessoas de Cabo Verde que te ajudam mais aqui no Brasil do que brasileiros?

Maria Felícia: Sempre! Porque a gente vê e sabe que nós somos de um país, a gente se identifica porque somos do mesmo país, temos a mesma cultura, a mesma língua e nós mantemos familiares e se as pessoas vindo, acabam criando um, assim, eu moro com as meninas, eu vejo elas como as minhas irmãs. Vamos de férias, ficamos juntas quando vamos para Cabo Verde, mantemos contato, eu vou na casa delas, já conheço a família delas, elas conhecem a minha família...

Entrevistadora: Então a rede de amigos que você tem aqui se fortifica, mas é mais uma rede cabo-verdiana?

Maria Felícia: É!

Entrevistadora: E como é a relação com os outros estudantes dos outros países da África?

Maria Felícia: Eu convivo muito com os angolanos, vou às festas angolanas, mas não tenho essa coisa de... eu acho que os cabo-verdianos são meio assim, isolados.

Entrevistadora: Por que você acha?

Maria Felícia: Tipo, eu convivo com os angolanos, muito. Vou às festas, tenho amigos angolanos, eles são muito legais. Mas tem aquela coisa de rivalidade...

Entrevistadora: Tem?

Maria Felícia: Pelo menos os cabo-verdianos e angolanos.

Entrevistadora: No que são rivais, me conta!

Maria Felícia: Os homens têm rivalidade com os homens e as mulheres têm rivalidades com as mulheres!

Entrevistadora: O que dizem os cabo-verdianos das pessoas angolanas?

Maria Felícia: Cabo-verdianos têm essa coisa de achar que não são africanos, sabe?

Entrevistadora: Que não são africanos?

Maria Felícia: Sim, acham que já são diferentes! E os angolanos acham que são superiores aos cabo-verdianos! Eu não sei se é bem isso; eu não consigo entender por que não tem essa convivência entre os dois. Isso não é só aqui no Brasil! Em Portugal também é assim, angolanos e cabo-verdianos não se misturam. Os que se misturam são poucos!

Entrevistadora: Mas se for falar dos cabo-verdianos em relação à Guiné-Bissau...

Maria Felícia: Se dão muito bem! Eu acho que veem Guiné-Bissau como irmãos, porque tiveram a mesma história, mesmos colonizadores...

Entrevistadora: Quem foram os colonizadores?

Maria Felícia: Portugueses! Teve uma mesma época de libertação, quem lutou pela

libertação da Guiné foi Amílcar Cabral, que foi cabo-verdiano, filho de cabo-verdiano, que lutou pela independência de Cabo-Verde e da Guiné, nossa independência foi em 75; então tem essa coisa que aproxima mais.

Entrevistadora: Em relação, por exemplo, à Nigéria, não tem rixa, briga?

Maria Felícia: Não tem rixa, mas também não convivem.

Entrevistadora: Em relação a Moçambique?

Maria Felícia: Não tem rixa; só tem rixa mesmo é com Angola.

Entrevistadora: E você acha que é por conta da história dos países?

Maria Felícia: Não, porque a história... em relação à Guiné, eu acho que é mais pela história, mas em relação a Angola, tem essa disputa, sabe? Não é a história, não pelo país em si, mas o povo, essa coisa de “eu sou mais do que você!” “não, eu que sou!”...

Entrevistadora: Então os cabo-verdianos acham que são mais do que Angola e...

Maria Felícia: Não! O que acontece, tipo... os angolanos falam que as mulheres de Cabo Verde são mais lindas...

Entrevistadora: Ah, agora estou entendendo! Tem uma questão aí de homem e mulher...

Maria Felícia: Falam que quando as cabo-verdianas vão nas festas, se destacam mais, e as mulheres angolanas não gostam de cabo-verdianas. Onde eu moro, as meninas, somos as únicas que vamos nas festas angolanas...

Entrevistadora: Porque senão não tem nem entrada, não pode entrar nas festas angolanas?

Maria Felícia: Podem! Não impedem!

Entrevistadora: Mas as mulheres angolanas vão ficar com ciúmes!

Maria Felícia: Elas não falam conosco! Você vai numa festa angolana, encontra cabo-verdianas de um lado e angolanas de outro, não se misturam!

Entrevistadora: É mesmo? Que interessante! Vai ter alguma festa por estes dias para eu poder ir? (risos)

Maria Felícia: Vai ter uma sábado, mas você não vai encontrar cabo-verdianos, só a gente que vai, só eu e as meninas lá em casa.

Entrevistadora: Que vocês é que vão para as festas?

Maria Felícia: Só nós! Eu também quando cheguei aqui tinha essa coisa com angolano, mas depois eu fui convivendo mais, as meninas convivem mais com angolanos, aí eu fui fazendo amizade, mas os outros... você não vê cabo-verdianos em festa de angolanos.

Entrevistadora: Então é bem saltado.

Maria Felícia: Mas angolanos, quando tem festas cabo-verdianas, vão!

Entrevistadora: Vão? Eu ia te perguntar isso, e aí?

Maria Felícia: Vão, conversam, são mais simpáticos, mas os homens falam “hum, são angolanos!”... tem essa rivalidade...

Entrevistadora: Existem namorados angolanos e cabo-verdianos? Se namoram?

Maria Felícia: Muito! Tem essa coisa, eles gostam de mulheres cabo-verdianas e as angolanas não gostam de mulheres cabo-verdianas por causa disso!

Entrevistadora: E as mulheres cabo-verdianas gostam dos rapazes angolanos?

Maria Felícia: Não muito!

Entrevistadora: Você tem namorado aqui?

Maria Felícia: Não!

Entrevistadora: Já namorou esse tempo, aqui no Brasil?

Maria Felícia: Não!

Entrevistadora: Como é Maria Felícia, você sente em algum momento preconceito?

Maria Felícia: Não, nunca senti!

Entrevistadora: Nunca sentiu? Preconceito na universidade, por pessoas diferentes, brasileiros ou estrangeiros, enfim...

Maria Felícia: Não! Tipo, em relação a outros estudantes, por exemplo, os EUA, sempre tem aquela coisa, “ah, os EUA, o pessoal é dos EUA e não sei o que!”. Chama mais a atenção. Não sei se por eu ser, tipo, eu fico quieta, chego na sala e fico sentada sem falar nada e fico quieta, acho que por causa disso, mas sempre tem essas coisas. Até teve uma última vez que a pessoa chegou e falou assim: tem alunos de EUA, tinha francês e tinha argentino, aí a professora falou: vocês podem fazer a prova na língua que vocês se sentirem melhor: inglês, francês ou espanhol, porque daí vocês vão escrever melhor. Aí eu pensei, mas não falei pra ela, eu poderia fazer também em crioulo, eu também sou estrangeira! Mas acho que é porque são intercambistas e eu vim fazer quatro anos e não me veem como intercambista, mas como uma pessoa... eu vim para fazer o curso e não sou mais...

Entrevistadora: As regras são diferentes!

Maria Felícia: São diferentes!

Entrevistadora: essas regras, de alguma maneira, pode-se dizer que elas são preconceituosas?

Maria Felícia: Acho que não! Eu sempre falo que você sente preconceito se você se sentir mal, e se o preconceito começa a te afetar, e eu não sinto isso...

Entrevistadora: Eu escutei falar, principalmente dos rapazes que eu entrevistei, que às vezes tem batida policial, eles são parados, até por serem negros, isso acontece muito no

Brasil, você por ser uma mulher negra no Brasil, isso de alguma forma, trouxe algo dessas coisas para você?

Maria Felícia: Não!

Entrevistadora: Você nunca foi parada por policiais, coisas assim?

Maria Felícia: Nunca! Eu até, isso que eu falo, pode ser até que eu já tenha sofrido isso, mas eu não senti isso. Você tem que... como eu falo, se sentir o preconceito, você tem que... se eu sentir inferior, se eu ficar com medo do que eles estão pensando... eu me acho igual a todo mundo, isso não afeta, mesmo se isso acontecer perto de mim, eu não... não sei, acho que não tem...

Entrevistadora: Você falou da sua língua, o crioulo, quantas línguas existem em Cabo Verde?

Maria Felícia: Duas, o crioulo, que a gente usa no cotidiano, no dia a dia, e o português, que se usa mais na escola, nas comunicações...

Entrevistadora: Vocês são alfabetizados nas duas, ou não?

Maria Felícia: Não! Só em português. Cabo Verde são três ilhas, cada ilha fala com um sotaque diferente...

Entrevistadora: Um dialeto?

Maria Felícia: Um dialeto! Só que tipo, por exemplo, na minha casa, cada uma é de uma ilha...

Entrevistadora: Nossa, que diversidade cultural!

Maria Felícia: É! Quando a gente chegou, tinha coisas que na minha ilha significava uma coisa e em outra ilha significava outra coisa. Aí a gente meio que não entendia muito bem... entende porque é a mesma língua, mas com certa dificuldade.

Entrevistadora: Me fala uma coisa em crioulo! O que você quiser!

Maria Felícia: Vou falar “Oi, tudo bem?”: Oi, tudo detro?

Entrevistadora: Nossa, difícil a língua...

Maria Felícia: Não! Em relação ao português... como os portugueses diziam... é um português mau falado... é tipo, você mistura o português, com o dialeto...

Entrevistadora: Por exemplo, “Mulher”...

Maria Felícia: É mulher! Tipo, na minha ilha fala “Muchér”, mas tem outra ilha que fala “Mulher” simplesmente, depende da ilha.

Entrevistadora: Como chama a sua ilha?

Maria Felícia: Ilha do Fogo! Tem um vulcão lá!

Entrevistadora: É muito bonita?

Maria Felícia: Muito bonita!

Entrevistadora: Você tem fotografias de lá?

Maria Felícia: Tenho...

Entrevistadora: Do que você tem mais saudades, quando você pensa na tua terra?

Maria Felícia: Tudo... Minha família

Entrevistadora: O que da tua família?

Maria Felícia: Meu sobrinho!

Entrevistadora: Quantos anos ele tem?

Maria Felícia: Seis anos, porque quando eu saí para estudar, eu deixei ele com dois anos! Aí eu que cuidei dele, porque a mãe dele trabalha, eu tomava conta...

Entrevistadora: Todos os irmãos moram na mesma casa ou perto?

Maria Felícia: As minhas duas irmãs moram na Cidade da Praia, que é a capital; e tem a Gingia, o Nê e o Cabral que moram na Ilha do Fogo!

Entrevistadora: E me fala quais as diferenças que você percebe entre Cabo Verde, a Ilha do Fogo onde você mora, e Brasil, São Paulo?

Maria Felícia: A Ilha do Fogo é muito pequena, todo mundo conhece todo mundo. Tem aquela coisa do vizinho ajudar, eu conheço você, está faltando açúcar eu vou na sua casa e peço... é aquela coisa de vizinho, todo mundo se dá muito bem. E São Paulo é a cidade grande, você vem e tipo, você vê uma pessoa e não vê ela nunca mais, no ônibus, por exemplo! E tem aquela coisa das pessoas serem muito dispersas, cada uma tem a sua vida, correria; na Ilha do Fogo não, é bem tranquilo...

Entrevistadora: Na Ilha do Fogo você é conhecida por Maria Felícia...

Maria Felícia: Não! Beth.

Entrevistadora: Beth? Por que Beth?

Maria Felícia: Porque... eu odeio meu nome...

Entrevistadora: Qual é o seu nome?

Maria Felícia: Umbertinha! Que vem de Umberto, que é o meu pai. Daí as minhas amigas me chamavam de Beth, mas na Cidade da Praia todo mundo me chama de Felícia.

Entrevistadora: Por que Felícia? Você escolheu?

Maria Felícia: Não, é que lá tem dois nomes, tem o seu nome e a alcunha, que as pessoas te dão no cotidiano, no dia a dia. Esse é o nome de escola, para quem estuda com você

sabe o seu nome “Maria Felícia”, mas assim, na rua ninguém sabe que você chama Maria Felícia, esse é o nome de documento, mas...

Entrevistadora: Espera que acho que me confundi! O nome de documento qual é?

Maria Felícia: Maria Felícia! O nome pelos quais todos os amigos me chamam, que eu sou conhecida é Umbertinha, Beth! Mas na Cidade da Praia, todo mundo me conhece por Felícia.

Entrevistadora: E você gosta de Felícia?

Maria Felícia: Gosto! Bem mais que Umbertinha!

Entrevistadora: Eu acho muito bonito “Maria Felícia”! Mas gosto de “Beth”!

Maria Felícia: De Maria eu não gosto!

Entrevistadora: Gosta de Felícia? Então, Felícia, me fala uma coisa, que mudanças essa experiência de viver no Brasil trouxe para sua vida?

Maria Felícia: Muitas! Aprendi a ser uma pessoa mais independente! Aprendi a focar mais nos meus objetivos, se é isso que eu quero eu vou atrás até conseguir, eu aprendi a me virar sozinha, porque tudo era a minha irmã que fazia por mim. Quando eu cheguei aqui... você vê o mundo com outros olhos, não com aquele inocente, perde a sua inocência, porque Cabo Verde é um país onde tudo é assim... você não vê muita dificuldade, é como se você consegue enxergar o mundo como ele é, porque você está num lugar em que você pensa que tudo é bonito, que não tem conflito, você não vê, por exemplo, pessoas na rua passando fome. Então você pensa que o mundo é assim e quando você vem aqui você vê que o mundo não é assim!

Entrevistadora: E essa possibilidade de ver o mundo de outras formas fez o que com você?

Maria Felícia: Fez eu querer mudar o mundo... querer ir para o mundo, agora que eu saí de Cabo Verde, eu quero ir para o mundo. Tipo como se você está numa nave e começa a se soltar, eu conheci o mundo, agora quero explorar mais esse mundo, dá mais vontade de ir além.

Entrevistadora: Que legal! Como é que você pensa... porque você termina agora no final do ano! Qual é o seu projeto de futuro, o que você pensa em fazer?

Maria Felícia: Eu vou para os EUA, porque a minha mãe mora nos EUA e já tem documentos americanos, a cidadania, tanto é que meus irmãos foram morar nos EUA. Aí eu já fui e pretendo fazer alguma coisa; terminar aqui e depois ir para os EUA.

Entrevistadora: A sua mãe mora onde nos EUA?

Maria Felícia: Boston!

Entrevistadora: E é casada com americano?

Maria Felícia: Não! É solteira!

Entrevistadora: O que ela faz lá?

Maria Felícia: Trabalha em uma fábrica!

Entrevistadora: E sua irmã?

Maria Felícia: Também!

Entrevistadora: E você está fazendo que curso aqui?

Maria Felícia: Relações Internacionais!

Entrevistadora: Você acha que teria campo para você fazer alguma coisa por lá?

Maria Felícia: Eu acho que sim!

Entrevistadora: É a tua vontade! As pessoas que vêm de Cabo Verde para cá, saem para o mundo ou voltam para Cabo Verde?

Maria Felícia: Voltam para Cabo Verde. Tem os que ficam aqui e fazem coisas, mas sempre acabam voltando!

Entrevistadora: Para a própria cidade?

Maria Felícia: É! É que em Cabo Verde não dá vontade de sair, porque lá você tem tudo!

Entrevistadora: Me fala uma comida típica de Cabo Verde?

Maria Felícia: Caxuko! É tipo feijoada, mas em vez de levar feijão, você coloca milho. Aí você coloca carne...

Entrevistadora: E do que vivem as pessoas de Cabo Verde?

Maria Felícia: Da agricultura, da pesca, como é ilha, tem muita pesca!

Entrevistadora: A Ilha do Fogo deve ser um lugar lindo, onde você...

Maria Felícia: Muito!

Entrevistadora: Praia?

Maria Felícia: Praia, sol... tem tudo, tem vulcão, pode subir o vulcão!

Entrevistadora: Felícia, tem alguma coisa que eu não te perguntei e você gostaria de me dizer... eu já pensei em alguma coisa... o que mais tem marcado a sua experiência de imigração? Se você contar para alguém, em uma frase ou uma palavra, o que você diria sobre essa experiência, como você resumiria em uma frase?

Maria Felícia: Sensacional! Uma experiência de vida. Eu acho que todo mundo deveria ter essa experiência, essa oportunidade, eu acho que todo mundo deveria fazer, porque quando voltamos, as pessoas.... porque você diz “ah, eu fui estudar no Brasil!”, nossa as pessoas dizem “ah, foi estudar no Brasil”, mas aqui tem boas universidades para você estudar aqui. Certo, mas você estudando lá, você está perto da sua família, já aqui tem



coisas que você vê, que se estivesse lá, talvez você não conseguiria ver. Estuda coisas... a universidade é muito mais avançada que a de Cabo Verde. Não tem como, é muito mais!

Entrevistadora: Isso é uma das diferenças que você vê de Cabo Verde para o Brasil?

Maria Felícia: Quando chegamos aqui, deparamos com muita dificuldade, principalmente nós estudantes, na hora de estudar, tipo, fazer um texto. Aqui tem muito mais facilidade de ler o texto que na... principalmente aqui na PUC, porque eu faço aqui e estudo com alunos que vieram de escola privada, fizeram inglês, espanhol, e passam o texto em inglês, espanhol na sala e tem mais facilidade...

Entrevistadora: E aí, como é isso?

Maria Felícia: Eu me viro, tenho que me virar.

Entrevistadora: E eles ajudam?

Maria Felícia: Não!

Entrevistadora: Alguém ajuda os alunos, tipo os professores?

Maria Felícia: Não! Eu faço os meus resumos, eu vejo da internet o que der... me viro.

Entrevistadora: Como é a relação com os professores?

Maria Felícia: Eu não tenho nenhuma relação com os professores. Eu não sei, eu, falando de mim, eu vejo... em Cabo Verde o professor é um soberano, sabe? O professor que está no topo e você tem que obedecer o professor... é aquela coisa: ele é o professor. Então eu criei aquela coisa, o professor é...

Entrevistadora: Hierarquicamente está acima!

Maria Felícia: Isso! Então eu não tento muito me relacionar dos professores!

Entrevistadora: E eles não tentam se aproximar de você?

Maria Felícia: Tentam! Falam, conversam, mas eu não... fico na minha... não sou de...

Entrevistadora: Felícia, que mais? Tem alguma coisa que você queira falar? De Cabo Verde, da sua relação com a universidade?

Maria Felícia: Eu gosto muito daqui!

Entrevistadora: Gosta daqui! Que bom!

Maria Felícia: Eu acho interessante quando a gente vem para cá e começa a ver essa rivalidade dentre as universidades, e a gente toma isso como se fosse... tipo lá em casa, eu chego e falo “a PUC não sei o que” aí a outra que estuda na USP fala que a USP é melhor...tipo, você acaba tomando aquela universidade como se fosse sua, defende ela. Quando vai para Cabo Verde, fala “eu faço a PUC” e a outra... mesmo em Cabo Verde, porque a USP é melhor e não sei o que...

Entrevistadora: Vira quase que uma identidade até! Que legal isso, faz a diferença até!

Maria Felícia: Faz, faz muito!

Entrevistadora: Bom, eu queria muito te agradecer Felícia, acho que as informações que você está passando são muito importantes! Eu estou no processo agora de colher todo esse material, fazer a análise e depois eu quero muito passar isso para você, tá bom?

Maria Felícia: Ok! Eu espero!

# ANEXO V

## SELEÇÃO DAS FALAS DOS JOVENS PARA CATEGORIZAR

### I ANÁLISE CONCEITO DE FAMÍLIA MINHA REDE NA ÁFRICA DE ONDE VENHO? FAMÍLIA / COMUNIDADE: NOVOS ARRANJOS

#### MARIA FELÍCIA

Pai falece quando tinha 8 anos, mãe se muda para os EUA. Criada pela irmã mais velha. Ana, 39 anos, Gabriela 38 anos, pedagoga, Gingia, Cabral, Neni, Olivia, socióloga e Maria Felícia.

#### MUNIZ

Pai se chama Fernando Caballo, se formou em Cuba, nas Forças Militares. A mãe se chama Maria Eva, é educadora, se formou em Portugal.

Três irmãos por parte de pai e três irmãos por parte de mãe, um único irmão biológico que se chama Delfim, 20 anos.

Muniz: Meus pais mesmo, nós somos... tenho um irmão biológico menor, mas tenho irmãos por parte de pai e de mãe; três irmãos por parte de pai, e três irmãos por parte da mãe, mas eu só soube que são meus irmãos, meio irmãos, só depois de dezoito anos, a gente morou junto mas nunca conseguiram dizer que eram meus irmãos, só depois.

Entrevistadora: Você imaginava que eram seus irmãos?

Muniz: Sim, mas só com dezoito anos, dezessete anos que... mas ninguém falou para nós que éramos meio irmãos, por acaso eu peguei um bilhete deles aí vi que era meus irmãos.

Entrevistadora: A sua mãe teve outro relacionamento antes e seu pai também...

Muniz: Isso, e aí se juntaram.

#### JUCA

Juca: Deixei pai, mãe, irmão, tios.

Entrevistadora: Você morava lá com eles? Como era a sua vida lá?

Juca: Era muito diferente daqui, porque querendo ou não, você estando... porque o conceito de família nós em África é diferente do conceito de família no Brasil.

Entrevistadora: Qual é o conceito de família aqui?

Juca: O que eu vejo aqui no Brasil e que a questão da família aqui é pai, mãe e filho. Para

nós não, família é tio, irmão do pai, entendeu, família é muito grande.

Entrevistadora: Famílias extensas, todos morando na mesma casa?

Juca: Toda casa em África você vai encontrar um sobrinho do pai que mora convosco, porque às vezes o pai dele não tinha condições de educá-lo, o pai pega e põe junto com os filhos.

Entrevistadora: E na tua família como era?

Juca: Do mesmo jeito. Morava o pai, mãe, temos três sobrinhos em casa, sobrinhos do sobrinho do meu pai e uma sobrinha da irmã da minha mãe. Ela mora conosco.

Entrevistadora: Irmãos?

Juca: Todos irmãos, a partir do momento que moram juntos não são primos, são irmãos.

Entrevistadora: Interessante! E você tem, além dos sobrinhos que se tornaram irmãos, irmãos?

Juca: Tenho

Entrevistadora: Quantos irmãos?

Juca: Sou de uma família de sete irmãos, quatro meninas, três rapazes.

Entrevistadora: Em que lugar você está?

Juca: Segundo.

Entrevistadora: Segundo mais velho?

Juca: Isso! Tem a menina, depois sou eu, mais meninas e os últimos dois são rapazes.

Entrevistadora: O que eles fazem lá, seus irmãos, seus pais?

Juca: Meu pai trabalha, é funcionário público, minha mãe é professora, as minhas irmãs, uma esteve em Cuba e já voltou.

Entrevistadora: Estudou em Cuba?

Juca: Isso, fez biologia e as outras duas estão na Romênia.

## LORIVAL

Pai, Rui, desempregado. A mãe se chama Paulina e é enfermeira de um hospital público. Tem uma irmã mais velha, Rose, que faz enfermagem, depois vem o Lorival, e o menor, Caires.

Lorival: Lá família é muito grande! Onde eu moro, eu moro com os meus pais, também moro com os meus primos, tias, primos segundo grau, terceiro, essas coisas.

Entrevistadora: Moram todos juntos?

Lorival: Todos juntos! Tem duas casas. A casa do meu pai e a casa do meu avô. Tem uma média de 40, 50 pessoas.

Entrevistadora: E a família é considerada todo mundo!

Lorival: Todo mundo! Naquelas duas casas todo mundo é família!

Entrevistadora: Se um passa necessidade... como é?

Lorival: O outro ajuda! Primeiramente, quando o meu avô estava vivi, nós fazíamos só uma comida para todo o pessoal. Fazia pequeno almoço para todo mundo. Almoço, jantar para todos. Todos comiam juntos!

## GLÓRIA

Pai se chama Femi e é engenheiro / comerciante de petróleo, a mãe se chama Bola, é formada em história e vende roupas. Os irmãos são a Débora, 26 anos, estuda em uma universidade em uma cidade próxima, depois vem Glória, com 24 anos, o Adê, com 20

anos, e o Na, com 18 anos.

Glória: O conceito de família lá é algo que a gente tem próprio, tipo, a gente sente... família é tudo!

Entrevistadora: Tudo! E é considerado família quem mora na mesma casa, ou é considerado família todos, como é?

Glória: É considerado família, por exemplo, quem tem sangue igual. Tipo seu tio, irmão.. é família. E a gente leva a sério, por exemplo, alguém morreu, tio, irmão, todos têm responsabilidade de cuidar dos filhos.

Entrevistadora: Sua mãe e seu pai cuidam de pessoas?

Glória: Sim!

Entrevistadora: De primos?

Glória: Isso! E até se o tio está vivo e não tem condições, a gente acha que o outro que tem condições leva conta de tudo

Entrevistadora: E você chama de primos ou de irmãos?

Glória: Primos!

Entrevistadora: E é diferente aqui no Brasil?

Glória: É!

Entrevistadora: O que você viu de diferença?

Glória: Aqui no Brasil é tudo por si mesmo. Tem aquela família nuclear e o filho quando sai de casa com dezoito anos está por si, até quando... não voltar mais...mas lá, se alguém, por exemplo, conseguir virar rico, por exemplo, eu acabei aqui, eu tenho grana, condições mesmo, eu tenho que cuidar de todos os que restam, levar...tipo, você tem que estudar, dar a grana...

## ANTÔNIA

Pai faleceu quando tinha 1 ano e 11 meses. A mãe se chama Inês, tem 54 anos e é feirante, vende legumes na feira. Os irmãos são o Cupertino, a Erólia, que estuda enfermagem, a Janete e o Júlio. Antônia vem depois de Erólia.

Antônia: Meu pai faleceu quando eu tinha um ano e onze meses, eu morava só com a minha mãe mesmo, com meus irmãos e meus tios.

Antônia: O meu irmão mais velho é casado já e mora em outro lugar com sua mulher que trabalha também...

Entrevistadora: Trabalha no quê?

Antônia: Trabalha numa empresa, que é de rede telefônica. E a minha mãe é feirante.

Entrevistadora: O que ela vende na feira?

Antônia: Legumes.

Entrevistadora: Você chegava a ajudar ela? Ela já era feirante antes? Ajudou muito?

Antônia: Ajudava muito e com esse dinheiro, graças a Deus, que eu estou aqui, que eu comprei passagem...

**II ANÁLISE**  
**ONDE ESTOU?**  
**COM QUEM CONTO HOJE?**  
**DE QUEM ME LEMBRAREI?**

MARIA FELÍCIA

Entrevistadora: Quem são seus amigos no Brasil?

Maria Felícia: Tamires e o André.

Maria Felícia: Eu moro com outras cabo-verdianas. São seis na minha casa.

Entrevistadora: Seis meninas?

Maria Felícia: Seios meninas de Cabo-Verde! Aí o André e a Tamires são amigos da faculdade, mas as meninas lá de casa são com quem eu convivo mais...

Entrevistadora: E elas também estão nas condições de estudantes aqui, em outras universidades?

Maria Felícia: É! Uma estuda na USP, uma estuda na Metodista, eu estudo na PUC...

Maria Felícia: Eu fui onde dá almoço, onde tem convênio... e uma moça que estudava aqui na PUC, que já foi embora, deixou o número dela.. porque a gente faz isso, quando vamos de férias para Cabo Verde, deixamos o número do nosso contato para quem vem na primeira vez; então se a gente estiver em Cabo Verde e nos ligarem, então a gente traz, ajuda a resolver todas as papeladas que tem que resolver. Então, ela estava em Cabo Verde, eu liguei para ela, aí ok, eu fui conhecer ela na casa dela, ela me trouxe e eu fiquei na casa dela e ela me ajudou tudo com a documentação, aí eu fiquei na casa dela até agora...

Entrevistadora: Então o quê você está me dizendo é que são as pessoas de Cabo-Verde que te ajudam mais aqui no Brasil do que brasileiros?

Maria Felícia: Sempre! Porque a gente vê e sabe que nós somos de um país, a gente se identifica porque somos do mesmo país, temos a mesma cultura, a mesma língua e nós mantemos familiares e se as pessoas vindo, acaba criando um, assim, eu moro com as meninas, eu vejo elas como as minhas irmãs. Vamos de férias, ficamos juntas quando vamos para Cabo-Verde, mantemos contato, eu vou na casa delas, já conheço a família delas, elas conhecem a minha família...

Entrevistadora: Então a rede de amigos que você tem aqui se fortifica, mas é mais uma rede cabo-verdiana?

Maria Felícia: É!

Entrevistadora: E como é a relação com os outros estudantes dos outros países da África?

Maria Felícia: Eu convivo muito com os angolanos, vou às festas angolanas, mas não tenho essa coisa de... eu acho que os cabo-verdianos são meio assim, isolados.

Maria Felícia: Cabo-verdianos têm essa coisa de achar que não são africanos, sabe?

Entrevistadora: Que não são africanos?

Maria Felícia: Sim, acham que já são diferentes! E os angolanos acham que são superiores aos cabo-verdianos! Eu não sei se é bem isso; eu não consigo entender por que não tem essa convivência entre os dois. Isso não é só aqui no Brasil! Em Portugal também é assim, angolanos e cabo-verdianos não se misturam. Os que se misturam são poucos!

Entrevistadora: Mas se for falar dos cabo-verdianos em relação à Guiné-Bissau...

Maria Felícia: Se dão muito bem! Eu acho que vêem Guiné-Bissau como irmãos, porque tiveram a mesma história, mesmo colonizadores...

Entrevistadora: Quem foram os colonizadores?

Maria Felícia: Portugueses! Teve uma mesma época de libertação, quem lutou pela

libertação da Guiné foi Almícar Cabral, que foi cabo-verdiana, filho de cabo-verdiano, que lutou pela independência de Cabo-Verde e da Guiné, nossa independência foi em 75; então tem essa coisa que aproxima mais.

## MUNIZ

Muniz: Os meus amigos angolanos, alguns colegas na sala; na verdade, eu lido com várias pessoas no dia a dia e com outras que eu conheço de outros lugares, mas eu sou meio aberto, tento ser aberto o possível, porque é minha característica, eu acho que é mesmo. Então isso me propõe a possibilidade de conhecer mais gente, tanto da faculdade, quanto de outros lugares, então eu lido com quase todo mundo, mas quem dá mais apoio são os que moram comigo, os colegas da sala, mas eu lido mais com os angolanos que estão perto de mim, porque eles estão sempre em casa, a recordação com eles, um pouquinho da língua.

Muniz: A minha relação com eles é maravilhosa, é ótima, porque além de serem meus conterrâneos do continente, eu falo mais com os países que falam português também, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, eu tenho pouco contato com os outros países, Nigéria, tem alguns que eu conheço aqui na PUC, mas tenho mais contato com estes, mas é muito íntimo eu acho.

Entrevistadora: É tranquilo?

Muniz: É tranquilo! A gente faz festa para encontrar todo mundo, tanto cabo-verdianos, angolanos e outros também.

Entrevistadora: E todos se falam bem e se integram?

Muniz: Sim, normal. Existe alguma desavença, mas isso é de pessoa para pessoa, mas no geral todo mundo lida assim normal.

## JUCA

Entrevistadora: Então tem professores que te acolheram?

Juca: Bastante. No curso de psicologia, principalmente a Mônica, uma professora que eu tenho, e a professora Flávia, adoro bastante....

Juca: A rede social é ótima, tenho vários amigos, tanto africanos quanto brasileiros, 'tá ótima.

Entrevistadora: Você mora com quem?

Juca: Moro com dois brasileiros e um africano.

Entrevistadora: Africano de onde?

Juca: De Angola.

Entrevistadora: E os brasileiros são de onde?

Juca: Um é de Minas e o outro é de Goiânia.

## LORIVAL

Entrevistadora: Quem estava com você?

Lorival: Eu estava com o meu tio! Ele estava no Rio de Janeiro, mas ele saiu e veio me pegar em São Paulo!

Entrevistadora: Ele é irmão...

Lorival: Irmão da minha mãe!

Entrevistadora: Como ele chama?  
Lorival: Anselmo!  
Entrevistadora: E ele veio para te receber! Alguém mais?  
Lorival: O namorado da minha tia também!  
Entrevistadora: Que mora lá?  
Lorival: Mora em São Paulo! A minha tia mora lá, mas ele estava aqui em São Paulo! Se formou o ano passado e voltou! Aí eles me buscaram!  
Entrevistadora: E como foi? Você já tinha lugar para ficar? Já tinha alugado?  
Lorival: Não, primeiramente eu fui com o namorado da minha tia para uma casa de estudantes. Ele morava numa casa do pessoal de Direito da USP, aqui na vila São Juca. Eu fiquei lá por três semanas. Depois, tinha também os meninos que estudavam aqui na PUC e eu fui morar com eles!  
Entrevistadora: E hoje você mora com quem?  
Lorival: Eu moro com ele!  
Entrevistadora: Com uma pessoa só?  
Lorival: Não! Nós estamos em quatro agora!  
Entrevistadora: E são de onde esses rapazes?  
Lorival: Todos da Guiné-Bissau!

## GLÓRIA

Glória: Eu acho que eu tenho amigos aqui porque eu tive um desempenho legal no primeiro ano!  
Entrevistadora: Você tem amigos brasileiros?  
Glória: Bastante!  
Entrevistadora: Na sala? Como eles te tratam hoje?  
Glória: Eles não me tratam... bom! Eles já se ajustaram ao fato de que somos estrangeiros! E esquecem as vezes que eu não sou daqui! Às vezes falam “ah, você não é daqui mesmo né!” Eu acho legal!  
Glória: Os professores não sabem que eu não sou daqui! Isso é o fato de que tem os negros também daqui. Então, quando chega, depois de entregar a prova, eu conversando com o professor, eles percebem “você não é daqui, mas você fala inglês!”... um monte de professores já me ofereceram para fazer prova em inglês, mas eu não faço, porque eu acho que se eu fizesse em inglês e tirasse nota alta, as pessoas poderiam dizer “é porque escreveu em inglês!”  
Glória: Graças ao YouTube... eu moro sozinha, mas eu moro com um monte de pessoa... tipo... da Colômbia, do Chile, é uma república, mas tem brasileiros...  
Entrevistadora: Quantas pessoas moram no mesmo lugar?  
Glória: 18, 20! Uma grande casa, mas cada um com seu quarto!  
Entrevistadora: Onde fica?  
Glória: No Butantã!  
Entrevistadora: Quem administra, quem cuida?  
Glória: O dono da casa! E tem uma empregada lá para limpar...  
Entrevistadora: E é legal? Como é?  
Glória: É legal, porque você mora com meio mundo, e tipo os colombianos chegaram aqui sem falar nada em português, então é engraçado!  
Entrevistadora: E chegam a fazer programa juntos nos finais de semana?  
Glória: Fazem festas...



## ANTÔNIA

Antônia: Quando eu cheguei aqui, antes de vir para cá, tem uma menina que está fazendo, mas ela está fazendo na UNIP por conta própria, ela é minha vizinha lá no meu país. Quando eu vim pra cá, eu liguei pra ela; ela que me pegou no aeroporto e eu fui morara com ela na mesma casa. E assim, antes de eu vir para cá, eu tenho meu tio que assinou meu termo de responsabilidade que quando eu estou aqui ele vai me bancar a minha estadia aqui; quando eu cheguei aqui, eu fiz seis meses e ele ta desempregado, eu 'tô sem renda, sem nada mesmo, e tem uma bolsa que o governo daqui disponibiliza para o aluno africano, que é salário mínimo. Como eu chegava no primeiro semestre, as pessoas já concorriam, eu não tinha como me candidatar. Eu fiquei naquela situação e as meninas estão me ajudando onde que eu estou; estão me apoiando, porque eu não tenho nada.

Antônia: Eu fiquei com aquelas meninas e elas estavam pagando tudo pra mim e no semestre seguinte eu consegui aquela bolsa para a moradia, 500 reais por mês e é esses 500 reais que eu estou vivendo aqui no Brasil e com a ajuda de algumas meninas do serviço social que estão me ajudando.

Entrevistadora: Então aqui, quem ocupa esse lugar de te dar colo, quem te escuta é quem?

Antônia: São as meninas com quem eu moro e as meninas da minha classe.

Entrevistadora: Essas meninas com as quais você mora, elas são da África ou não?

Antônia: São.

Entrevistadora: E as meninas da psicopedagogia fazem isso gratuitamente, te ajudam para que você melhore a escrita?

Antônia: Isso, e foi a Mônica que me chamou para esse núcleo, e eu compareceu e qualquer dificuldade que a gente tem, a gente expõe e eles dão lição que nem lição de casa para fazer lá em casa e depois trazer na semana, para eles verem onde que eu erro mesmo, onde eu tenho dificuldade.

### III ANÁLISE

#### VISÃO/BRASIL

#### A DIVERSIDADE NO JEITO DE SE VER O BRASIL O BRASIL NOTICIADO E O BRASIL EXPERIMENTADO

## MARIA FELÍCIA

Maria Felícia: O Brasil tem muita influência em Cabo Verde, não só em Cabo Verde, mas na África, a gente cresce vendo novelas brasileiras, programas brasileiros que passam em Cabo Verde, aí você já cresce com aquela imagem do Brasil, aqui você vai encontrar pessoas com aquela receptividade, pessoas alegres; nós imaginamos o mundo Brasil como o mundo que passa nas novelas. Aí, “Ah, eu quero estudar no Brasil! Meu sonho é estudar no Brasil!”. Aí, terminei o colégio e...

Entrevistadora: Muitas pessoas fazem esse caminho? De vir para o Brasil?

Maria Felícia: Nossa! O Brasil é... quando você fala do Brasil em Cabo-Verde é aquela coisa: “Brasil!”...

Entrevistadora: Então qual é a imagem do país antes de vir?

Maria Felícia: Que é aquela alegria, pessoas simpáticas, samba, você anda na rua, todo mundo rindo, simpatia, futebol...

Entrevistadora: Só alegria!

Maria Felícia: Só alegria, só tinha coisas boas!

Maria Felícia: Nossa, foi muito bom! Não foi aquela coisa que eu esperava; vim com uma expectativa a mais, acho que por essa coisa de você vir esperando, acho que acaba decepcionando, porque você coloca muita coisa em cima do que é o Brasil, o que você vai encontrar, como as pessoas vão te receber e você acaba se decepcionando porque não é assim. Não é aquele Brasil de novela que passa nas novelas, nos programas televisivos.

Entrevistadora: Como é esse Brasil que não é o televisivo?

Maria Felícia: O que eu notei é que as pessoas... é muito trabalho, é muito estresse, todo mundo está naquela correria. Na minha sala, por exemplo, eu vinha e não sei se o problema estava comigo, porque até chegar no Brasil eu era muito tímida, tanto é que eu fiquei parada um ano, antes de vir, por que eu não conseguia sair de dentro de casa, porque eu era muito tímida. Aí depois eu decidi, tenho que me libertar, vou fazer o meu curso. Quando cheguei aqui, ficava na sala, sentava sozinha, conversava com duas pessoas... tanto é que eu não tenho muitos amigos na minha sala, eu falo com dois deles, mas não tenho amigos...

## MUNIZ

Muniz: Primeiro porque eu tive muito contato com brasileiros lá em Angola mesmo, não cresci, mas estudei numa escola religiosa católica que tinha muitos padres brasileiros, tinha muita gente brasileira, voluntários, muitos outros; bom, esse talvez pudesse ser um dos motivos também, porque tinha gente lá do Brasil; outro ponto também é porque falam a língua portuguesa, também seria um outro; tem outro ainda, porque quando eu recebi essa oportunidade de bolsa, eu estava no interior de Angola, numa província do leste, leste de Angola...

Entrevistadora: E como foi quando você chegou aqui?

Muniz: Para mim foi um pouquinho difícil, porque a princípio eu pensei que fosse ser fácil pela língua, mas nos primeiros dias, primeiras semanas foram difíceis por isso; é português, mas o sotaque ainda era muito diferente, o sotaque, a organização das palavras, a gramática também era diferente e isso dificulta. Eu precisei de mais ou menos duas semanas para me adaptar. Esse foi o meu contato com as pessoas e em São Paulo também as pessoas são fechadas, um pouquinho, isso eu achei num primeiro momento, às vezes quando você conversa, elas se tornam um pouquinho mais abertas com o tempo. Outra dificuldade é que quando a gente chegou aqui sem estadia para morar; a gente teve que se virar com as aulas começando, eu cheguei atrasado um mês, com as aulas começando na PUC; cheguei em março, já tinha começado as aulas, aí eu fiquei: o que eu faço agora, onde eu procuro, porque nem sempre a gente sabe onde procurar casa para alugar, é uma coisa difícil, e depois aqui também tinha que regularizar a situação da polícia, da estadia, da Polícia Federal, com o protocolo; então foi... meu impacto foi meio que agressivo, na verdade, porque não tinha ninguém.

Entrevistadora: Qual a imagem que você tinha antes de chegar aqui?

Muniz: Bom! São várias as imagens que a gente tem, porque lá em Angola a mídia brasileira é muito grande, é intensa mesmo! A Globo, a Record, são as duas emissoras televisivas que estão muito em Angola, só que cada uma transmite algo diferente, como aqui no Brasil, a Globo é diferente da Record. Então eu não tinha uma imagem assim... eu sabia que o Brasil é grande, muita quantidade de pessoas, gente muito alegre, todo mundo que eu conhecia era muito alegre e simpático, não sei se é porque estavam em Angola, mas eram e ainda são agora e um pouquinho das dificuldades com relação às pessoas, por

que diziam que no Brasil é difícil em algumas regiões se lidarem com pessoas diferentes, mas isso não afetou em nada para mim.

## JUCA

Juca: A gente tem contato com o Brasil não por livros, mas pelas novelas; então as pessoas acabam tendo aquela imagem que acontece na novela que acontece no cotidiano, tanto na criminalidade, quanto na vida social e não é.

Entrevistadora: O que te surpreendeu quando você chegou, que você falou: Puxa, não imaginava que era assim!

Juca: Acho que é mais o cotidiano, a questão social e, embora sendo diferente de um Estado para o outro, mas em São Paulo o que mais me surpreendeu foi isso aqui, que as pessoas são mais na delas!

Entrevistadora: Você acha que as pessoas aqui ficam cada um na sua?

Juca: Uma ou outra, não todas, não posso generalizar; eu tenho bastante amigos, mas na sua maioria, principalmente entre vizinhos, essa coisa, você mora com o vizinho ao lado e o vizinho nem sabe quem é...

Entrevistadora: Isso foi uma surpresa? Alguma coisa que mais foi diferente do que você imaginava que fosse encontrar no Brasil?

Juca: Outra coisa diferente é questão da visão que a gente tem da criminalidade, e que na verdade não é, porque lá a gente já pensa em traficante, vê tiroteio, mas não é.

Entrevistadora: Vocês lá veem tiroteio?

Juca: A visão que a gente tem é que em qualquer canto do Brasil você encontra bandidos, mas na verdade não é.

## LORIVAL

Lorival: Mais informação! A gente mais assiste a Tevê Record e você consegue... além de assistir telejornal, novelas, essas coisa, futebol.

Lorival: Quando eu cheguei aqui era tudo estranho, porque eu via era tudo diferente. Pessoas, cheguei aqui vi muita gente! Fiquei assim “como pode ter tanta gente assim”, tipo, eu só sabia pelos livros que o Brasil tinha 190 milhões, mas eu não faço ideia do que é 190 milhões. Quando eu cheguei aqui e vi gente em tanto lugar assim...

Lorival: Me senti perdido!

## GLÓRIA

Glória: Brasil, jogador de futebol! E que é um país que está se desenvolvendo e saindo em frente e tipo, faz parte dos países emergentes. É isso que eu sei do Brasil...

Glória: Já que o meu curso é economia, eu pensei “ah, Brasil vai ser muito legal, porque é um país que já vive uma situação errada e está tentando sair dessa situação”.

## ANTÔNIA

Antônia: Assim, eu gostei do Brasil, é por isso que eu escolhi o Brasil.

Entrevistadora: Você já conhecia o Brasil?

Antônia: Só por TV, e a gente também assiste novela, essas coisas.

Antônia: Quando eu cheguei aqui, eu fiquei chocada de ver as pessoas em situação de rua, porque lá a mídia não passa isso para a gente, eles passam apenas os bons momentos, como Copacabana, essas coisas, e todo mundo lá está louco para conhecer o Brasil, mesmo que eu estou aqui agora, se eu falar para uma menina para ele não vir para o Brasil, ele vai me xingar, porque ele vai falar: “ah, você já está lá e você não quer que eu vá”. É isso, tem uma imagem muito grande...

Antônia: Sim! Eu nunca imaginei que vai ter uma pessoa pobre aqui no Brasil nessa situação; porque as imagens que eu vejo lá, eles nunca passaram isso para gente, quando você vê televisão, você vê Copacabana, Ipanema, Rio de Janeiro, São Paulo toda iluminada, eu falava : “nossa, parece que você está no universo mesmo”.

#### IV ANÁLISE PRECONCEITO O PRECONCEITO E SUAS DIFERENTES TONALIDADES

MARIA FELÍCIA

PAÍS: CABO VERDE

LÍNGUA/DIALETO: CRIOULO

Entrevistadora: Como é Maria Felícia, você sente em algum momento preconceito?

Maria Felícia: Não, nunca senti!

Entrevistadora: Nunca sentiu? Preconceito na universidade, por pessoas diferentes, brasileiros ou estrangeiros, enfim...

Maria Felícia: Não! Tipo, em relação a outros estudantes, por exemplo, os EUA, sempre tem aquela coisa, “ah, os EUA, o pessoal é dos EUA e não sei o quê!”. Chama mais a atenção. Não sei se por eu ser, tipo, eu fico quieta, chego na sala e fico sentada sem falar nada e fico quieta, acho que por causa disso, mas sempre tem essas coisas. Até teve uma última vez que a pessoas chegou e falou assim: tem alunos de EUA, tinha francês e tinha argentino, aí a professora falou: vocês podem fazer a prova na língua que vocês se sentirem melhor: inglês, francês ou espanhol, porque daí vocês vão escrever melhor. Aí eu pensei, mas não falei pra ela, eu poderia fazer também em crioulo, eu também sou estrangeira! Mas acho que é porque são intercambistas e eu vim fazer quatro anos e não me vêem como intercambista, mas como uma pessoa... eu vim para fazer o curso e não sou mais...

Entrevistadora: As regras são diferentes!

Maria Felícia: São diferentes!

Entrevistadora: essas regras, de alguma maneira, pode-se dizer que elas são preconceituosas?

Maria Felícia: Acho que não! Eu sempre falo que você sente preconceito se você se sentir mal, e se o preconceito começa a te afetar, e eu não sinto isso...

Maria Felícia: Nunca! Eu até, isso que eu falo, pode ser até que eu já tenha sofrido isso, mas eu não senti isso. Você tem que... como eu falo, se sentir o preconceito, você tem que... se eu sentir inferior, seu ficar com medo do que eles estão pensando... eu me acho igual a todo mundo, isso não afeta, mesmo se isso acontecer perto de mim, eu não... não

sei, acho que não tem...

MUNIZ

PAÍS: ANGOLA

LÍNGUA: CHOKOEI (MÃE) E LUVALE (PAI)

Muniz: Difícil no sentido de muito preconceito com o africano, com o negro mesmo; mas só que nada muito intenso, pelo menos em Angola não é muito, porque existe muita ligação Angola-Brasil, tem muitos programas de relação entre Angola e Brasil e isso acaba talvez, diminuindo, mas não foi assim ruim do Brasil... por isso que eu peguei o que eu tinha e vamos para frente.

Muniz: Eu acho que foi uma novidade para todos, tanto para mim, como para eles, mas a relação com eles é ótima, é boa; aliás, parte de mim mesmo, eu digo assim: que quem faz o ambiente somos nós mesmos, quer dizer, eu só gosto de conversar com as pessoas e quando elas veem isso, elas se abrem, interagem também; então foi ótimo, não tive problema nenhum, com os alunos. Com os professores sim também, mas há uns professores meio rígidos, meio que... aconteceu comigo, por exemplo, parece que odiavam africanos, tipo, piadas de mau gosto, não piadas... eu tive uma professora que era muito... nossa, era muito terrível comigo, é que eu falava muito em sala de aula, eu gosto de falar, responder, perguntar; mas parece que para ela isso não era bom, interagir muito, ter um aluno africano na sala, então eu tento perguntar alguma coisa ela não quer responder, ou responde insatisfatória, um professor aconteceu assim.

Entrevistadora: E piadas de mau gosto, de que tipo?

Muniz: Não são bem piadas, mas frases que para mim foram meio constrangedoras.

Entrevistadora: Por exemplo?

Muniz: Suponhamos, há um preconceito dentro, no geral, tanto nas pessoas aqui, que eu até admirei porque algumas pessoas tem o mesmo, porque para mim não, os professores tem o conhecimento mais amplo das coisas, teriam um conhecimento razoável disso; o aluno tudo bem, porque nem todo mundo está na área da educação e tem esse olhar atento para todo lado, com todo mundo; mas não o professor, eu acho que tem que ter uma visão diferenciada dos outros. Suponhamos que eu chegasse na sala de aula, assim, e nós éramos três africanos na sala, a Glória, mais um cabo-verdiano que mudou para a noite e eu; mas os dois são mais calmos em sala de aula, são mais tranquilos, eu que fui mais assim extrovertido; então, suponhamos que eu chegasse na sala de aula, e a matéria sobre história, e dizia que o continente africano não tem pessoas, que não podem considerar como pessoas; bom, isso para mim é a opinião dela, mas tem limites isso para mim, né.

Entrevistadora: Ela dizia, só para eu entender, estava contando sobre a cultura africana...

Muniz: Ela dava exemplos de economia, mas muito fora do comum para mim, chegava em sala de aula e ia falar sobre comércio, por exemplo, sobre trabalho, ela chegava e dava o exemplo: “na África, por exemplo, não tem trabalhadores, porque não tem pessoas especializadas para isso!” Ok, isso para mim pode falar, é normal! “Porque eles não são educados, não são preocupados com a educação!” Não! Você pode falar isso de outra maneira, que é uma situação difícil, não no sentido de ferir quem está presente, então isso para mim foi meio abusivo, mas no geral...

Entrevistadora: Então você compreende isso como um preconceito ou que nome você dá para isso?

Muniz: Entendo como preconceito porque a pessoa já tem uma imagem fixa geral da África; de Angola, eu não sei, mas da África no geral já tem uma imagem, de todas as qualidades ruins possíveis, e ela dizia que achava mesmo que tudo que acontecia de ruim

no mundo é lá, que o HIV surgiu de lá e termina lá, e no meio de muita gente, de alunos, para mim eu acho meio provocante. Sim, eu falava com ela, mas isso provocou um tumulto que não foi bom. Porque: “oh, você tem convênio, se você implicar com professor, você tem bolsa de estudo”, meio que ameaças. Essa foi uma relação péssima que eu tive com um ou dois professores.

JUCA

PAÍS: ANGOLA

LÍNGUA/DIALETO: KIKON

Juca: Porque nós, a princípio, ao chegarmos nas universidades, somos vistos como estudantes que ocupam lugares dos brasileiros, então já começa por aí. Acho que as instituições não fizeram uma divulgação antecipada aos estudantes brasileiros sobre a importância, sobre a vinda dos estudantes estrangeiros, sobre o impacto que isso traria e muitos estudantes acabam sofrendo esses problemas.

Entrevistadora: Como que vocês sofrem?

Juca: Mais é questão de fazer trabalhos em grupos, é uma coisa meio difícil, porque a gente tem dificuldade de adaptar horários, mas os colegas não entendem e aí fica difícil, acho que é esse problema.

Juca: O preconceito sempre há, se há pro próprio brasileiro, imagine pro estrangeiro, então acho que no âmbito de todas as esferas você encontra. Eu tenho professores que diria mesmo que eu não tenho problemas, mas tem professores que eu não diria, claro que nunca me falou; mas você sente nas relações, na forma como te tratam, mas há professores que pra mim, eu quero voltar a vê-los a minha vida toda.

Entrevistadora: Você acha que os estudantes, por virem do continente africano, sofrem um preconceito diferente ou maior que os estudantes estrangeiros que veem de outros continentes?

Juca: Bastante, eu estudei em uma sala que tinha um outro estudante da América Latina, Peru, e é diferente, querendo ou não, muitos professores às vezes usam a língua pejorativa do continente e não entende...

Entrevistadora: Como é?

Juca: Um exemplo: Quando vai falar da estrutura social, da estrutura habitacional, a visão que às vezes tem muito... que todo mundo na África sofre, mas muitos africanos vieram sofrer aqui...

Entrevistadora: Ah, eles tem essa visão?

Juca: Tem essa visão! Às vezes a pessoa tenta explicar: não, não é isso, isso tem, entendeu...

Entrevistadora: Quem tem essa visão?

Juca: Muitos alunos, quantos professores. Agora, um ou outro professor, que já foi no continente africano, tem uma visão diferente do que é a África.

Entrevistadora: E essa visão que alguns têm, qual o impacto dessa visão na sua vida aqui, na sua migração.

Juca: O impacto é grande para mim, porque, querendo ou não, quando alguém fala um dado que você sabe que não é, há momentos em que a pessoa ouve, mas deixa, não vou falar, entendeu, porque mesmo que eu explicar, não vai entender, então deixa, por que são um problema de geografia, né, que envolve um problema geográfico, porque muitos têm a África como um país e não como continente, então são vários problemas, entendeu.

Entrevistadora: E acham que todos os africanos estão morando no mesmo país?

Juca: Isso, e por mais que você diga que a África é muito grande, que tem diversas

culturas; por exemplo, Congo e Angola têm mais de treze línguas faladas, com livros escritos, bíblia, dicionário, entendeu, línguas nacionais...

Juca: Por exemplo, a questão de você estar no meio e enquanto as pessoas não conhecerem quem você é, as pessoas estão com medo; então acho que uma das primeiras. Você vai a um shopping e os seguranças ficam atrás, isso é uma coisa pela qual eu nunca passei e a questão da polícia também.

Entrevistadora: Como é isso?

Juca: É que a polícia daqui, há um ano, a PUC mandou uma carta para eles advertindo para o número, do enquadramento dos estudantes africanos e tudo mais. E no meu país, nunca tinham mandado eu parar e eu cheguei aqui e fui apontado por arma e tudo...

Entrevistadora: É mesmo?

Juca: É! E no meu país isso nunca...

Entrevistadora: E você acha que isso é por quê?

Juca: Acho que por aquela questão mesmo, acho que a polícia pensa que negro é gatuno, que negro é bandido, traficante, acho que envolveu muito essa questão ali né.

Entrevistadora: Você acha que o Brasil é um país preconceituoso?

Juca: É, mas dependendo de que área e de onde você estiver, porque há local que você vai e fica a vontade e tem lugar que não.

Entrevistadora: E como você lida com isso, como você administra isso?

Juca: Lido isso com naturalidade, embora deixe-me constrangido, mas eu tenho na cabeça que eu não vou morar aqui, então esse é um problema daqui, o povo brasileiro, eu sofro, e não vai mudar, não é hoje que isso vai mudar. Então não vai ser eu a acabar com isso, então posso me sentir constrangido, mas levo isso com naturalidade.

## LORIVAL

PAÍS: GUINÉ-BISSAU

LÍNGUA/DIALETO:

Lorival: Nada de preconceito. Não sei, pode acontecer, mas eu não vi nada. Como a gente, no meu país não tem essa coisa de preconceito, tem mais negros, pouca gente branca, mas não tem. E lá, essa coisa de um ser rico e outro ser pobre, a gente vive na mesma sociedade...

## GLÓRIA

PAÍS: NIGÉRIA

LÍNGUA/DIALETO: IURUBÁ

Glória: A única coisa que eu acho que tem é um preconceito.

Entrevistadora: Como é isso?

Glória: Tipo, os cabo-verdianos eles se acham; os nigerianos acham que são ricos, são essas coisas!

Entrevistadora: Ah, tem isso? Como é, me fala um pouco mais!

Glória: A gente fala que os cabo-verdianos acham que são bonitos, as mulheres e... tipo, eu já ouvi eles falando que nigerianos acham que tem dinheiro, então... com aparência, tá rico, tá tentando mostrar para a gente que tem dinheiro...

Entrevistadora: E isso como impacta na relação de vocês dentro da universidade?

Glória: Eu acho que... tipo, você está em um novo ambiente... por exemplo, eu só tenho o Muniz e o Alex, o Alex é do Cabo-Verde e o Muniz é de Angola. Tipo, não tem nenhum

descendente da Nigéria aqui, entendeu? Então, a gente esquece a diferença entre os países e, tipo, acham que a África é um...

Entrevistadora: Vocês acham que a África é um, ou nós achamos?

Glória: É, tipo, aqui no Brasil tem um monte de pessoas que acham que a África é um país! E não é, a gente tem diferenças, um monte de coisas diferentes!

Entrevistadora: E como é essa ideia que os brasileiros acham que todos da África vieram de um único lugar?

Glória: Nossa, é difícil!

Entrevistadora: Por quê?

Glória: Porque não dá para explicar que como o Muniz pensa é muito diferente da forma como a gente pensa e vive na Nigéria, mas a gente conhece a diferença!

Glória: Eu acho que ainda tem aquele preconceito dos negrões brasileiros, eu percebi!

Entrevistadora: Me fala um pouco desse preconceito que você percebeu!

Glória: Não sei, acham que negrão tem se comportar de um jeito... ruim, não sei! E quando eles veem “ah, ela não é do Brasil! É por isso que tá diferente”.

Entrevistadora: Como é dentro da universidade, você sentiu diferença e de que jeito?

Glória: Eu sinto que às vezes eu acho que não é porque eu sou negra, eu acho que é porque eu não sou daqui. Se for uma outra pessoa branca pode sentir a mesma coisa...

Entrevistadora: Você acha que os estudantes que vem do continente europeu sofrem preconceito?

Glória: Também!

Entrevistadora: Me conta um pouco, como é então?

Glória: A língua! Tipo, antes de... quando ele sabe que você é de fora, primeiro quando você chega aqui, trabalha em grupo, você tem que ficar quieto; eles sentam, dividem entre si e não tem aquela confiança que você vai conseguir fazer!

ANTÔNIA

PAÍS: GUINÉ-BISSAU

LÍNGUA/DIALETO:

Antônia: Não sei, até teve uma menina que chegou a perguntar se eu morava com leão, macaco, eu perguntei, como assim? A gente tem casa, como vocês...

Entrevistadora: Antônia, você está me dizendo que você sofreu preconceito.

Antônia: Nem sabia se era preconceito, porque eu nem imaginava que isso pode ser preconceito. Pra mim é normal, eu acho que ela não sabia colocar a pergunta que ela queria colocar e ela colocou desse jeito, mas eu nem levei para o lado pessoal. Quando eu estava fazendo serviço social, e surgiu essa coisa do preconceito, que eu me dei conta que era preconceito, mas no momento...

Entrevistadora: Você não se atentou para isso?

Antônia: É, mas era preconceito mesmo. Tentei falar para ela que a gente tinha casa como vocês, que a gente mora, eu nem conhecia leão, simplesmente vendo teve, que nem você, porque eu não conheço, mas eu ‘tô no curso de Serviço Social e eu estou muito bem, não só porque ele está me ajudando, mas porque eles me veem como pessoa.

Antônia: Eu diria para eles verem a pessoa com um olhar, não é cor que define a pessoa, cada um tem uma cor, branca, preta...

Entrevistadora: Você acha que o preconceito foi por causa da cor?

Antônia: Eu acho!

Entrevistadora: Não por ser africano, poderia ser brasileiro...

Antônia: Sim, é isso; mas eles passam a ver as pessoas como ser humano, porque as



pessoas são um só, não tem diferença, não tem distinção, nós todos somos um só mesmo, tem que ter esse olhar dentro da PUC, fora da PUC em qualquer outro lugar.

Entrevistadora: E como a universidade pode ajudar nisso?

Antônia: Eu gostaria que eles tentassem chamar essas pessoas, fizessem debates, falando dessas coisas e fazer com as pessoas entendessem que tem um aluno aqui dentro da universidade que é africano. Até no semestre passado, ocorreu um aluno que está fazendo direito, e uma outra que está fazendo direito e que ela é negra, o nome dela é Neusa, sofreu preconceito. O menino mandou e-mail para ele que o cabelo dele é ruim, não sei o que, e tem um monte de ato aqui, mas não aconteceu nada até agora, e isso está acontecendo todos os dias.

Entrevistadora: Você está me dizendo que percebe o preconceito todos os dias aqui?

Antônia: Todos os dias, mas isso para mim, isso não é preconceito.

Entrevistadora: O que é isso para você?

Antônia: É normal, eu não acho que... como eu falei na hora que a menina perguntou se eu morar com leão, eu nem sei se é preconceito; pra mim não existe, eu não vejo preconceito, eu não baixaria minha cabeça para isso, porque isso é preconceito, pra mim, você é quem sabe, fale o que você quiser, eu já estou aqui na PUC, de qualquer jeito, seja bolsista ou não, eu estou estudando e você não vai tirar; quem vai me tirar da PUC é meu desempenho.

Entrevistadora: Você falou uma coisa importante Antônia, o fato de vocês serem bolsista, isso também... como que é isso?

Antônia: Para mim nunca aconteceu, mas tem uma menina que é pronista, da Proune, ela sofreu também esse preconceito, que a menina falou para ela: você é pronista, você não paga nada! Mas para mim isso não importa, o que importa é estar na PUC, estudando, sendo bolsista ou não; se você for pagante, você paga e vai formar, e eu que sou bolsista também vou.

## AS DIFERENTES NUANCES DE SENTIR-SE SÓ

### MARIA FELÍCIA

Maria Felícia: O que eu notei é que as pessoas... é muito trabalho, é muito estresse, todo mundo está naquela correria. Na minha sala, por exemplo, eu vinha e não sei se o problema estava comigo, porque até chegar no Brasil eu era muito tímida, tanto é que eu fiquei parada um ano, antes de vir, porque eu não conseguia sair de dentro de casa, porque eu era muito tímida. Aí depois eu decidi, tenho que me libertar, vou fazer o meu curso. Quando cheguei aqui, ficava na sala, sentava sozinha, conversava com duas pessoas... tanto é que eu não tenho muitos amigos na minha sala, eu falo com dois deles, mas não tenho amigos...

Foi aquela coisa de você se virar sozinha! Não ter familiar por perto, você sabe que se tiver sete reais, aqueles sete reais você tem que fazer valer até o final do mês, para poder chegar; e você sabe que está sozinha aqui, tem que se virar muito para poder chegar...

Maria Felícia: A Ilha do Fogo é muito pequena, todo mundo conhece todo mundo. Tem aquela coisa do vizinho ajudar, eu conheço você, está faltando açúcar eu vou na sua casa e peço... é aquela coisa de vizinho, todo mundo se dá muito bem. E São Paulo é a cidade grande, você vem e tipo, você vê uma pessoa e não vê ela nunca mais, no ônibus, por exemplo! E tem aquela coisa das pessoas serem muito dispersas, cada uma tem a sua vida,

correria; na Ilha do Fogo não, é bem tranquilo...

## MUNIZ

Muniz: A princípio foi difícil, porque você sente falta de todo mundo, a cada pouco você está deixando; eu senti falta, mesmo eu já tendo saído antes, porque com 14 anos eu saí de casa para estudar em outra província e tal, mas não é o mesmo que estudar fora do país. Não é o mesmo, porque lá é dentro de Angola e você dá um pulo e atravessa facilmente, a qualquer hora, a qualquer momento porque não demora, dá para fazer; agora fora de Angola aí é um pouquinho mais puxado. No começo foi difícil, com muita saudade de todo mundo, queria falar com o irmão, sobrinho, pai, mãe, queria falar toda hora.

Muniz: Quase em geral, tudo já foi dito, mas a única coisa difícil, na parte de dificuldades, é estar sozinho, num lugar, é difícil; mas você aprende muito, aprende como é viver em uma sociedade que você pode desenvolver facilmente, você pode ser criativo, você pode fazer qualquer coisa, é nesse sentido.

Na verdade o que mais me marcou foi a questão... porque, eu sendo um estudante estrangeiro, não tenho algo meu aqui no Brasil, ou alguém da minha família, não tenho nada; então quase que tudo para mim é meio custoso, difícil de fazer; a princípio, a questão de declaração e visto aqui no Brasil é muito difícil, meio que dificulta para os alunos.

## JUCA

Juca: A minha vida não é a mesma da que era em Angola, todos os amigos ficaram, todos os de infância... falo com eles também, uma vez ou outra, então são essas questões mesmo, questões do cotidiano, do dia a dia. A gente acaba se sentindo muito só...

## GLÓRIA

Glória: Uma universidade... tipo, eu acho que os professores daqui me tratam ainda melhor! Os professores lá, tipo, não se importam; os professores aqui tentam ajudar. Quando eu cheguei aqui, os professores me levaram para a biblioteca, mostraram livros em inglês, tipo “Isso ajuda! Você tem que estudar isso! Eu vi um livro na USP e vou trazer para você!” tentam ajudar! Mas se fosse na Nigéria, nossa!

Glória: Isso! Acho que foi uma experiência de conseguir sobreviver sozinha!

Acho! Se comunicam; tentam não deixar você sozinha! Eu acho!

Tiveram desde estudantes nigerianos, eu era a única mulher, nove homens e tem muitas pessoas que provaram, só três pessoas passaram, na verdade quatro, tinha um que queria vir para fazer o doutorado dele...

Entrevistadora: E os outros dois que passaram vieram para graduação na PUC?

Glória: Não, um está em Salvador, Bahia, e o outro está em Brasília.

Entrevistadora: Como é, ser uma mulher no meio de tantos homens?

Glória: É um desafio, porque, você pensa, agora não é só passar, é mostra que uma mulher pode fazer isso! E eu consegui, passei! Mas fiquei com medo!

## ANTÔNIA

Antônia: Em termos de educação mesmo, o ensino é muito diferente, para o nosso país, nós estamos muito atrasados, quando você chega aqui... assim na sala de aula, você encontra muita dificuldade, porque aqui eu vejo que quando a criança sai do terceiro colegial tem que fazer o cursinho; no meu país isso não existe, quando você sai do terceiro colegial já procurando a bolsa, essas coisas; aqui o ensino é mais forte pra mim, lá é fraco.

Antônia: Muita, eu não vejo a hora de voltar. Sabe, eu não estou mal do Brasil, eu estou bem; mas assim, tem aquela hora que...

Entrevistadora: O coração fica apertado?

Antônia: É! Que você precisa falar com a sua mãe com o irmão e eu não vejo ninguém para falar.

Antônia: Eu fiquei com aquelas meninas e elas estavam pagando tudo pra mim e no semestre seguinte eu consegui aquela bolsa para a moradia, 500 reais por mês e é esses 500 reais que eu estou vivendo aqui no Brasil e com a ajuda de algumas meninas do serviço social que estão me ajudando.

Entrevistadora: Antes de vir, você tinha alguma preocupação, algum medo, qual era?

Antônia: Medo de ficar sozinha, longe da minha mãe e meus irmãos.

## V ANÁLISE

### MARCAS DA EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO MUDANÇAS QUE A EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO TROUXE MARCAS IMPRESSAS PELA EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO

#### MARIA FELÍCIA

Entrevistadora: Gosta de Felícia? Então Felícia, me fala uma coisa, que mudanças, essa experiência de viver no Brasil, trouxe para sua vida?

Maria Felícia: Muitas! Aprendi a ser uma pessoa mais independente! Aprendi a focar mais nos meus objetivos, se é isso que eu quero eu vou atrás até conseguir, eu aprendi a me virar sozinha, porque tudo era a minha irmã que fazia por mim. Quando eu cheguei aqui... você vê o mundo com outros olhos, não com aquele inocente, perde a sua inocência, porque Cabo Verde é um país onde tudo é assim... você não vê muita dificuldade, é como se você consegue enxergar o mundo como ele é, porque você está num lugar em que você pensa que tudo é bonito, que não tem conflito, você não vê, por exemplo, pessoas na rua passando fome. Então você pensa que o mundo é assim e quando você vem aqui você vê que o mundo não é assim!

Entrevistadora: E essa possibilidade de ver o mundo de outras formas fez o que com você?

Maria Felícia: Fez eu querer mudar o mundo... querer ir para o mundo, agora que eu saí de Cabo-Verde, eu quero ir para o mundo. Tipo como se você está numa nave e começa a se soltar, eu conheci o mundo, agora quero explorar mais esse mundo, dá mais vontade de ir além.

Entrevistadora: Que legal! Como é que você pensa... porque você termina agora no final do ano! Qual é o seu projeto de futuro, o que você pensa em fazer?

Maria Felícia: Eu vou para os EUA, porque a minha mãe mora nos EUA e já tem documentos americanos, a cidadania, tanto é que meus irmãos forma morar nos EUA. Aí

eu já fui e pretendo fazer alguma coisa; terminar aqui e depois ir para os EUA.  
Maria Felícia: Sensacional! Uma experiência de vida. Eu acho que todo mundo deveria ter essa experiência, essa oportunidade, eu acho que todo mundo deveria fazer, por que quando voltamos, as pessoas.... porque você diz” ah, eu fui estudar no Brasil!”, nossa as pessoas dizem “ah, foi estudar no Brasil, mas aqui tem boas universidades para você estudar aqui. Certo, mas você estudando lá, você está perto da sua família, já aqui tem coisas que você vê, que se estivesse lá, talvez você não conseguiria ver. Estuda coisas... a universidade é muito mais avançada que a de Cabo-Verde. Não tem como, é muito mais!

## MUNIZ

Muniz: Eles tiveram essa experiência e se sentem orgulhosos por estar tendo essa oportunidade. Acham que é uma oportunidade única para mim e eles acham que eu tenho muita coisa pela frente com essa vinda no Brasil.

Muniz: Depois desse curso, eu tenho perspectiva de continuar me formando. Fazer o mestrado pra frente; eu não queria parar agora, fazer a graduação e colocar uma pausa para ir trabalhar talvez, mas eu queria continuar.

Entrevistadora: Continuar aqui?

Muniz: Isso é o problema, porque dependendo do que virá no futuro, se eu continuar aqui no Brasil, ou em outro lugar, ou em Angola mesmo, mas meu pensamento é continuar a estudar, só que não sei aonde, se é em Angola ou aqui, ainda não sei, por enquanto. Falta um ano e meio para eu terminar, mas ainda eu não pensei onde eu vou continuar estudando. Mas no momento eu estou pensando em fazer a prova do mestrado aqui na PUC, para a USP ou qualquer faculdade que for possível; se não der, vou para Angola, continuo lá.

Muniz: O que marcou mesmo em primeiro lugar foram as pessoas diferentes em São Paulo, por mais que são diferentes em relação ao que eu pensava, mas são diferentes e isso me marcou muito, no bom sentido.

Entrevistadora: São pessoas diferentes...

Muniz: Nas atitudes, porque a gente esperava que todo mundo aja com todo mundo diferente, comportamentos globais, por exemplo, porque em Angola, as pessoas se comportam de maneira diferentes, tem atitude diferente, conversam diferente. Aqui em São Paulo também, as pessoas se comportam diferente, tem conversas diferentes, age diferente...

Entrevistadora: Me fale uma diferença, um exemplo para eu entender melhor o que você está dizendo.

Muniz: Uma diferença que factível... é que só consigo perceber isso, sentir, que há diferença, e que é boa, agora tentar explicar com palavras eu não sei, talvez agora eu não consiga achar.

Muniz: Foi ótimo, pelo menos eu tive a possibilidade tentar falar alguma coisa do meu país para muita gente, alunos, professores, professores de outras instituições também. Foi emocionante, isso foi uma parte histórica também, da cultura, trouxe... como é que chama... quadros, pinturas, desenhos, mostrando um pouquinho da parte artística do nosso país.

Muniz: Acho que sempre é positivo, mas o impacto acho que teve que aprendi mais ainda; culturalmente aprendi muito; provavelmente desenvolveu uma parte minha de personalidade, porque eu tenho a minha personalidade, no entanto desenvolveu mais conversando com outras pessoas, outra cultura, numa universidade que tem muita gente

diferente. Isso acabou desenvolvendo um Muniz mais evoluído, entre aspas; então é um impacto positivo, porque a pessoa cresce, tanto na personalidade e em outro também. Ótimo, tem que ter bis de novo, tem que repetir. Se for para quatro vezes, melhor para mim; eu volto quantas vezes puder, quantas vezes for, eu vou para dentro.

## JUCA

Entrevistadora: Se você pudesse me destacar alguma coisa que marca a sua experiência de migração.

Juca: É uma experiência ampla, é o que eu sempre digo, a questão de ter saído do país é um aprendizado, porque estou aprendendo coisas que se estivesse em Angola, talvez não aprenderia. Questões de morar sozinho, de ter que gastar isso e isso não. Também questões de saber aprender sobre outra cultura, nessas questões de diferenças, acho que foi muito.

Juca: O meu projeto é trabalhar na área que eu almejo que é a organizacional.

## GLÓRIA

Glória: Uma universidade... tipo, eu acho que os professores daqui me tratam ainda melhor! Os professores lá, tipo, não se importam; os professores aqui tentam ajudar. Quando eu cheguei aqui, os professores me levaram para a biblioteca, mostraram livros em inglês, tipo “Isso ajuda! Você tem que estudar isso! Eu vi um livro na USP e vou trazer para você!” tentam ajudar! Mas se fosse na Nigéria, nossa!

Entrevistadora: O que essa experiência, de viver aqui no Brasil, estudando numa universidade brasileira, tem trazido de mudança na tua vida?

Glória: Eu acho que... eu me disciplinei mais, porque eu olho para um desafio que eu tenho, e me sai bem, depois de todos esses problemas, eu acho que não dá para voltar para uma vida bem...

Entrevistadora: Light!

Glória: Isso! Acho que foi uma experiência de conseguir sobreviver sozinha!

Glória: Primeiro, o programa, o acordo é o governo brasileiro está dando a oportunidade de estudantes africanos virem para cá aprenderem como é e voltam pro seu país! E é isso que eu quero fazer!

## ANTÔNIA

Entrevistadora: O que mais tem marcado sua experiência de migração, de viver no Brasil, o que mais tem marcado?

Antônia: O conhecimento que eu estou adquirindo, porque quando eu cheguei aqui eu tenho muitas dificuldades, até para mexer no computador eu tenho dificuldades. Eu conversei com a Mônica, ela passou o endereço na Santa Cecília, na Rua Albuquerque Lins, tem lugar lá da prefeitura que faz... um curso de computação de graça e eu participei por três meses.

Entrevistadora: Te ajudou?

Antônia: Muito. Eu falei assim: nossa, estou crescendo! Porque nunca eu imaginei que conseguiria fazer isso, e estou conseguindo. É uma mudança para melhor.

Entrevistadora: Que palavra, que frase, é mais forte, porque você disse que está crescendo, de 2009, quando você chegou para hoje, 2011, o quê resumiria a tua experiência?

Antônia: Eu falo assim, vale a pena lutar para você dizer, para você conseguir; eu sei que quando eu saí de lá eu tinha muita dificuldade e agora eu superei essa dificuldade, eu não vejo mais se eu tenho absorvente, se eu tenho sabonete, o meu foco agora é estudar para conseguir o melhor para mim mesma; não importa o que eu passei desde 2009, o meu foco é chegar no final de 2012 e sair formada em Serviço Social, em qualquer área que seja, não importa.

Antônia: Eu vejo, antes de eu chegar aqui, as pessoas formadas aqui no Brasil tinham emprego, principalmente as pessoas formadas na USP e na PUC, lá o certificado é muito valioso mesmo estudante brasileiro tem diferença, ela estudou no Brasil, lá fora...